



RAÍZES

Ano XVIII - Nº 33

São Caetano do Sul

JULHO de 2006





As capas de *Raízes* são elaboradas a partir das matérias que formam o dossiê (ou seja o assunto principal) de cada edição.

Neste número o dossiê trata das copas do mundo de futebol.

A cada quatro anos, no Brasil, e agora em outras partes do mundo também, as pessoas fazem um hiato em sua programação, para torcer pelas seleções de seus países. Como os gregos, paralisamos nossos afazeres e nos curvamos ante os heróis dos jogos.

Para a elaboração de nossa capa tivemos de pensar em algo menos comum, menos descartável do que costumeiramente se vê nesse período.

Mas não pudemos fugir à realidade. O verde de nossa bandeira certamente é uma referência aos gramados dos estádios, que pelo mundo afora recebem as sagradas chuteiras dos craques brasileiros. O azul só pode ser a cor do calção dos atletas. O amarelo, claro, se não se referir às camisas, será o ouro dos troféus conquistados e a conquistar. O branco está nas meias que envolvem e protegem preciosos pés consagrados.

A capa de *Raízes* foi elaborada pensando na bola, ou no globo, que estufa as redes, ou o barbante, e faz as gloriosas bandeiras tremularem, por todo o país.

Foi realizada a partir de três pinturas a óleo sobre cartão (para obter as texturas), fotografias e digitalização (para atingir as cores). E veio à luz, em quatro dias, depois de uma gestação de mais de 30, quando estamos todos ainda concentrados.

Neusa Schilaro Scaléa

A Revista **RAÍZES** é uma publicação semestral com distribuição gratuita.

■ Editada e Publicada pela
**Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul**

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 - Sta. Paula
CEP 09541-520 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420

www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br
raizes@fpm.org.br

■ COORDENAÇÃO GERAL

Sônia Maria Franco Xavier

■ REDAÇÃO

Jornalista responsável: Alexandre Toler Russo
(MTb 33212)

Digitalização de Imagens: Fábíola Fioravante

Digitação de textos: Fabiana Soler Amaral

Pesquisa: Cristina Toledo de Carvalho

Secretaria e Coordenação: Maria Ap. M. Fedatto

Assessoria: Paula Ferreira Fiorotti

Conselho Editorial: Alexandre Toler Russo, Celso de Almeida Cini, Domingo Glenir Santarnecci, Humberto Pastore, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Rodrigues, Paula Fiorotti, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), Yolanda Ascêncio.

■ IMAGENS

Fotografia: Antônio Reginaldo Canhoni

Capa: Neusa Schilaro Scaléa

■ PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

INTEGRAÇÃO - Ponto a Ponto, Bairro a Bairro, Notícias e Variedades / Antonio Devanir Leite Júnior - MTb 19.866

■ FOTOLITOS E IMPRESSÃO

Estudio ABC e Gráfica Provo

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Raízes em seu 33º número, 16 anos de publicação semestral ininterrupta, continua sendo uma multiplicidade de vozes na reconstrução de aspectos históricos do processo de formação e desenvolvimento da cidade de São Caetano do Sul.

O dossiê foi dedicado às histórias das Copas do Mundo de futebol, mesclando registros oficiais com visões e manifestações locais.

Em plena copa o futebol é assunto de destaque nos textos que, por diferentes óticas, registram aspectos importantes da cultura brasileira.

Nos artigos regionais e cultura, aspectos da São Paulo colonial, a música, a fotografia, a fé e o colecionismo são aqui relatados.

Outros temas como a criação da comarca judiciária, os 50 anos da Construtora Lorenzini, nossos clubes e depoimentos fazem parte deste número.

Uma nova seção "Crônicas e Causos" traz pitorescas lembranças da cidade e de seus moradores.

Boa leitura!

Sônia Maria Franco Xavier

Presidente da
Fundação Pró-Memória de São Caetano Sul

*José Auricchio Júnior,
Prefeito Municipal
São Caetano do Sul*

Nos campos e nas ruas

Muitos vêm a pesquisa histórica como elemento preso estritamente ao academicismo. Ledo engano. O resgate da memória vai buscar desde os grandes acontecimentos, que deixam marcas indelévels no caminho de sociedades inteiras, até hábitos aparentemente prosaicos, mas que igualmente exercem influência grandiosa nas comunidades.

Raízes, em sua edição 33, tem a sensibilidade de render-se à memória do futebol. Esse esporte tão apaixonante e que por ocasião da Copa do Mundo movimenta corações nos cinco continentes. Ademais, ao observar o fenômeno histórico por trás dessa competição, ainda mais em um país tantas vezes campeão, *Raízes* oferece uma leitura apaixonante.

Nessa autêntica viagem pelo tempo, não se pode deixar passar em branco o futebol de São Caetano do Sul, tão rico que sempre foi. Somente ele, isoladamente, rende histórias as mais saborosas. E que tanto têm relação com nossos avós, pais, tios, irmãos, primos, amigos. Nós mesmos enfim...

Por fim, impossível resistir a um paralelo entre o futebol e o cotidiano. Virtudes como a garra, a superação, a dedicação, entre outros, devem estar presentes tanto nos campos quanto nas ruas. Que esses não faltem em nenhum dos dois cenários.



Dossiê / Copa do Mundo

5 - *Política em tempos de copa*

Alexandre Toler RUSSO

10 - *Os títulos do Brasil nas Copas do Mundo de 1958, 1962, e 1970 e a sua repercussão em São Caetano do Sul*

Cristina Toledo de CARVALHO

21 - *Sons e símbolos das copas do mundo*

Sonia Maria Franco XAVIER

28 - *Imagens da Memória – As Copas do Mundo de 1950 e 1970*

Mário DEL REY

33 - *Diário de uma viagem premiada*

Memória Fotográfica do dossiê

Regionais e Artigos

37 - *O paulista e suas paisagens antrópicas*

Juarez Donizete AMBIRES

40 - *Os Exércitos da Fé*

Priscila GORZONI

49 - *A criação da Comarca Judiciária de São Caetano do Sul*

Cristina ORTEGA

54 - *Saint Remu's Club*

Leonardo de Campos NETTO

56 - *Lorenzini: os 50 anos desta construtora*

Ademir MÉDICI

Cultura

61 - *Fotografia e Realidade*

Neusa Schilaro SCALÉA

65 - *O desenvolvimento musical do ABC na década de 1950*

Herom VARGAS, Priscila F. PEROZZO, Rita DONATO

Depoimentos

72 - *Sívio de Aguirre: merecida homenagem*

Yolanda ASCENCIO

75 - *Blas Reche, aguerrido imigrante espanhol*

78 - *Família De Nardi. Da Itália para o Brasil. No Brasil, para São Caetano*

João BRESCIANI

81 - *O dinheiro no tempo e nas coleções*

Celso de Almeida CINI

Memória

89 - *Recordações: 1927, 1928 e década de 1930*

Francisco INODELICATO

92 - *A volta... Il ritorno*

Leonilda VERTICCHIO

Crônicas e Causos

98

Esportes

104 - *Um cruzado do esporte*

Narciso FERRARI

107 - *Memórias do Nosso Futebol II*

Paulinho da VILLA

Memória Fotográfica

111

Registro

115

Paula FIOROTTI



Juscelino Kubitschek e João Goulart a caminho do Catete (RJ), após solenidade de posse no Palácio Tiradentes. Ano 1956

Política em tempos de copa



Embora o título sugira análise extensa do panorama político por trás de todas as copas do mundo, nos mais diversos países do globo terrestre, este texto se resume ao Brasil e a um período específico de sua história: os anos entre 1958 e o começo da década de 1970. Mais restrito ainda é o objetivo do artigo: longe de querer desvendar os motores socioculturais da época em questão, basta-lhe selecionar alguns dos fatos políticos mais marcantes desse intervalo de tempo, o que inclui, sem dúvida, o envolvimento entre futebol e política em cada uma das conquistas aqui lembradas: 1958, 1962 e 1970 - notadamente esta última.

Analisar a política mundial entre 1930 e 2002, incluindo os anos em que não houve copa (de 1938 a 1950), seria, no mínimo, muito difícil e arriscado, para não dizer impossível, numa extensa enciclopédia. Ainda mais impossível, se é que se pode dizer

isso, seria levar a cabo essa tarefa num curto artigo. A bem da verdade, mesmo o balanço de um período relativamente breve, de 1958 a 1970, se feito de maneira rigorosa e profunda, é tarefa bastante árdua para um conjunto de eruditos, quanto mais para um só articulista.

Por essa razão, isto é, pelo fato de ser inviável analisar algo tão complexo em espaço tão curto, optamos por simplesmente listar e contextualizar, sem nenhum tipo de aprofundamento, alguns fatos políticos - o mais destacados possível de questões econômicas e culturais, se é que isso realmente pode ser feito - reconhecidamente importantes e que nos ajudam a entender o pano de fundo das copas de 1958, 1962 e 1970, bem como a relação que em cada um desses eventos se estabeleceu entre futebol e política.

Por fim, uma última observação. Resolveu-se dar ênfase especial à conquista de 1970, pois, em razão do extremismo verificado no governo do general Emílio Garrastazu Médici, tanto de militares como de guerrilheiros de esquerda, a relação entre política e futebol, nesse momento de nossa história, ganhou dimensões gigantescas. De um lado, governantes buscaram legitimar seus desmandos e abusos com o sucesso do futebol. De outro, guerrilheiros e intelectuais engajados acabaram por execrar o futebol e tachá-lo, deslocando linguagem marxista para o meio esportivo, de *ópio do povo*. É claro que futebol e política já se haviam misturado antes de 1970 e haveriam de misturar-se depois, sobretudo ultimamente, quando as copas coincidiram com as eleições presidenciais (1994, 1998 e 2002), mas o Mundial do México, em 1970, continua sendo um caso emblemático, capaz de despertar sentimentos antagônicos no mais moderado dos observadores, já porque consagrou uma das mais espetaculares equipes de futebol de todos os tempos, já porque se tratou de

uma “cortina” postada diante de algumas das mais violentas ações - e também reações - totalitárias da história do Brasil. Parecem traduzir de maneira lapidar esses sentimentos antagônicos aqueles admiradores do futebol que, politicamente ativos na contestação do regime militar nos anos 1970, passaram desde então a torcer sistematicamente contra a seleção brasileira.

1958 - Somente após uma rebelião militar (Jacareacanga), Juscelino Kubitschek de Oliveira conseguiu assumir, em 1956, a Presidência da República, conquistada legitimamente, ainda que não através da maioria absoluta do eleitorado, em três de outubro de 1955. Havia um setor do Exército que, temendo retomada do poder por parte de antigos getulistas, (em geral membros do PTB, partido que se aliara ao PSD em 1955, formando coligação que levou Juscelino Kubitschek à chefia do Executivo da nação), admitia a hipótese de golpe de estado para evitar a posse do novo presidente. Essa hipótese era apoiada por partidários da UDN, entre eles Carlos Lacerda, um dos mais exaltados opositores de Juscelino Kubitschek.

Em razão desse clima tenso, o Presidente da República viu-se forçado a portar-se moderadamente à testa do Executivo, preferindo sempre a conciliação a qualquer tipo de demonstração de força. Isso logo já se viu na punição dos rebeldes de Jacareacanga, relativamente branda dada a gravidade do fato, e continuou nos anos seguintes de seu mandato, mesmo diante de diversas turbulências. A última delas deu-se em 1959, já perto do fim de seu governo: a Rebelião de Aragarças, tal como a de Jacareacanga, foi debelada com rapidez e punida com brandura. Mas o clima era hostil e instável.

A conquista do Mundial de 1958 ocorreu em meio a essa efervescência política a tanto custo abrandada por Juscelino Kubitschek. A vitória dos brasileiros na

Suécia foi, sim, capitalizada pelo Presidente, porém, não para acobertar desmandos ou repressão, mas para aliviar um pouco a tensão política do país.

1962 - Em três de outubro de 1960, novas eleições presidenciais. Jânio Quadros, candidato de uma coligação que envolvia diversos partidos, entre eles a UDN e setores dissidentes do PTB, sagrou-se vencedor nas urnas, batendo seu adversário mais forte, o marechal Lott, por uma boa margem de votos.

O governo de Jânio Quadros, que não durou sequer um ano, foi uma sucessão de medidas políticas canhestras e contraproducentes. Ceifando à direita e à esquerda, desagradou a todos. Quando, finalmente, condecorou Che Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul e enviou João Goulart (Jango), seu vice-presidente, à China de Mao-Tsé-tung, então de fato conseguiu irritar o Exército. Em 25 de agosto, pressionado por todos os lados, fez anunciar sua renúncia. Muitos historiadores dizem que tudo não passava de um espetáculo armado por Jânio Quadros, que, na verdade, esperava retornar ao poder - e aí então bastante fortalecido - pelos braços do povo. Tenha ou não sido esse o seu plano, o fato é que o Congresso aceitou a renúncia e deu a seu presidente, Paschoal Ranieri Mazzilli, a chefia do Executivo, uma vez que João Goulart encontrava-se na China.

O Brasil novamente mergulhou na agitação política. Os militares recusavam-se a entregar a Presidência da República a João Goulart, notório simpatizante da esquerda. Dividiu-se o país entre os contrários à posse de Goulart e pela convocação de novas eleições e os legalistas, defensores da manutenção da ordem constitucional e da posse de Jango.

O próprio Exército estava cindido. Quase sozinho, o marechal Lott lutava pela manutenção da ordem constitucional. De fato, sua atuação, nesse momento, foi



O capitão Bellini, o técnico Vicente Feola e o goleiro Gilmar segurando a taça Jules Rimet

decisiva para a manutenção da legalidade e o alcance de uma conciliação. Em dois de setembro de 1961, o Congresso emendou a Constituição e criou o parlamentarismo. No dia cinco, João Goulart retornou da China e assumiu a Presidência da República, mas com poderes bastante reduzidos e vigiado rigidamente pelo parlamento.

Jango a princípio tentou governar moderadamente, seguindo o exemplo de Juscelino Kubitschek. No entanto, quando, após plebiscito que restaurou o presidencialismo e lhe conferiu poderes mais amplos, tentou impor à sociedade reformas de base historicamente defendidas pela esquerda, acabou perdendo o controle político da nação. Diante disso, o Exército encontrou o apoio social necessário para, em 31 de março de 1964, aplicar golpe de estado que depôs o Presidente da República (Jango exilou-se no Uruguai) e instaurou o regime militar.

(A conquista da Copa do Mundo de 1962 ocorreu enquanto no Brasil vigorava o regime parlamentarista, no qual o Presidente da República, João Goulart, era

vigiado rigorosamente pelo parlamento. O clima era ainda mais tenso que em 1958, pois Jânio Quadros havia novamente atizado a fogueira política do país, que já por duas vezes ameaçara incendiar-se em Jacareacanga e Aragarças. O futebol, mais uma vez, por intermédio da bela vitória no Chile, serviu ao menos para aliviar a tensão.)

Na noite de primeiro de abril de 1964, o Congresso declarou vaga a Presidência da República. Às 3h45 da madrugada do dia dois, Ranieri Mazzilli foi guindado provisoriamente à Presidência da República. No entanto, o controle da nação estava nas mãos de uma junta militar composta pelos ministros general Artur da Costa e Silva (Guerra), tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (Aeronáutica) e vice-almirante Augusto Hamann Rademaker Grünewald (Marinha). No dia nove, baixou-se o Ato Institucional nº 1 (AI 1), redigido por Francisco Campos (autor da Constituição de 1937, elaborada durante a ditadura varguista). O AI 1 concedia poderes especiais ao Executivo, permitindo-lhe cassar mandatos, suprimir direitos políticos por até dez anos, decretar estado de sítio sem aprovação parlamentar e forçar o Congresso a aprovar emendas constitucionais. Iniciava-se um regime que dominaria o Brasil por mais de 20 anos.

Um setor do Exército (justamente o que encabeçou a Revolução de Março e assumiu o controle do governo), liderado pelo general Humberto de Alencar Castelo Branco, secundado pelo também general Artur da Costa e Silva, no entanto, não desejava perpetuar-se no poder. Em realidade, o AI 1, a despeito de suas características totalmente anti-democráticas, previa eleições presidenciais diretas para três de outubro de 1965, e o general Castelo Branco estava disposto a fazer cumprir o determinado. O que se viu, porém, foi um progressivo endurecimento

do governo, mesmo a contragosto de militares de alta patente como Castelo Branco e Costa e Silva (que substituiu Castelo Branco em 1966), marcado por uma sucessão de atos institucionais cada vez mais totalitários, culminada com o Ato Institucional nº 5, de 1968, ainda no governo Costa e Silva. O AI 5, que concedeu poderes quase absolutos ao Executivo, permitindo-lhe inclusive suspender as garantias constitucionais, traduzia os anseios de um setor radical do Exército, que desejava consolidar a revolução e perpetuá-la até quando fosse conveniente.

Foi sob a vigência do AI 5, após trombose cerebral que afastou Costa e Silva do poder e rápido impasse para determinar quem o sucederia na Presidência da República, que o general Emílio Garrastazu Médici, até então pouco conhecido, se tornou o terceiro Presidente da República pós-1964. Médici representava a ala militar que ansiava pela continuidade da revolução por tempo indefinido, e sob sua mão de ferro adentrou o Brasil o ano de 1970.

1970 - O governo Médici, desde o princípio, foi marcado por controle absoluto das forças políticas de oposição, censura à imprensa, repressão às contestações e fomento a ufanismo destinado a enfileirar o povo ao lado do poder estabelecido.

À dureza excessiva dos militares, contudo, correspondeu ação igualmente radical por parte dos adversários do regime. Durante o governo Médici, principalmente em seu início, isto é, em 1970 e nos anos imediatamente posteriores, algumas forças políticas de esquerda pegaram em armas e organizaram guerrilhas urbanas (depois estendidas para o campo, seguido linha de ação maoísta, como se viu no Araguaia) no intuito de desestabilizar a ordem social e provocar a queda do regime. A princípio, os guerrilheiros obtiveram inúmeras vitórias, por meio do

seqüestro de autoridades internacionais, do assalto a bancos e de outros atos terroristas que as polícias civil e militar não conseguiram conter. Entretanto, quando as Forças Armadas entraram na luta, colocando em campo os setores de inteligência da Marinha e do Exército para localizar os rebeldes, as guerrilhas foram pouco a pouco debeladas. De todo modo, em 1970, ano em que a seleção brasileira conquistou de forma brilhante o tricampeonato mundial no México, a luta entre militares e guerrilheiros estava ainda indefinida e mais violenta que nunca.

Não há dúvida que a conquista da seleção em campos mexicanos foi usada pelo regime militar como forma de angariar apoio popular para as ações do governo, inclusive as de repressão. Em realidade, sabe-se que o Exército interferiu diretamente na preparação física do time, a cargo de militares, a fim de garantir a vitória. Por trás do futebol bonito e solto da seleção de 1970 estava um esquema espartano de preparação física e obediência hierárquica, inspirado no modelo do Exército brasileiro.

De volta ao país, depois de campanha irrepreensível, concluída com uma goleada de 4x1 sobre a Itália na final, os jogadores foram aclamados como heróis da pátria, bem ao gosto do ufanismo pragmático do governo Médici. Os militares faziam questão de deixar implícito - ou mesmo explícito - que muito do triunfo de Pelé, Tostão, Gérson e cia. no México era obra do regime instalado com a Revolução de 1964.

Enquanto isso, a repressão tornava-se mais brutal. Alguns comemoravam o tricampeonato nas ruas, ao passo que outros eram torturados na cadeia.

Essa mistura de alegria e tristeza, comédia e tragédia, deve realmente - e aqui acabamos descumprindo a promessa de não arriscar nenhum tipo de análise mais aprofundada - ter mexido com os



Ladeado pelo capitão e pelo técnico da seleção brasileira, o presidente Médici ergue a taça da vitória. Ano 1970

ânimos daqueles que, no calor de uma luta trágica, viram-se enfeitiçados pela beleza plástica, artística, de um futebol bem jogado. Resolver essa contradição, internamente, deve ter sido difícil para muitos, daí compreendermos o porquê de algumas pessoas dessa época terem se tornado admiradoras de um futebol romântico e bem jogado e, ao mesmo tempo, antitorcedoras fanáticas da seleção brasileira, expoente máximo do futebol-arte.

É sobretudo por essa razão, por ter despertado emoções tão fortes e tão ambíguas, que o tricampeonato de 1970 ainda hoje é lembrado com mais amor ou ódio que qualquer outra de nossas cinco conquistas.

FONTES -

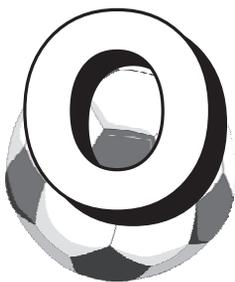
Enciclopédia *Nosso Século*. Vols. 7, 8, 9 e 10: Abril Cultural, São Paulo, 1986.

(*) *Alexandre Toler Russo é jornalista*

Os títulos do Brasil nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970 e a sua repercussão em São Caetano do Sul

(...) Nunca uma seleção fez, na história do futebol, uma jornada tão perfeita como o Brasil em 70. (...)

Trecho da crônica *O Êxtase*, de Nelson Rodrigues, publicada n' *O Globo*, em 22 de junho de 1970



O grito de *é campeão* estava preso na garganta dos torcedores brasileiros desde o dia 16 de julho de 1950, ocasião em que o Brasil perdeu, em pleno Maracanã, o campeonato mundial de futebol para a seleção uruguaia, pelo placar de dois gols a um. Esse acontecimento fatídico continua ainda gravado na memória de muitos. O sul-sancaetanense Brenno Diorrener Pereira recorda que, no dia em que o Brasil perdeu o título mundial, estava participando de uma partida de futebol pela equipe infantil do Bonsucesso. Naquela oportunidade, o adversário era o time infantil do Cruzeiro. Numa casa situada bem próxima ao local em que ocorria o jogo (campo do Bonsucesso, que engloba-

va o quarteirão formado pelas ruas São Paulo, São Jorge, Major Carlo Del Prete e José de Alencar), um senhor acompanhava pelo rádio a decisão da copa do mundo de 1950, relembra Brenno. Segundo ele, num determinado momento, os jogadores de várzea resolveram interromper a partida a fim de torcer para o Brasil. Aproximaram-se, então, da cerca que separava o campo da casa daquele senhor e começaram a ouvir os lances da decisão.

Os excelentes resultados obtidos pela seleção ao longo da competição acabaram garantindo-lhe o privilégio de jogar pelo empate na grande final. A convicção na vitória era tamanha que o extinto jornal *O Mundo* chegou a publicar, na véspera da

decisão contra o Uruguai, uma foto do time brasileiro com a seguinte manchete: *Estes são os campeões do mundo*. A perda do título era, portanto, algo inconcebível. *Não dava para acreditar na derrota do Brasil, pois a seleção vinha de bons resultados, como o obtido contra a Espanha*, afirmou Brenno. A partida contra a seleção espanhola foi, de fato, inesquecível. Naquele dia, o público presente no Maracanã comemorou a vitória do Brasil, por seis gols a um, cantando *Touradas em Madri*, famosa marchinha de carnaval, de autoria de Alberto Ribeiro e Braguinha.

As impecáveis apresentações da equipe brasileira no decorrer do campeonato e a euforia da população não foram, contudo, suficientes para coroar aquela geração de jogadores (Barbosa, Castilho, Augusto, Juvenal, Nena, Nilton Santos, Bauer, Danilo Alvim, Bigode, Eli, Rui, Noronha, Friaça, Alfredo, Zizinho, Maneca, Ademir de Menezes, Baltazar, Jair, Adãozinho, Chico e Rodrigues) com o tão almejado título mundial de futebol. Mas o país soube esperar, pacientemente, pelo primeiro grande triunfo do futebol brasileiro, que veio com o título da copa do mundo de 1958, na Suécia. A essa conquista sucederam-se outras também memoráveis, como as das copas de 1962 e 1970. Em todas essas ocasiões, a população de São Caetano do Sul comemorou com entusiasmo e alegria as glórias alcançadas pela seleção canarinho, demonstrando sua paixão pelo futebol, conforme ficará comprovado neste artigo.

1958 - Disputada na Suécia, entre os dias oito e 29 de junho, a copa do mundo de 1958 contou com a participação de 16 seleções. O Brasil, após um período de rígida preparação (segundo muitos especialistas, um dos elementos determinantes para a conquista do título), levou para o campeonato os seguintes jogadores: Gilmar, Castilho, De Sordi, Djalma Santos, Bellini, Mauro, Nilton Santos,

O r e c o ,
Dino, Zito,
Orlando,
Zó z i m o ,
Garrincha,
Joel, Didi,
M o a c i r ,
V a v á ,
M a z o l a ,



Pelé, Dida, Zagallo e Pepe.

A ansiedade do povo brasileiro aumentava com a aproximação da competição. Em São Caetano do Sul, a expectativa também era grande. A cidade se preparou para torcer pela seleção instalando, em algumas ruas de grande movimentação, alto-falantes para que a população pudesse acompanhar a transmissão dos jogos do Brasil. Tal ocorreu no centro (entre a Avenida Conde Francisco Matarazzo e a Rua Manoel Coelho) e no final da Rua Visconde de Inhaúma, mais precisamente no Largo da Figueira (popularmente conhecido como Praça da Figueira). Nesse local, a instalação dos alto-falantes (quatro, no total) correu por conta do Serviço de Alto-falantes *A Voz de Vila Gerty*,¹ que, mediante autorização prévia da Rádio Bandeirantes, passou a receber dessa emissora as transmissões das partidas do Brasil. São Caetano entrava, assim, no clima da copa do mundo.

Sob o comando de uma comissão técnica, que tinha entre os seus integrantes Vicente Feola (técnico), Carlos Nascimento (supervisor), Paulo Amaral (preparador físico), entre outros nomes de destaque, o time brasileiro estreou na competição vencendo a equipe da Áustria pelo placar de três a zero, com dois gols de Mazola e um de Nilton Santos.

Na seqüência da fase de classificação, o Brasil enfrentou a Inglaterra e a extinta União Soviética. O empate frente aos ingleses (zero a zero) não abalou a seleção, que conseguiu classificar-se para as quartas-de-final do campeonato, atra-

Esta foi a formação da seleção brasileira durante a maior parte da vitoriosa campanha na copa de 1958. Em pé, da esquerda para a direita: De Sordi, Zito, Bellini (capitão da equipe), Nilton Santos, Orlando e Gilmar. Agachados, da esquerda para a direita: Garrincha, Didi, Pelé, Vavá, Zagallo e Mário Américo (massagista)

NOTA -

1 - O Serviço de Alto-falantes *A Voz de Vila Gerty* atuou na cidade entre a década de 1950 e o início de 1962. Sua sede ficava num auditório localizado num prédio da Rua Manoel Augusto Ferreirinha (n 825). Os colaboradores d'*A Voz de Vila Gerty* foram: Nelson Robles, Afonso Robles, Cícero Lino de Oliveira, Izael da Cruz, Fernando Siarvi, Osvaldo Senefonte, Miguel Marcucci, Wilson Senise Sorbo, Valdir Senise Sorbo, Antônio Patrício, Edson Clementino da Silva, Antônio Carlos, Djalma, Castor, Zé da Serra, Rubinho do Acordeon, Roberto (Canhotinho), José Torquato Sobrinho, João Rocha, João Antônio Aranhã, Antônio Eduardo Rodrigues e Licínio de Jesus.



Crédito: Jornal de São Caetano

Torcedores comemorando, no centro de São Caetano, um dos gols do Brasil, na final da copa do mundo de 1958, na Suécia

vés da vitória contra os soviéticos, pelo placar de dois a zero.

Nessa etapa, o adversário da equipe nacional foi o

País de Gales, que, embora tenha oferecido uma certa resistência ao longo da partida, acabou sendo derrotado por um a zero. Pelé, com apenas 17 anos de idade, começou a encantar o mundo nessa ocasião. Foi o autor do único gol do jogo, após um lance genial que desnoiteou a defesa adversária. A seleção brasileira, em razão dessa vitória, garantiu o direito de disputar a semifinal contra a França, que vinha embalada depois de ter obtido um resultado expressivo contra a Irlanda do Norte (quatro a zero). Mesmo apresentando um ataque forte, os franceses não conseguiram fazer frente ao Brasil, que os goleou pelo placar de cinco a dois. Oito anos após a derrota sofrida diante do Uruguai, a seleção brasileira chegava, novamente, a uma final de copa do mundo. Os adversários, dessa vez, eram os suecos.

Contando com o apoio da torcida, a Suécia abriu o placar no Estádio Solna, em Estocolmo, logo no início do jogo. Esse gol, porém, não intimidou a seleção brasileira, que, ainda no primeiro tempo da partida, conseguiu igualar e virar o marcador, graças aos dois gols de Vavá. Na segunda etapa, Pelé (em duas oportunidades) e Zagallo balançaram a rede do time adversário, que chegou ao seu 2º gol quando o placar já apontava quatro gols favoráveis à seleção. Através de uma convincente vitória (cinco gols a dois), o Brasil conquistava, finalmente, uma copa do mundo. Segue abaixo a transcrição integral da reportagem publicada no *Jornal de São Caetano* (edição de cinco

de julho de 1958), na qual o jornalista Raphael Guilherme relata momentos dessa partida decisiva e a festa feita pelos torcedores sul-sancaetanenses, logo após a vitória do Brasil, naquele histórico 29 de junho de 1958.

O torcedor de São Caetano do Sul vibrou em todas as ocasiões em que participou o nosso selecionado, na campanha realizada nos campos da Suécia.

Esse entusiasmo, contudo, alcançou o ponto mais alto no último domingo, quando a seleção do Brasil escreveu a mais bela página de toda a sua história futebolística, conquistando de maneira brilhante e espetacular a cobiçada taça Jules Rimet.

Acompanhamos de perto a euforia da nossa gente, que em momento algum abandonou a fé no poderio técnico de um futebol diferente e revolucionário, qual foi o apresentado desta feita em tão longínquas plagas do exterior. O local de maior movimento daqueles que ouviam através do rádio a transmissão do sensacional encontro com a Suécia, foi naturalmente, o centro da cidade, entre a Avenida Conde Francisco Matarazzo e Rua Manoel Coelho, ao pé de um possante alto-falante, que vinha trazendo a todo instante a descrição dos lances que jamais serão esquecidos por todos nós.

A princípio, tivemos um “goal” do nosso adversário, que muita tristeza nos trouxe, já que pelo menos nesses instantes nos fez pensar no malogro de 1950. À medida, porém, que o “match” ia se desenvolvendo, novas esperanças se faziam sentir até que finalmente foi igualado o marcador.

Pouco tempo mais tarde, ouvia-se a primeira explosão de contentamento, com a marcação do 2 tento brasileiro.

A partir desse momento, já que os nossos defensores iam para o ataque de forma positiva e a demonstrar que teriam a seu favor um “placard” ainda mais con-

vincente, todos unidos por um só princípio, o de torcer mais e mais pelo Brasil, começavam a soltar fogos e balões saudando uma vitória parcial, que sem tardar muito, foi se completando até registrar finalmente o score “sensação” de 5 tentos contra 2, para as côres verde-amarelas.

Depois, os sancaetanenses transformaram a parte fronteira ao bar “Yara” em verdadeira praça carnavalesca. Aqui não faltaram os abraços, os risos, as lágrimas de contentamento, o ruído das buzinas de automóveis, os hinos, as marchas, os sambas, tudo enfim, que concorresse para extravasar aquela imensa alegria.

Em outros pontos, o grande feito dos jogadores brasileiros não foi menos festejado, pois ao longo das diversas ruas das vilas que tivemos a oportunidade de percorrer, também reinava o mesmo entusiasmo, com gritos e vivas ao Brasil.

O povo de São Caetano, pois, soube festejar com espontaneidade e grande alegria, a mais sensacional conquista do nosso futebol, trazendo para a nossa pátria a copa “Jules Rimet.”

A sociedade de São Caetano continuou comemorando a façanha alcançada pelo futebol brasileiro nos dias que se seguiram à conquista, conforme atesta a seguinte nota, também publicada pelo *Jornal de São Caetano*, no dia cinco de julho de 1958: *Hoje à noite, com início às 22 horas, será realizado no Salão do Clube Comercial* (que, na ocasião, estava situado no quarto andar do Edifício Vitória, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antônio) *um sugestivo baile em homenagem aos Campeões do Mundo* (...).

O *Jornal de São Caetano*, nessa mesma edição, reservou também espaço para um comunicado do então prefeito Oswaldo Samuel Massei, que não só parabenizou a seleção pela inesquecível conquista, como aproveitou ainda a oportuni-

dade para apresentar o motivo que o impediu de decretar ponto facultativo nas repartições municipais no dia da chegada dos campeões do mundo ao Brasil.

Ao Povo

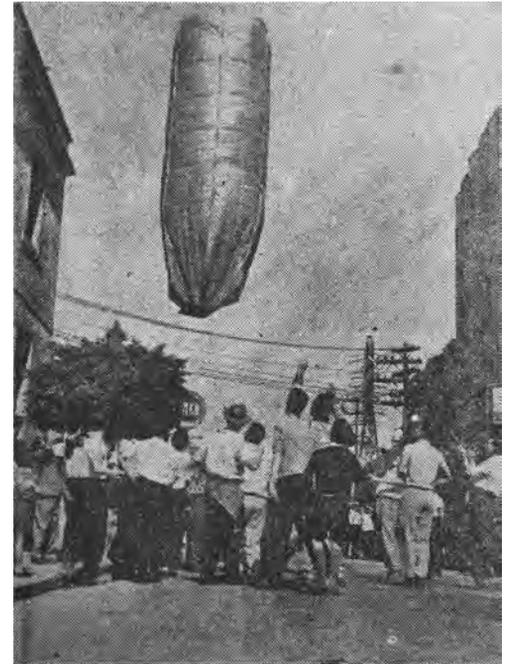
A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul saúda os campeões mundiais de futebol, cuja campanha em campos europeus constituiu motivo de glória nacional.

Solidário com os trabalhadores em geral, que não puderam assistir à chegada dos jogadores do Selecionado Brasileiro, por inexistir feriado nacional (da alçada do Governo Federal), o prefeito não poderia decretar o ponto facultativo, no último 3 de julho, nas repartições municipais, a fim de que o funcionalismo ficasse, como ficou, à disposição do povo.

São Caetano do Sul, 5 de julho de 1958

Oswaldo Samuel Massei
Prefeito Municipal

Hermógenes Walter Braidão foi outra autoridade do município que registrou mensagem de saudação à seleção, na edição de cinco de julho de 1958, do *Jornal de São Caetano*. Em nome da Comissão Municipal de Esportes, entidade que presidia quando o título foi conquistado, Braidão se expressou da seguinte maneira: *A Comissão Municipal de Esportes de São Caetano do Sul, interpretando os sentimentos dos esportistas da cidade, homenageia os campeões do mundo de 1958,*



Torcedores soltando um imenso balão, em uma das ruas centrais de São Caetano, em comemoração à conquista da seleção brasileira, na copa do mundo de 1958

pelo seu brilhante feito em gramados suecos.

O êxito do futebol brasileiro era assunto nos quatro cantos do país. Na cidade, a repercussão do título foi tão significativa que a conquista da copa acabou virando tema de discussão do Centro de Estudos e Debates de São Caetano do Sul. Criado com o objetivo de promover eventos culturais e científicos, tal organismo, cujas atividades não perduraram por muito tempo (tendo se iniciado em 31 de maio de 1958), realizou, no dia 30 de agosto daquele ano, um encontro que teve como pauta *O Brasil na Copa do Mundo*. Para abordar o assunto foram convidados Ary Silva e Aroldo Chiorino, conceituados cronistas esportivos.

Em matéria publicada no dia seis de setembro de 1958, o *Jornal de São Caetano* relatou os principais momentos desse evento, que ocorreu no Teatro Municipal Santos Dumont. De acordo com o jornal, coube a Ary Silva discorrer sobre a preparação a que o Brasil foi submetido para a disputa da Copa da Suécia. Na qualidade de integrante da comissão que elaborou o planejamento da seleção, Ary concluiu que a conquista do título mundial foi fruto de um trabalho de equipe. Aroldo Chiorino, por outro lado, falou da atuação do selecionado brasileiro no campeonato.

O evento foi prestigiado pelo então prefeito Oswaldo Samuel Massei e também por outras autoridades municipais, dentre as quais Luiz Rodrigues Neves (na ocasião, vereador e presidente do Centro de Estudos e Debates de São Caetano do Sul), Hermógenes Walter Braido (na ocasião, vereador e presidente da Comissão Municipal de Esportes) e João Anhê (na ocasião, vereador e secretário dessa comissão).

As informações registradas ao longo deste item demonstram, em parte, a dimensão da primeira grande conquista do

futebol brasileiro. O título obtido em 1958, na Suécia, teve, de fato, um sabor muito especial para o país, pois, além de ter inaugurado a trajetória vitoriosa da seleção em copas do mundo, serviu também para lavar a alma dos torcedores brasileiros, ainda traumatizados com a derrota da seleção para o Uruguai, durante a copa de 1950.

1962 - O Brasil passava por uma crise em 1962. Os grandes centros urbanos do país apresentavam sérios problemas nas áreas de saúde, educação, saneamento, habitação e transporte. No setor rural, a situação também era caótica e a cada dia crescia a mobilização em defesa da reforma agrária. Foi sob esse contexto de tensão social que o então presidente João Goulart anunciou as famosas *Reformas de Base*, que previam, em suma, amplas mudanças nas áreas agrária, tributária, eleitoral e universitária. Se antes desse anúncio o clima já era bastante conturbado no cenário político nacional, pode-se afirmar que após sua divulgação os ânimos ficaram ainda mais exaltados, levando os grupos conservadores a articular-se nos bastidores do poder para impedir a implementação daquelas *Reformas*. A partir de então, o que se verificou foi um constante choque entre João Goulart e as forças oposicionistas, embate esse que culminaria no golpe militar de 1964.

Essa situação, enfim, destoava completamente da reinante na época da conquista da primeira copa, em 1958, período em que o Brasil vivia sob o otimismo decorrente do projeto desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek.

A intranqüilidade observada no país não chegou, porém, a repercutir no futebol. Em clima de euforia a seleção brasileira embarcou, no dia 20 de maio de 1962, rumo ao Chile para a disputa da copa do mundo. A exemplo do que havia ocorrido em 1958, o Brasil foi comandado por uma comissão técnica no Mundial de



Crédito: João Baptista de Barros



1962. Com exceção do técnico, que nesse campeonato foi Aimoré Moreira, os demais membros da comissão que comandou a seleção no Chile foram os mesmos que estiveram na copa de 1958. Dos 22 jogadores brasileiros que estiveram no Campeonato Mundial de 1958, 14 integraram também o grupo que foi para o Chile em busca do bicampeonato. Tal grupo apresentava o seguinte elenco: Gilmar, Castilho, Djalma Santos, Mauro, Zózimo, Nílton Santos, Jair Marinho, Bellini, Jurandir, Altair, Zito, Didi, Zequinha, Mengálvio, Garrincha, Vavá, Pelé, Pepe, Zagallo, Coutinho, Jair da Costa e Amarildo.

A campanha do Brasil na copa de 1962 teve início no dia 30 de maio, no Estádio Sausalito, em Viña del Mar (local onde a seleção jogou a maior parte do torneio). O adversário da estréia foi o México. Com uma vitória pelo placar de dois gols a zero, a seleção começou sua caminhada em direção ao bicampeonato. Na seqüência, o confronto foi com a antiga Checoslováquia, jogo em que os brasileiros não conseguiram sair do empate de zero a zero. Além de seu resultado ter sido, de uma certa maneira, decepcionante, esse jogo trouxe ainda um grande susto para o Brasil. Após um chute forte contra o gol do adversário, Pelé sofreu uma distensão muscular, que acabou tirando-o da copa. Sem o seu maior trunfo, a seleção deu prosseguimento à sua participação no campeonato. Na partida frente à equipe espanhola, a novidade era o jogador Amarildo. Com a difícil incumbência de

substituir Pelé, Amarildo foi um dos destaques do jogo, marcando os gols da vitória do Brasil por dois a um. Esse resultado confirmou o time nas quartas-de-final.

Nessa fase decisiva, a seleção enfrentou a Inglaterra, vencendo-a pelo placar de três a um. Garrincha foi o nome da partida, sendo o autor de dois gols e de jogadas que desmontaram a defesa inglesa. Vavá destacou-se também, fazendo o outro gol brasileiro.

A partir de então, a preocupação da seleção passou a ser o Chile, que conquistou o direito de disputar a semifinal contra o Brasil após ter vencido, por dois a um, a antiga União Soviética. O confronto com os donos da casa ocorreu no dia 13 de junho, no Estádio Nacional, em Santiago. Apesar do esforço do time chileno, que chegou a fazer dois gols no jogo, a seleção se impôs e venceu aquela semifinal. Garrincha e Vavá brilharam novamente. Com dois gols cada um, garantiram a passagem do Brasil para a final daquela copa.

Com a vitória obtida diante da ex-Iugoslávia, a antiga Checoslováquia também se credenciou para a grande final. Disputada no dia 17 de junho, no mesmo estádio onde a seleção havia vencido a equipe chilena, a decisão do Mundial de 1962 foi repleta de lances emocionantes. Lances que foram acompanhados por Fernando Siarvi (o Teleco), através de um rádio, na ocasião em que retornava do passeio que havia feito com a família a Bom Jesus de Pirapora (SP). Morador de São Caetano (Bairro Nova Gerty) desde 1952, Fernando, que jogou futebol na cidade

No dia seis de junho de 1962, Brasil e Espanha se enfrentaram na Copa do Mundo do Chile. Com a vitória, pelo placar de dois a um, a seleção deu um importante passo rumo ao bicampeonato. À esquerda, aparecem as duas seleções perfiladas, no centro do Estádio Sausalito, minutos antes da partida. A outra imagem, por outro lado, flagra o momento em que o goleiro espanhol fazia uma defesa, durante o jogo

pelo Bonsucesso de Vila Gerty, Guarani de Vila Gerty e Sociedade Amigos de Vila Gerty, recorda que todos os passageiros do ônibus em que estava ouviam com atenção e apreensão aquela decisão. E isso se justifica, pois, embora o favoritismo fosse todo do Brasil, a equipe da ex-Cecoslováquia apresentava condições de surpreender a seleção, pois vinha evoluindo a cada jogo do campeonato. O gol de Masopust, aos 15 minutos de jogo, deu a impressão de que tal hipótese iria confirmar-se.

Felizmente, o Brasil começou a mudar a história do jogo dois minutos depois de ter sofrido aquele susto. Amarildo, o substituto de Pelé na competição, empatou a partida com um belo chute. O desempate veio, no segundo tempo, com Zito. Vavá, minutos após, marcou o terceiro gol e decretou, de vez, a festa brasileira.

O time que conquistou o bicampeonato para o Brasil foi o seguinte: Gilmar; Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo.

O *Jornal de São Caetano*, na edição de 23 de junho de 1962, publicou uma nota em homenagem aos jogadores brasileiros pelo feito alcançado no Chile.

Brasil Bi-Campeão Mundial de Futebol

Nossa homenagem sincera aos bravos jogadores brasileiros que foram reafirmar no Chile a superioridade de nosso futebol. Trouxeram o título de bicampeões mundiais, mas muito mais que o título trouxeram aos brasileiros a alegria e a satisfação, coisa que já estávamos desacostumados.

A eles o nosso viva mais entusiasta: Viva os verdadeiros campeões mundiais!

O Arauto do Pentágono, jornal que

se encontrava sediado em São Caetano e que circulou na região do ABC entre 1962 e o final da década de 1990, em reconhecimento à façanha do futebol do Brasil, prestou também, em sua edição de 21 de junho de 1962, uma homenagem aos jogadores, (...) *que souberam com ardor e patriotismo elevar mais uma vez bem alto o prestígio do futebol brasileiro (...).*

A partir desses dois textos, é possível imaginar o contentamento dos brasileiros pela conquista da seleção. Esse sentimento foi manifestado através das comemorações que tomaram conta do país. *Verificou-se, em todos os cantos de nossa pátria, autêntico Carnaval fora de época, em pleno mês de junho*, conforme noticiou *A Gazeta Esportiva Ilustrada* (p.166), na edição comemorativa da copa do mundo de 1962.

1970 - O Brasil, para assegurar sua participação na copa do mundo de 1970, no México, precisou submeter-se a jogos eliminatórios, fato que não era observado desde as Eliminatórias para o Mundial de 1958. Para a disputa das copas de 1962 e 1966, a seleção garantiu classificação automática, em razão dos títulos conquistados nos Campeonatos da Suécia e Chile.

Sob o comando de João Saldanha, o selecionado nacional enfrentou, no segundo semestre de 1969, Colômbia, Venezuela e Paraguai pelas Eliminatórias Sul-americanas da copa de 1970. A obtenção do passaporte para tal competição veio através de uma ótima campanha, na qual o Brasil venceu todas as partidas do torneio classificatório, que compreendia jogos de turno e retorno.

Na primeira partida contra o Paraguai, realizada em Assunção, um grupo de moradores de São Caetano do Sul esteve presente, prestigiando de perto a vitória do Brasil por três a zero, com gols de Mendoza (contra), Jairzinho e Edu. Brenno Diorrener Pereira e Zuleika Gambato Pereira estavam entre os torce-

Crédito: Brenno Diorrener Pereira



No segundo semestre de 1969, um grupo de moradores de São Caetano foi prestigiar a seleção brasileira no jogo contra o Paraguai, em Assunção, pelas Eliminatórias da copa do mundo de 1970. A empresa de ônibus Turismo Binueza, cujo estacionamento ficava na Rua dos Ucrânicos (Bairro Barcelona), fez o transporte dos torcedores. Entre o grupo estavam o sul-sancaetanense Brenno Diorrener Pereira e sua esposa Zuleika Gambato Pereira, que aparece à esquerda

dores sul-sancaetanenses que foram até a capital paraguaia apoiar a seleção em sua caminhada rumo à copa de 1970.

O Brasil encerrou sua jornada naquelas eliminatórias vencendo, novamente, os paraguaios. Esse confronto, todavia, foi realizado no Maracanã, e o placar não foi elástico como o do primeiro jogo, mas valeu para encher de esperança os brasileiros. Pelé foi o autor do único gol da partida.

Tudo transcorria na mais perfeita harmonia. Mas no início de 1970, essa situação se reverteu, e o clima harmonioso que até então reinava acabou cedendo lugar para uma crise que teve como ponto culminante a demissão de João Saldanha do cargo de técnico da seleção. Certos episódios, entre os quais a derrota do Brasil, por dois a zero, para a Argentina, no amistoso realizado em Porto Alegre, desgastaram a imagem de Saldanha e geraram tal crise. Para superá-la, a antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) tratou de indicar o substituto de João Saldanha. O escolhido foi Mário Jorge Lobo Zagallo, que, na ocasião, estava no comando do time do Botafogo.

Valendo-se de seus conhecimentos como técnico e da experiência acumulada no decorrer de sua promissora carreira como jogador de futebol, Zagallo deu início ao seu trabalho frente à seleção no jogo amistoso contra o Chile, no Estádio do Morumbi. A vitória pelo placar de cinco gols a zero animou o país.

Disputada entre 31 de maio e 21 de junho, a Copa de 1970, a exemplo dos Mundiais de 1934, 1954, 1958, 1962 e 1966, contou com a participação de 16 seleções, fato que voltaria a ser observado nas copas de 1974 e 1978. O Brasil, que, na época da copa, vivia sob o regime militar, levou para o México uma numerosa delegação. Só para ter uma idéia, a comissão técnica apresentava três preparadores físicos: Admildo Chirol, Carlos Alberto

Parreira (atual técnico da seleção) e Cláudio Coutinho. Os 22 jogadores convocados foram: Félix, Ado, Leão, Carlos Alberto Torres, Zé Maria, Brito, Baldocchi, Piazza, Fontana, Joel, Marco Antônio, Everaldo, Clodoaldo, Gérson, Rivellino, Jairzinho, Tostão, Pelé, Dario, Paulo César Lima, Roberto e Edu.

Embora tenha amargado o 11º lugar na copa de 1966, a seleção brasileira era apontada como uma das favoritas ao título, em 1970, no México. Esse favoritismo começou a confirmar-se já no jogo contra a antiga Checoslováquia, na estréia do Brasil, no dia três de junho, no Estádio Jalisco, em Guadalajara. A equipe adversária assustou os brasileiros com o gol de Petras, no início da partida. Mas a reação brasileira começou ainda no primeiro tempo, com o gol de empate de Rivellino. Na segunda etapa da partida, a seleção obteve a vitória através de Pelé, que desempatou o jogo aos 14 minutos, e de Jairzinho, que ampliou a vantagem do Brasil aos 16 e aos 31 minutos.

No dia sete de junho, a seleção enfrentou a Inglaterra, campeã do Mundial de 1966. O confronto foi um grande teste para ambas as seleções, que fizeram um jogo bastante disputado. O único gol do duelo foi marcado por Jairzinho, aos 14 minutos do segundo tempo.

Motivado pelas vitórias obtidas, o Brasil voltou a campo, no dia dez de junho, para enfrentar a Romênia. Mesmo desfalcada de Gérson, que havia sofrido uma distensão muscular no jogo de estréia da seleção, e de Rivellino, a equipe nacional conseguiu superar os romenos pelo placar de três a dois. Os autores dos gols do Brasil foram Pelé, que marcou em duas oportunidades, e Jairzinho. O time do técnico Zagallo encerrava, assim, de forma invicta, sua participação na primeira fase da copa.



Crédito: Edméia Alberani Rodrigues

Após a conquista do Brasil, no jogo frente à seleção italiana, no dia 21 de junho de 1970, a festa tomou conta da cidade. Destacam-se aqui alguns torcedores comemorando o título na Alameda São Caetano. Foram identificados (a partir da esquerda): Gilberto Aparecido Rodrigues, Evanilde Úrsula Alberani e Edméia Alberani Rodrigues



Crédito: Revista Já - Diário Popular (atual Diário de São Paulo). História das Copas (1970)

Pelé durante a Copa do Mundo de 1970, a última disputada pelo jogador

Nas quartas-de-final, o Brasil enfrentou a equipe peruana, que tinha como técnico Didi, campeão mundial em 1958 e 1962 pela seleção brasileira. O resultado alcançado pelo time canarinho (quatro a dois) garantiu-lhe vaga na semifinal da competição. A vitória do Uruguai, por um a zero, diante da antiga União Soviética, fez da Celeste Olímpica o adversário do Brasil.

Depois de 20 anos sem confrontos em copas do mundo (o último confronto tinha ocorrido no Maracanã, naquela fatídica final do Mundial de 1950), brasileiros e uruguaios voltaram a ficar frente a frente. A seleção uruguaia, para desespero da torcida brasileira, abriu o placar com Luis Cubilla. O empate do Brasil veio, no final do primeiro tempo, com Clodoaldo. Ao longo da segunda etapa, o jogo continuou dramático. Jairzinho abriu caminho para a vitória brasileira ao desempatar o duelo aos 31 minutos. Coube a Rivellino colocar fim à resistência do Uruguai, liquidando a partida com um gol de fora da área, aos 44 minutos. O Brasil despedia-se, portanto, da cidade de Guadalajara, onde jogara desde o início do campeonato, para seguir rumo à Cidade do México, palco da decisão da copa.

Em reconhecimento ao resultado conseguido diante do Uruguai, o ex-prefeito Walter Braido enviou, no dia 19 de junho (dois dias depois do jogo), um telegrama a Jerônimo Bastos, chefe da delegação brasileira, na copa de 1970. Em tal telegrama, cujos termos foram publicados no *Jornal de São Caetano*, em 20 de junho daquele ano, Braido parabenizou a seleção e afirmou que a vitória contra (o) *Uruguai deixou São Caetano em festa.*

(...). O ex-prefeito aproveitou também o ensejo e fez referência à decisão do campeonato, expondo sua confiança no Brasil no duelo contra os (...) *bravos irmãos latinos da Itália.* (...). A equipe italiana garantiu o direito de disputar o título contra os brasileiros após ter vencido, pelo placar de quatro a três, a emocionante partida contra a então Alemanha Ocidental.

O *Jornal de São Caetano*, naquela edição de 20 de junho de 1970, fez exaltação efusiva à seleção do Brasil, conforme atestam alguns trechos extraídos do texto elaborado pelo jornal em questão:

(...) a seleção do Brasil tem sido uma potência futebolística cantada em prosa e verso pela imprensa de todo o mundo, num trabalho elogiável daqueles que estão nos defendendo no México. (...) Checoslováquia, Inglaterra, Romênia, Peru e (...) Uruguai caíram irremediavelmente aos pés do nosso grande Brasil que está embasbacando com um futebol maravilhoso a platéia do mundo inteiro. (...).

O mencionado texto fez ainda considerações ao jogo da final da Copa do Mundo de 1970, o que não poderia deixar de acontecer, pois, além da grande expectativa, normal a qualquer decisão, seja qual for a modalidade esportiva, a partida entre Brasil e Itália tinha um significado especial. Isso porque a seleção que saísse vitoriosa ganharia o direito de possuir definitivamente a Taça Jules Rimet, uma vez que as duas equipes já tinham conquistado a copa do mundo por duas vezes. Em suma, a final da copa de 1970 marcaria o encontro de duas seleções com ampla tradição no futebol.

Para concluir a matéria sobre a campanha da seleção no torneio, o *Jornal de São Caetano* ouviu vários representantes de diferentes segmentos da sociedade local a respeito do jogo entre Brasil e Itália. Seguem abaixo os palpites de oito das 24 personalidades entrevistadas na época.

Oswaldo Samuel Massei (prefeito, na ocasião) - *Devo confessar que sempre fui um apaixonado pelo futebol, vivendo e sentindo as emoções, inclusive como jogador que fui de diversas agremiações. Mesmo respeitando a poderosa seleção da Itália, o nosso querido Brasil deverá trazer para nós o cobiçado troféu, vencendo por dois a um.*

Antônio Russo (vice-prefeito, na ocasião) - *O jogo será duríssimo. A Itália ficará fechada como um caramujo e o jogo será bem semelhante àquele da Inglaterra, por isso teremos que nos contentar com apenas um a zero, com golaço de Pelé.*

Armando Furlan (presidente da Câmara Municipal, na ocasião) - (...) *devo ratificar; creio eu, o pensamento da extraordinária maioria do nosso povo e, confiando plenamente nos rapazes que estão defendendo o nosso futebol, acredito numa categórica vitória do Brasil por três tentos a um.*

Lázaro de Campos (presidente da Comissão Municipal de Esportes, na ocasião) - *Para mim foi surpresa a derrota da Alemanha diante da Itália, pois os germânicos praticam um futebol que, sem ser vistoso, é altamente objetivo, ao passo que os italianos não vinham correspondendo inteiramente. Mas a Itália classificou com méritos indiscutíveis e é finalista respeitável para qualquer concorrente, inclusive o Brasil, que precisa tomar uma série de precauções (...). Mesmo assim, confio plenamente nos comandados de Zagallo, vencendo, embora com dificuldades, pela contagem mínima.*

Aurélio Loureiro Bastos (na ocasião, técnico do SAAD Esporte Clube, uma das agremiações profissionais de futebol que São Caetano possuiu) - *Não tenho dúvidas na vitória brasileira por três a um, pois a equipe está com moral elevadíssima e tudo caminha maravilhosamente bem. Considero toda a partida*

difícil (...), em virtude do propósito dos italianos em levar definitivamente o troféu, mas, time por time, o Brasil é (...) superior.

Marlene (jogadora de basquete do São Caetano Esporte Clube, na ocasião) - *A partida entre Brasil e Itália será destas que a gente não esquece facilmente e servirá para ratificar a estupenda forma atual do selecionado brasileiro. Todo mundo está notando a forma atual dos nossos jogadores, que, com o preparo físico excepcional que tiveram, dificilmente perderão uma partida, por mais corrida que seja. Meu palpite: dois a um para o Brasil.*

Dr. Adib João Kirche (diretor clínico do Hospital Nossa Senhora de Fátima, na ocasião) - *A Itália tem um excelente futebol e grandes craques. Pelo que as duas seleções fizeram nesta copa do mundo, manda a lógica que se conclua que o Brasil deverá vencer, apesar das dificuldades que terá. Três a um é o meu palpite, com gols de Rivellino, Gérson e Tostão.*

Argemiro de Barros Araújo (diretor do Departamento de Educação e Cultura, na ocasião) - *Sempre acreditei na seleção do Brasil (...). Será uma vitória difícil, suada, tão na raça quanto aquela contra o Uruguai. Mas será uma vitória inesquecível. Quatro a um é o meu palpite (...).*

A previsão de Argemiro foi confirmada. Com a vitória, pelo placar de quatro gols a um, o Brasil chegou ao seu terceiro título mundial, proeza inesquecível obtida por uma das gerações mais talentosas da história do futebol brasileiro.

Embora tenha conquistado o campeonato com um resultado dilatado, a seleção brasileira encontrou dificuldades no primeiro tempo do jogo. Tanto é que essa primeira etapa terminou empatada em um a um. No segundo tempo, a partida foi bem diferente. Gérson, aos 20

minutos, desempatou o duelo, concedendo novo ânimo ao time. Cinco minutos depois, Jairzinho ampliou a vantagem brasileira para três a um. Daí em diante, o público presente no Estádio Azteca assistiu a uma exibição de gala do Brasil, que encontrou tempo ainda para marcar o quarto gol com o capitão Carlos Alberto Torres. Assim que o árbitro alemão Rudolf Glöckner encerrou o jogo, a torcida mexicana não se conteve e invadiu o campo. Pelé, autor de quatro gols na competição, entre os quais o que abriu a vitória do Brasil na final, foi o jogador mais assediado após a partida. Todos queriam aproximar-se daquele que foi o grande nome da copa. A seleção brasileira foi a campo naquela tarde de 21 de junho com os seguintes jogadores: Félix; Carlos Alberto Torres, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivellino; Jairzinho, Tostão e Pelé.

No Brasil, como já havia ocorrido durante as conquistas de 1958 e 1962, a festa tomou conta dos torcedores, logo depois da decisão. Entretanto, dessa vez, a

alegria do povo se contrastava com a truculência vigente na sociedade brasileira, que, desde meados de 1964, vinha sendo atingida, de maneira gradativa, pelas investidas antidemocráticas dos militares.

Em São Caetano do Sul, a animação foi grande por ocasião do título. Conforme noticiou o *Jornal de São Caetano*, no dia 27 de junho de 1970, a população saiu às ruas, (...) *congestionando (...) o centro comercial, que ficou coalhado de veículos e totalmente tomado de pedestres, que saltavam em cordões (...) dançando, sambando em comemoração ao tri-campeonato. Nas ruas dos bairros, o mesmo fenômeno se verificou, notadamente em Vila Gerty, onde foram improvisadas escolas de samba.*

E a conquista da seleção brasileira continuou repercutindo na cidade nos dias que se seguiram ao jogo decisivo contra a Itália. No dia 24 de junho, o prefeito Oswaldo Samuel Massei decretou ponto facultativo nas repartições municipais, a fim de que os moradores pudessem ir prestigiar a chegada, em São Paulo, de oito dos 22 jogadores que integraram a seleção brasileira na copa de 1970. O próprio Massei, acompanhado de Armando Furlan e do jornalista Otto Diringier, esteve na Avenida Rubem Berta, na Capital, saudando, entre os milhares de torcedores, os campeões mundiais.

Em 1994 e em 2002, os sul-sancaetanenses voltariam a comemorar os títulos das copas dos Estados Unidos e do Japão/Coréia. Nas duas ocasiões, o principal palco da festa foi a Avenida Goiás, local onde os torcedores esbanjaram emoção, irreverência e alegria.

(*) *Cristina Toledo de Carvalho é graduada em História pela Universidade do Grande ABC e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.*

FONTES -

A Gazeta Esportiva Ilustrada (Edição Comemorativa do Campeonato Mundial de 1950). São Paulo.

Jornal de São Caetano, edições de 05/07/1958, 06/09/1958, 10/03/1962, 23/06/1962, 20/06/1970 e 27/06/1970.

O Arauto do Pentágono, edição de 21/06/1962.

A Gazeta Esportiva Ilustrada (Edição Comemorativa do VII Campeonato Mundial de Futebol - 1962). São Paulo, junho de 1962.

Fatos & Fotos (Edição Histórica). Ano II. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., junho de 1962.

BARROS, Edgard Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Os Governos Militares*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

História das Copas in Revista Já - Diário Popular (atual *Diário de São Paulo*). São Paulo, 1998.

Depoimento prestado por Fernando Siarvi, em 07/03/2006.

Depoimento prestado por Brenno Diorrener Pereira, em 28/03/2006.

Sons e símbolos das copas do mundo

Mas vá alguém estudar o futebol de Domingos (da Guia) ou a literatura de Machado (de Assis) que encontrará nas raízes de cada um, dando-lhe autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca.

Gilberto Freyre. Trecho da apresentação do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*

Historicamente falando, o fascínio exercido pelo futebol sobre a população brasileira sempre foi muito grande; imensurável, ousaria dizer.

Passatempo extremamente atraente pelas mais variadas razões, o esporte capaz de unir indivíduos de diferentes religiões, idades, convicções políticas e até mesmo de classes sociais antagônicas sempre foi reverenciado em nosso país. Haja vista a supervalorização de alguns jogadores, remunerados de forma invejável.

Independente de qualquer análise sociológica que venha a ser feita, na tentativa de atribuir tal fenômeno à necessidade de criar ídolos, à carência econômica e cultural de nosso povo ou simplesmente a uma vontade de amenizar frustrações cotidianas, é fato que em épocas de copa do mundo essa paixão se agiganta. Corinthianos abraçam palmeirenses, ricos e pobres se confraternizam, crianças e ido-

sos se consolam. Todos em prol de um objetivo comum: vencer a copa. São motivados pelo sentimento nacionalista, simbolizado pela comoção ímpar representada no momento da execução do hino brasileiro (composto por Osório Duque Estrada, música de Francisco Manoel da Silva) nos diferentes campos do planeta. Jogadores perfilados, telespectadores emocionados, cada um cantando a seu modo, conhecendo ou não a letra, de forma sincera e emocionada, o hino nacional. A pátria amada poucas vezes é idolatrada simultaneamente por tantos filhos desse solo, que não fogem à luta.

Trata-se de um cenário ufanista, no qual podem ser verificadas algumas peculiaridades em termos de produção cultural. Organiza-se uma verdadeira indústria acerca desse tema tão popular

Crédito: www.luzamerico.com.br



Lamartine Babo, além das inúmeras marchinhas de carnaval, compôs também as letras dos hinos dos clubes de futebol do Rio de Janeiro. Esta imagem traz a capa do LP que foi gravado em 1955 com as melhores produções carnavalescas desse compositor



Crédito: www.niteal.com.br

Capa do LP Sinal Fechado, de Chico Buarque de Holanda. Ano de 1974. O futebol é um dos temas marcantes da obra desse consagrado compositor

num país onde existem aproximadamente 180 milhões de peritos em futebol. O objetivo dessas manifestações é contribuir com o clima festivo e despertar o sentimento de amor pátrio até no mais descrente de nossos cidadãos.

Nesse contexto surgiram músicas próprias à época das copas. Algumas objetivaram simplesmente incentivar nossa seleção, enquanto outras, ao longo dos tempos, tiveram cunho político mascarado pelos dizeres nacionalistas. Em geral, algumas dessas marchinhas fizeram muito sucesso e são sempre lembradas nessas ocasiões. Outro tipo de manifestação alusiva à nossa seleção foi a criação de selos específicos sobre o tema. Colecionadores aficionados contam a história das copas através da filatelia. E, para citar mais um hobby nesse campo, como esquecer os famosos álbuns de figurinhas? Algumas delas eram trocadas a peso de ouro, devido à sua escassez no mercado. Completar o álbum, para os mais fanáticos, tem a mesma conotação de erguer a taça da FIFA, para nosso capitão.

O objetivo desse artigo é focar as nuances dessas manifestações artísticas, paradoxalmente intensas e sazonais. Relembrar detalhes das épocas envolvidas, no que diz respeito ao nosso país e, à medida do possível, à cidade de São Caetano do Sul. Protagonizam esse artigo pessoas de alguma forma ligadas à indústria cultural desencadeada pelas copas, seja através de histórias, seja por meio de depoimentos.

HISTÓRICO E MÚSICAS - A primeira copa do mundo foi realizada em 1930, no Uruguai, e vencida pelo anfitrião. Após as Copas de 1934 e 1938, ambas vencidas pela Itália (realizadas na Itália e na França, respectivamente), houve um hiato maior entre as competições devido à ocorrência da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). Em relação à Copa da França,

verificou-se a primeira manifestação musical por parte dos brasileiros: *Paris de Alcyr Pires Vermelho e Alberto Ribeiro*.

A Copa do Mundo de 1950 foi realizada em terras brasileiras. Destacou-se pelo recorde de público em um jogo, quando 200 mil pessoas lotaram o então recém-construído Estádio do Maracanã, o ex-maior do mundo. Infelizmente, naquele jogo concretizou-se a maior tragédia do futebol brasileiro. Fomos derrotados na final pelo Uruguai e ficamos com o amargo vice-campeonato. Um momento marcante daquela competição ocorreu quando o Maracanã lotado entoou *Touradas em Madrid* (composição de João de Barro e Alberto Ribeiro, 1937) durante a vitória contra a Espanha, em uma alusão à derrota sofrida para o rival (que valeu a desclassificação), em 1934. Nessa época, em nosso país, começou a despontar Lamartine Babo, um dos maiores compositores de todos os tempos, que, percebendo o ritmo das marchinhas cantadas no estádio, compôs marchas de exaltação de grandes clubes brasileiros, as quais perduram até hoje.

Em 1954, na quinta edição do torneio, realizado na Alemanha, houve uma novidade tecnológica: os jogos passaram a ser televisionados em preto e branco. Inédita também foi a atuação de um árbitro brasileiro (Mário Viana) no continente europeu. O time brasileiro seria obrigado a aguardar mais quatro anos pelo tão sonhado título. A música composta para motivar nossa seleção foi *Um a um*, de Edgar Ferreira.

A taça dourada foi conquistada por nós, pela primeira vez, em 1958, na Suécia. Aliás, primeira e única vez, até os dias atuais, que um país não europeu venceu a copa nas terras do Velho Continente. Um memorável esquadrão, formado pelo garoto-prodígio Pelé, pelo gênio de pernas tortas Garrincha e por outros experientes atletas, foi responsável por acabar com o

jejum brasileiro. Em grande estilo, derrotamos os anfitriões na final. Não é surpresa, portanto, o grande número de composições musicais que afloraram à época. Dentre elas, a mais famosa é *A taça do mundo é nossa* (vide site www.radiogol.com.br), de Wagner Maugeri, Lauro Muller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô. Coincidindo com o surgimento da bossa nova, e em meio a tanta euforia, o ambiente era propício ao desfile de talentos. Nas rádios brasileiras, os hits eram *Madureira chorou* (Carvalhinho e Júlio Monteiro), samba de maior sucesso daquele ano, *Meu mundo caiu* (Maysa), *Chega de saudade* (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) e *Cabecinha no ombro* (Paulo Borges).

Sem a mesma repercussão, houve outras músicas cujo mote foi a Copa da Suécia: *Aquarela da vitória*, *Futebol em tempo de samba*, *Os reis do futebol*, *Vingamos o Maracanã*, *Brasil campeão do mundo*, *Escolinha do Feola*, *Brasil campeão*.

Quatro anos depois, em 1962, no Mundial do Chile, ainda em estado de graça, a seleção brasileira sofreu uma baixa importante: Pelé lesionou-se e desfalcou o time nos principais jogos. Coube ao genial Garrincha “carregar” nosso escrete nas costas, com jogadas mágicas e gols decisivos. O Brasil sagrou-se bicampeão mundial derrotando os tchecos na grande final. Além da já consagrada *A taça do mundo é nossa*, que sofreu pequena alteração na letra, a fim de adaptar-se à nova conquista, surgiram outras canções: *Samba, futebol e café*, *Marcha da Copa do Mundo de 1962*, *Marechal da vitória*, *Brasil bicampeão*.

O torneio seguinte, realizado na Inglaterra em 1966, teve os donos da casa como campeões. O Brasil foi vítima de sua própria desorganização, tendo sido eliminado precocemente. Quanto às produções musicais da época, destacam-se: *Estão voltando as flores* (Paulo Soledade),

A mesma rosa amarela (Capiba e Carlos Pena Filho), *Na cadência do samba* (Ataulfo Alves e Paulo Gesta) e *Volta por cima* (Paulo Vanzolini). Esta última parece retratar a persistência do povo brasileiro (*Chorei/Não procurei esconder/Todos viram... E dar a volta por cima que eu dei quero ver quem dava...*).

Arte e talento resumem o desempenho brasileiro na inesquecível Copa de 1970. Considerada a maior seleção já formada em todas as copas, passeou nas terras do México, cujo fanático povo abrihantou ainda mais nossa conquista. Pelé, Jairzinho, Rivellino, Tostão, Gérson... Inesquecível! Com o terceiro título mundial, a Taça Jules Rimet veio definitivamente para o Brasil. Enquanto isso, em nosso país, viviam-se os piores anos da ditadura militar, sob o comando do general Médici, então Presidente da República. Muitas manifestações surgiram nessa época, mas talvez a que simbolize a copa seja *Pra frente Brasil*, composição de Miguel Gustavo. Outras também se destacaram, como *Guadalajara*, gravada pelos Demônios da Garoa, e *Brasil tricampeão*, de Aldacir Louro. Nessa década surgiria ainda *Fio Maravilha*, de Jorge Ben Jor, divisor de águas no tocante à comercialização das obras produzidas.

Em 1974, mais uma vez os anfitriões ganharam a copa. A Alemanha venceu a grande sensação Holanda, conhecida como Laranja Mecânica, que havia derrotado humilhantemente a pragmática seleção brasileira de Mário Jorge Lobo Zagallo. Curiosamente, foi a primeira copa transmitida ao vivo e em cores para todo o mundo. Uma música específica para a copa foi criada: *Camisa dez* (Hélio Matheus e Luís Vagner).

Em 1978 o circo estava armado. O título ficou com a Argentina, dona da casa, após uma improvável combinação de resultados que desclassificou o Brasil. Na final, os holandeses novamente foram

derrotados. *Gol, Brasil*, de Zurama, incentivou nossa equipe, que obteve o honroso terceiro lugar.

Quatro anos mais tarde, encantamos os espanhóis com a seleção montada por Telê Santana, seleção essa que jogava um futebol de encher os olhos. Infelizmente, fomos desclassificados pela inconstante Itália, que acabou sagrando-se campeã. Uma música que marcou esse torneio foi *Voa, canarinho*, de Nono e Maneco.

Em 1986, a copa novamente foi realizada no México. Dessa vez, o genial Maradona carregou o esquadrão argentino rumo ao título. O Brasil ficou pelo caminho após um jogo inesquecível, em que fomos derrotados pelos franceses nos pênaltis. Fomos embalados por *Setenta neles*, de Antônio Edgard Gianullo e Vicente de Paula Sálvia, entre outras, como *Mexe coração*, *Bola pra frente* e *Eu acredito nesse time*.

Em 1990, a burocrática seleção brasileira foi derrotada pelos argentinos em solo italiano. A seleção da Alemanha foi a campeã. *Papa essa Brasil*, *Geração 90*, *Lambada brasileira*, *Vibrar de novo*, *Bota fé que dá*, *É verde e amarelo o coração*, *Salve a seleção*, *Bate coração*, *Garra e coração*, *Pipiu Brasil*, *Brasil nota mil*, *Garra brasileira*, *Craque exportação*, *Dá olé Brasil*, *Vai Brasil* e *Arrebenta Brasil* são exemplos de marchinhas da época.

Em 1994, o torneio da FIFA foi realizado nos Estados Unidos, aproveitando o interesse crescente dos americanos pelo *soccer*. Com a capacidade administrativa dos EUA, a copa foi sucesso de público e audiência televisiva, além de ter recebido grande destaque pela mídia escrita, a despeito da até então pouca familiaridade do povo norte-americano com o futebol. Ganhamos a taça nos pênaltis, numa final disputada contra a eterna rival Itália. *Coração verde-amarelo* foi a música mais cantada pelo nosso

povo. Registramos ainda outras músicas referentes ao tetra: *Saudando a seleção*, *Avante torcida brasileira*, *As cores da nossa bandeira* e *Brasil no repeteco*.

Em 1998, o campeonato foi realizado na França. Fomos derrotados humilhantemente pelos anfitriões, após problemas extra-campo, até hoje pouco esclarecidos.

O ano do pentacampeonato fez esquecer o fiasco anterior. Derrotamos a Alemanha na grande final, com atuação de gala do fenômeno Ronaldo. Na primeira copa realizada na Ásia, de forma peculiar em dois países, Japão e Coreia do Sul, viu-se um show de organização e transmissões televisivas. As músicas mais lembradas e tocadas, inclusive na concentração dos jogadores, foram *Deixa a vida me levar*, de Zeca Pagodinho, e *Festa*, de Ivete Sangalo.

Através desse sucinto histórico, podemos perceber que música e futebol se casam com perfeição. Muitas canções, direta ou indiretamente, falam de futebol. Partidas de futebol acabam em rodas de samba e vice-versa. Grandes craques de nossas seleções arriscaram-se como cantores e até mesmo compositores. Júnior, Sócrates e o Rei Pelé são exemplos dessa afirmação. O genial Garrincha foi casado com Elza Soares, cantora musa da época. Chico Buarque de Holanda, considerado o maior gênio musical do século XX, faz, em várias de suas obras, alusão à paixão nacional. Dentre elas, a coletânea *Samba e futebol*, lançada em 1989.

Domingos da Guia, talvez o maior beque brasileiro de todos os tempos, foi quem melhor exprimiu o elo entre a música e o futebol:

Meu irmão mais velho me dizia: "Malandro é o gato, que sempre cai de pé... Tu não és bom de baile?" Eu era bom de baile mesmo e isso me ajudou em campo ... Gingava muito ... Sabe que eu me lembrava deles ... O tal do drible curto

eu inventei imitando o miudinho, aquele tipo de samba.

Resumindo, do choro de Pixinguinha ao *Gol anulado* de Aldir Blanc e João Bosco, da metáfora política *Geraldinos e Arquibaldos*, de Gonzaguinha, aos trabalhos de Skank, O Rappa, Engenheiros do Hawaii, Gabriel O Pensador, passando pelo choro-canção *Falando de amor*, de Tom Jobim, inúmeros são os trabalhos produzidos mencionando o futebol. A Pátria de Chuteiras é uma das metáforas mais pertinentes já criadas para definir um país em que a avassaladora paixão pelo futebol provoca momentos de intensa emoção, capazes de levar nosso povo da melancolia ao êxtase, da felicidade extrema à depressão profunda, em frações de segundos.

FIGURINHAS - As primeiras figurinhas esportivas surgiram entre 1934 e 1938, com a Coleção Bala-Futebol. Vinham embrulhadas em papel de bala. Já o primeiro álbum de figurinhas sobre futebol foi lançado em 1950, segundo o colecionador Antônio Bonin (paulistano que tem um dos maiores acervos sobre o tema). Na ocasião da copa realizada no Brasil, a inovação agradou a todos, apesar do resultado desfavorável do torneio. O sulsancaetanense Brenno Diorrener Pereira apresenta, entre a sua vasta coleção de revistas e materiais sobre futebol, um exemplar desse álbum. Nos anos de 1960 e 1970, os álbuns se popularizaram ainda mais, notando-se melhora da qualidade das figurinhas.

Além dos álbuns oficiais lançados em cada copa, encontramos também alguns dedicados a Pelé. Em algumas figurinhas, o Rei aparece em momentos de lazer, durante treinamentos e em jogos. Um dos pontos lembrados nos depoimentos é que havia muita dificuldade para se completar os álbuns, pois, além de alguns craques serem literalmente figurinhas raras, existiam ainda figurinhas carimba-

A taça do mundo é nossa

(Copas de 1958 e 1962)

Wagner Maugeri, Lauro Muller, Maugeri Sobrinho e Víctor Dagô

*A taça do mundo é nossa
Com o brasileiro
Não há quem possa
E, eta, esquadrão de ouro
É bom no samba
É bom no couro*

*O brasileiro lá no estrangeiro
Mostrou o futebol
Como é que é
Ganhou a taça do mundo
Sambando com a bola no pé
Gooooooooo!*

Pra frente Brasil

(Copa de 1970)

Miguel Gustavo

*Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil
Do meu coração
Todos juntos vamos
Pra frente Brasil
Salve a seleção!*

*De repente
É aquela corrente pra frente
Parece que todo o Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Tudo é um só coração!*

*Todos juntos vamos
Pra frente Brasil!
Brasil!
Salve a seleção!*

das que podiam ser trocadas por prêmios (bicicletas, cafeteiras, jogos).

Hoje, na expectativa do Mundial de 2006, já podemos notar a movimentação em torno dos álbuns, com as famosas trocas de figurinhas e disputas de jogos de bafo. E essa prática não se restringe às crianças, atingindo também adultos e idosos amantes do esporte mais popular do planeta. O álbum alusivo à próxima copa foi lançado há um mês e, após duas semanas de comercialização, já havia sido vendido o dobro de unidades em relação à edição da última copa. Esse sucesso surpreendeu até mesmo o presidente da empresa responsável pela produção dos álbuns, a qual é reconhecida pela FIFA.



Crédito: Brenno Diorrener Pereira



Álbum de figurinhas que foi lançado por ocasião da Copa do Mundo de 1950



Crédito: Gilda Patusca Ribeiro das Neves

Araken Patusca, em foto do início da década de 1980



Crédito: TRIGO, Mário. O Eterno Futebol, 2ª ed. p.274

Em virtude de seu espírito extrovertido, Mário Trigo tornou-se também o contador de "causos" e piadas, na seleção, o que justifica a manchete acima

SÃO CAETANO - Procuramos lembranças do futebol nas copas mundiais entre os moradores de São Caetano do Sul. Encontramos notícias de Araken Patusca, único paulista a participar da primeira copa, em virtude de uma rixa existente entre cariocas e paulistas. Foi detentor de um importante recorde por 37 anos: em 1927 marcou sete

gols em uma única partida. Quem nos relata essa façanha é Gilda Patusca, filha de Araken e funcionária da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Ela demonstra o maior orgulho dos feitos de seu pai, falecido em 1990.

Em sua carreira futebolística jogou, desde os 18 anos, no Santos, no Paulistano e no São Paulo. Em 1925, atuou nos campos da Europa, jogando pelo Paulistano. Lá recebeu o apelido de "Le Danger", devido ao perigo que representava dentro de campo à equipe adversária.

Foi cantor, dançarino, jornalista, comentarista esportivo e escritor. Paulista de coração, combateu na Revolução Constitucionalista e doou todas as meda-

lhas e troféus para a campanha "Do ouro para São Paulo". Era uma pessoa muito extrovertida, alegre, gostava de todos os esportes e era apaixonado pela família. Foi suplente de vereador em São Paulo e recebeu o título de comendador. Teve duas filhas, oito netos e oito bisnetos. Estudou engenharia no Mackenzie.

Outro personagem com vínculo sulsancaetanense é o dentista Mário Trigo, casado com Vanilde Shirley Mantovani, moradora de nossa cidade. Participou das copas de 1958, 1962 e 1966. Através do trabalho que desenvolveu na seleção brasileira, procurou conscientizar os dirigentes a respeito da importância da saúde bucal para a boa forma física dos atletas. Seu espírito extrovertido fez com que assumisse mais uma função junto ao grupo: a de contador de "causos" e piadas. É autor do livro *O Eterno Futebol* (que já está na segunda edição), no qual relata momentos marcantes da seleção nas copas em que integrou a delegação do Brasil, bem como suas experiências profissionais e de vida. Mesmo morando em Brasília, Mário Trigo e Vanilde Mantovani preservam um forte vínculo afetivo com São Caetano do Sul, que continua sendo uma referência para eles.

E por falar em Copa do Mundo...

O dentista bicampeão do mundo em futebol, dr Mário Trigo, pai da odontologia esportiva (assim chamado pelo próprio Conselho Federal de Odontologia, em homenagem bem recente realizada no Rio de Janeiro, em 20 de Abril de 2006), é freqüentador assíduo de São Caetano do Sul desde 14 de fevereiro de 1965, onde criou raízes.

Conheceu sua esposa Vâni em São Paulo, no Gabinete do ex-IAPETEC, onde ela era chefe, pois era funcionária pública concursada desde 1962.

Ela, moradora de São Caetano do Sul (Av. Goiás, 671), da família Mantovani, ex-aluna da primeira turma do Cel. Bonifácio de Carvalho, estudava e trabalhava em São Paulo, fato que propiciou o encontro.

Esse campeão de simpatia caiu de amores por São Caetano, onde aliás teve residência até 2002, quando vendeu seu apartamento, que ficava no Edifício Alexandre Meloni (para o Flávio Lino). Agora quando

vem à cidade, hospeda-se no Parthenon da Rua Alegre, na Vila Barcelona.

Todo esse tempo de São Caetano sempre esteve em contato com a turma do Bonifácio, participando dos eventos (desde o primeiro) do Clube dos Anos Sessenta, indo às famosas “pizzas” dos ex-alunos do Colégio Bonifácio de Carvalho e, antigamente, nos bons tempos, aos Cines Vitória, Primax, Max e São Caetano. Também dançava na Acascs e no Comercial.

E por falar no campeão, cabe lembrar o quanto ele ajudou a Seleção Brasileira de Futebol. É o homem que fazia a seleção abrir a boca para rir. Não entrou no campo, mas na penumbra dos bastidores ajudou a ganhar as duas primeiras copas para o Brasil, que nos permitiram chegar ao tetracampeonato (palavras de Vâni sobre o Mário)

Crédito: Mário Trigo



Copa de 1966 - Da esquerda para a direita: o técnico Vicente Feola e o dentista Mário Trigo

Por fim, um jogador bastante lembrado e de renome que morou em São Caetano é Luís Pereira, que atuou como zagueiro da seleção de 1974. Chegou a atuar bastante tempo pelo SAAD, antigo clube de futebol do município, que precedeu a AD São Caetano.

Meus agradecimentos a Brenno Diorrener Pereira, Carmo Mazzucatto, Luiz Romano e Ivânio Mantovani pelo empréstimo de materiais e informações concedidas.

FONTES -

A Gazeta Esportiva Ilustrada (Edição Comemorativa do VII Campeonato Mundial de Futebol - 1962). São Paulo, junho de 1962.

Fatos & Fotos (Edição Especial da Copa do Mundo de 1970). Ano X. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., junho de 1970.

PINHEIRO, Mauro. Todas as Copas do Mundo . (Livreto lançado pela Nossa Caixa, em 1978, por ocasião da Copa da Argentina).

Guia da Copa de 1990.

DUARTE, Orlando. Enciclopédia Todas as Copas do Mundo. São Paulo: Makron Books, 2001.

TRIGO, Mário. O Eterno Futebol. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2005

() Sônia Maria Franco Xavier é presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

Imagens da Memória

As Copas do Mundo de 1950 e 1970

Para o Espírito, tudo está presente

Hugo von Hoffmannsthal

Cada instante deve estar pronto para recolher a plenitude da eternidade

Franz Rosenzweig

quaedam catervatim se proruunt et, dum aliud petitur et quaeritur, prosiliunt in medium quasi/dicentia: 'Ne forte nos sumus?'. Et abigo ea manu cordis a facie recordationes meae, donec enubiletur quod volo atque in conspectum prodeat ex abditis.

outras (imagens) irrompem aos turbilhões e, enquanto se pede e se procura uma outra, saltam para o meio, como que a dizer: "não seremos nós?". Eu, então, com a mão do espírito, afasto do rosto da memória, até que se desanuvie

o que quero e lá do seu esconderijo apareça à vista.

Santo Agostinho. Confissões, X, 8.



istória rima com memória e nada melhor do que iniciar este artigo histórico falando um pouco sobre a memória.

A memória é a retenção ou armazenamento do aprendizado ou da experiência que nos leva ao conhecimento. Existem vários tipos de memória. Por exemplo: a memória implícita (por indução, independentemente da atenção), a explícita (consciente), a reconstrutiva (que passa de uma pessoa para outra com uma interpretação pessoal da que recebe a informação).

Pode-se mencionar ainda a memória

sensorial, a MCP (memória de curto prazo) e a MLP (memória de longo prazo). A memória sensorial proporciona uma informação precisa do ambiente como o experimenta o sistema sensorial, isto é, conserva uma espécie de *cópia literal* do estímulo durante um breve período depois da exposição e esquece qualquer informação a que não esteja atenta. A memória sensorial se relaciona de forma estreita com o registro da experiência e talvez seja útil considerá-la como parte do processo de percepção e como um requisi-



Com o Pão de Açúcar (Rio de Janeiro) ao fundo, no ano de 1948, Ignácio Del Rey, Olga Lorenzini Del Rey, Santa Leoni Lorenzini, Mário Del Rey e Maria Helena Del Rey

to necessário para o armazenamento em si da experiência ou aprendizado. Calcula-se que menos de uma centésima parte de toda a informação sensorial feita a cada segundo nos sentidos humanos alcance a consciência e desta somente a vigésima parte consegue chegar a algo que se assemelhe a um armazenamento estável da experiência.

Parte da informação da memória sensorial passa com êxito à MCP (memória de curto prazo), o que permite que se armazene a informação durante o tempo suficiente para poder utilizá-la.

Acredita-se que a MLP (memória de longo prazo) possui uma capacidade ilimitada. Pode ser vista como um depósito de todas as coisas na memória que não se utilizam no momento, mas que potencialmente podem ser recuperadas. Permite recuperar o passado e utilizar essa informação para lidar com o presente. De certa forma a MLP permite vivência simultânea no passado e no presente. A informação na MLP pode manter-se desde alguns minutos até vários anos (que podem chegar a preencher a vida inteira do indivíduo).

O que foi mencionado acima é apenas

uma pequena apresentação do que é a nossa memória e serve de início para nossa meditação sobre fatos de nossa vida que recordamos tão bem em detrimento de milhares de outros de que não nos lembramos.

1948 e 1950 - Como as lembranças que tenho sobre a Copa do Mundo de 1950 são tão remotas, (eu tinha apenas cinco anos de idade), julguei interessante começar por elencar as lembranças que ainda recordo dos primeiros fatos de minha vida.

A foto ao lado é de julho de 1948, quando eu tinha apenas três anos de idade. Resolvi colocá-la neste artigo por dois motivos: primeiro, porque é desta data que eu conservo minhas primeiras lembranças de vida (memórias); segundo, porque foi a primeira vez que minha família foi visitar o Rio de Janeiro, cidade que encantou a todos e um dos motivos de nossa volta em 1950 em plena Copa do Mundo do Brasil.

Quais são as lembranças que recordo desse ano de 1948? Apenas quatro. Duas são relativas a essa primeira viagem: o bondinho que nos levou ao Pão de Açúcar e os fotógrafos que ficavam naquele local com suas câmeras enormes tipo caixão. Das outras duas lembranças a primeira é a de minha *nonna*, Santa Leoni Lorenzini, cortando a polenta com o fio de linha e nos dando pra comer com queijo branco. A última lembrança é de um papagaio que nós tínhamos. Ele vivia chamando minha mãe de Olguinha e cantava a valsa *Danúbio Azul* que havia aprendido com ela.

É interessante recordar que estivemos em julho de 1948 no Rio de Janeiro e naquele mesmo ano, no dia dois de agosto, foram iniciadas as obras do popularmente denominado Estádio do Maracanã, oficialmente conhecido naquela época como Estádio Municipal do Rio de Janeiro e posteriormente denominado Estádio Jornalista Mário Filho.

Esta imagem é de julho de 1950. Nessa



Julho de 1950: Ignácio Del Rey com sua família e os pais indo para o Rio de Janeiro

data a nossa família, acompanhada dos meus avós Santiago Del Rey e Maria Nascimento Campos, foi para o Rio de Janeiro perto da final da Copa do Mundo do Brasil.

Antes de falar dos fatos da época que ficaram na minha memória, vou apresentar um pequeno histórico daquele campeonato.

Antes do início da copa do mundo, o Estádio do Maracanã foi inaugurado em 16 de junho de 1950, com um jogo entre a seleção de São Paulo e a do Rio de Janeiro. A capacidade do estádio era para cerca de 183 mil pessoas, se bem que na final da copa estiveram presentes 203.849 pessoas (173.850 pagantes).

A primeira partida oficial da Copa de 1950 ocorreu no Maracanã, no dia 24 de junho. Foi o jogo entre o Brasil e o México (partida que o Brasil ganhou de 4 x 0). Os locais dos jogos foram Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e Recife.

Participaram desse campeonato as seleções do Brasil, Uruguai, México, Iugoslávia, Suíça, Inglaterra, Chile, Espanha, Estados Unidos, Suécia, Itália, Paraguai e Bolívia.

A seleção brasileira do Campeonato Mundial de Futebol de 1950. O uniforme dos jogadores (com exceção de goleiro e massagistas, que tinham uniforme azul) era branco com gola e faixas (no calção e nas mangas) azuis. Da esquerda para a direita: Johnson e Mário Américo (massagistas), Barbosa, Augusto, Danilo Alvim, Juvenal, Bauer, Ademir, Zizinho, Jair, Chico, Friaça e Bigode



O Brasil era o time favorito para ser campeão, pois tinha excelentes jogadores e havia ganho outras partidas de uma forma muito boa: Brasil 4 x 0 México, Brasil 2 x 2 Suíça, Brasil 7 x 1 Suécia,

Brasil 6 x 1 Espanha.

O Uruguai havia se classificado para a final da copa com um jogo a menos e não tinha tido uma campanha tão boa como a do Brasil: Uruguai 8 x 0 Bolívia, Uruguai 2 x 2 Espanha, Uruguai 3 x 2 Suécia.

Os brasileiros estavam tão confiantes na vitória final que, antes de a partida começar, cada jogador recebeu um relógio de ouro com a inscrição: *Para os campeões do mundo*. Havia faixas no estádio com a inscrição *Homenagem aos campeões do mundo* e um verdadeiro carnaval havia sido preparado para comemorar a vitória. Os jornais já estavam prontos com os dizeres *Campeão do Mundo* na primeira página.

O que ocorreu depois, durante a partida, todo mundo sabe: o Brasil, apenas precisando de um empate, acabou perdendo do Uruguai por 2 x 1, de virada. Essa partida ficou conhecida na América do Sul como *Maracanazo*. O segundo gol do Uruguai, o da vitória, foi marcado a ape-



Ghiggia marca o gol da vitória do Uruguai. Juvenal e Bigode, desesperados, observam a bola dentro do gol brasileiro

nas 11 minutos do final do jogo. O Brasil havia perdido a *sua* Copa do Mundo da FIFA, e a nação ficou arrasada.

FINAL - Havíamos chegado uns dois dias antes da final da Copa do Mundo, que ocorreu no dia 16 de julho. Ficamos poucos dias no Rio de Janeiro, aproximadamente quatro ou cinco dias. (Será que por causa do ambiente de tristeza que reinou na cidade após a derrota para o Uruguai? Não sei.)

Fomos para Copacabana e nos hospedamos num hotel denominado Luxor Hotel, que ficava não muito distante do Copacabana Palace Hotel. Meu pai havia me prometido, durante a viagem, que me levaria para assistir à final do campeonato mundial de futebol.

Não sei qual o motivo (se a previsão do exagero de torcedores no estádio, medo de distúrbios nas comemorações, cansaço da viagem etc.), mas o meu pai já não queria ir assistir à final depois que chegamos ao hotel.

O que ficou na memória foi o respeito de meu pai, na ocasião com 38 anos de idade, para com a promessa feita a um filho de cinco anos de idade. Ao invés de apenas dizer que já não iria assistir ao jogo, ele tentou me convencer de desistir do intento, oferecendo-me em troca um uniforme completo do Corinthians e uma bola de futebol oficial. Não deu certo, e lá fomos nós, apenas eu e ele, para o estádio num táxi. Na primeira vez que fomos ao Rio de Janeiro quem nos levou foi um motorista de táxi de São Caetano. Nessa segunda vez, fomos num carro dirigido pelo meu pai. Em razão da dificuldade para estacionar o carro nas proximidades do estádio, contudo, meu pai preferiu ir de táxi ao Maracanã.

Lá chegando, Ignácio (meu pai) conseguiu os ingressos com alguém (possivelmente um cambista) de quem não me recordo. Lembro-me, contudo, de que o local em que ficamos era bem no alto do estádio, uma espécie de *arquibancada geral*, onde uma grande parte da torcida ficava de pé. Havia pessoas de pé e também na parte de baixo do estádio. A maioria da torcida estava muito alegre e gritava: *Brasil, Brasil*. Muitos usavam no corpo faixas de campeões do mundo. Outra coisa que me chamou a atenção na época foi a grande quantidade de pessoas morenas e negras na torcida (naquela época, aqui em São Paulo e em especial

em São Caetano do Sul, havia uma população em grande parte formada por europeus e seus descendentes).

Quando o Uruguai marcou o seu segundo gol, a apenas 11 minutos do final do jogo, o estádio congelou. Começou a reinar um silêncio sepulcral entre os torcedores. Naquele momento, meu pai resolveu sair do estádio (não sei se por não ter mais esperança de uma reação brasileira, por medo de violência ao final do jogo caso o Brasil perdesse etc.). Passamos por centenas de torcedores mudos e com o rosto congelado numa expressão de desespero. Ao sair do estádio, tivemos uma dificuldade enorme para conseguir um táxi e voltar para Copacabana. Enquanto estávamos à procura da condução, lembro-me de quatro senhoras que passaram por nós chorando.

Também recordo que, no *day after* (dia seguinte) do campeonato, a praia estava quase deserta, com apenas uns cinco moços chutando uma bola. O dia estava meio nublado, talvez de luto pelo desastre da nossa seleção daquela época.

Conversando com minha irmã sobre essas lembranças do Maracanã, lembranças que ela não possui, pois tinha ficado no hotel com minha mãe e meus avós, ela se recordou de outro fato que já não se encontrava na minha memória: naqueles dias, constantemente havíamos tentado imitar o sotaque dos cariocas!

Tenho ainda uma recordação do modelo da bola de futebol com a qual eu costumava jogar em São Caetano, num campo perto da Texaco, no Bairro da Fundação. Nos finais de semana eram os adultos que jogavam nesse campo, mas, durante a semana, eram os meninos da redondeza. Eram os anos de 1950 até 1954, e as bolas utilizadas eram iguais à do modelo ao lado. Acredito que também foi esse o modelo de bola uti-

A famosa bola capotão, utilizada pelo autor em seus jogos do início da década de 1950 e que provavelmente foi utilizada no mundial de 1950 no Brasil



lizado no Campeonato Mundial de Futebol de 1950. O novo modelo, sem costuras, com uma válvula e sem o famoso *bigolim*, (pedaço de borracha que era uma espécie de caninho por onde se enchia a bola de ar), só seria introduzido no Brasil por volta de 1954. Essa bola, comum no anos 30, 40 e no início dos 50, era aqui no Brasil chamada de *capotão* (pois tinha uma parte de borracha, interna, preenchida de ar, e uma parte com costura, que guardava o *bigolim* e machucava um pouco o jogador no momento da cabeça; outro problema: o couro externo estragava com muita facilidade e, para conservar essas bolas, costumava-se esfregar sebo nelas).

COPA DE 1970 - O IX Campeonato de Futebol ocorreu no México, em 1970, e foi disputado entre os dias 31 de maio e 21 de junho.

Nessa copa, o Brasil sagrou-se tricampeão com os seguintes jogadores: Félix, Carlos Alberto Torres, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson, Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino.

A final foi no Estádio Azteca, na cidade do México, e o Brasil venceu a Itália por 4x1.

No Brasil estávamos na época da ditadura do general Garrastazu Médici, que procurou tirar partido do sucesso da seleção canarinho.

O que me recordo desses jogos da seleção é que, no apartamento de minha irmã, nos reuníamos com amigos e, durante os jogos, para matar o nervosismo, e depois também, para poder comemorar em caso de vitória, ficávamos picando papel (de jornais, revistas etc.). Após as vitórias, muitos torcedores iam

para a Rua Manoel Coelho comemorar. O apartamento da Maria Helena ficava no segundo andar do edifício em frente a essa rua. Havia sempre um *corso* - carnaval com muitos carros - passando, comemorando, e nós, do alto do prédio, soltávamos serpentinas, confetes e os papéis picados para celebrar as vitórias. Lembro-me também da alegria de ver a seleção utilizar o primeiro uniforme: camisas amarelas e calções azuis. Nunca gostei do segundo uniforme, camisas azuis e calções brancos. Não sei se no meu inconsciente ficou a lembrança da camisa azul celeste uruguaia ou a dos detalhes azuis do uniforme branco da nossa seleção de 1950!

FONTES -

Para o texto latino de Agostinho de Hipona, consultar www.augustinus.it



Pelé comemora o tricampeonato conquistado no México

(*) *Mario Del Rey, escritor, tradutor, poeta e pintor.*



João Baptista de Barros (em primeiro plano, o terceiro, a partir da esquerda) nos estúdios da Rádio Bandeirantes (Rua Paula Souza), após o sorteio em que foi contemplado com viagem ao Chile para assistir à Copa do Mundo de 1962. Vinte e seis de fevereiro de 1962

Diário de uma viagem premiada

No dia 26 de fevereiro de 1962, João Baptista de Barros foi premiado com uma viagem ao Chile para acompanhar a copa do mundo que seria aí disputada. Esse paulista de São João da Boa Vista estava residindo, havia oito anos, na cidade, na época em que foi contemplado com tal viagem. Antes de sua instalação no município, João Baptista de Barros, por conta da profissão de rádio-

telegrafista da polícia civil, já havia passado por várias cidades do interior de São Paulo, como Guaratinguetá, Cunha, Piracicaba, Campinas, Jaboticabal, São João da Boa Vista, entre outras. De sua cidade natal foi transferido para São Paulo, ocasião em que passou a morar na Rua Taipas, 310, em São Caetano do Sul, onde permaneceu até 1964. Desde então, reside com sua esposa Isabel Perez de Barros (com quem está casado há 60 anos) no Bairro do Ipiranga, em São Paulo. Mas sua ligação com São Caetano

mantém-se intensa, pois sua filha Doralice de Barros continua habitando na cidade.

Além das incontáveis histórias vivenciadas, em razão das diversas atividades que exerceu e ainda exerce, entre as quais a de maçom (função que já lhe rendeu uma infinidade de condecorações), João Baptista de Barros guarda uma história em especial: a Copa do Mundo de 1962. Embora já tivesse tido o privilégio de acompanhar de perto um mundial, quando esteve no Maracanã assistindo ao jogo entre Brasil e Uruguai, pela final da Copa de 1950, a emoção da ida ao Chile foi inigualável, principalmente se for levada em consideração a campanha vitoriosa da seleção brasileira nesse campeonato.

Isso explica o fato de João Baptista de Barros ter elaborado uma espécie de diário, onde registrou os momentos marcantes de sua viagem premiada. Os principais registros feitos por João Baptista de Barros são apresentados a seguir com algumas adaptações e informações elucidativas.

No início de 1961, as Indústrias de Bebidas Cinzano instituíram um concurso intitulado “O Brasil na Copa do Mundo” (...). No mês de fevereiro (...), na última segunda-feira, foi realizado o primeiro sorteio, que premiou seis concorrentes. E para concorrer bastava enviar nome e endereço, juntando uma tampinha ou um rótulo ou ainda uma rolha dos produtos Cinzano. Eu (...)



Os premiados no concurso no Estádio Sausalito, em Viña del Mar, durante o jogo Brasil x Espanha, pela primeira fase da copa. A seleção se apresentou em tal estádio até as quartas-de-final do campeonato



Os 100 torcedores premiados no concurso organizado pela Cinzano e Rádio Bandeirantes. DEFE (Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo), 27 de maio de 1962, dia do embarque para o Chile

procurei tomar parte nos sorteios e, mensalmente, enviava (...) cartas em meu nome, [dos] meus parentes e amigos. O concurso estava em plena atividade e, [em] todas as últimas segundas-feiras de cada mês, mais seis concorrentes eram contemplados. Até que no dia 26 de fevereiro [de 1962], nos estúdios da Rádio Bandeirantes, na Rua Paula Souza, (...), eu apareci lá a fim [de] assistir de perto e ver como era realizado. (...).

Já haviam sido sorteados 72 ouvintes/concorrentes. Iniciou-se o falado e famoso sorteio. Veio o primeiro da noite, veio o segundo, veio o terceiro, (...), e eis que chamaram uma moça de nome ou sobrenome Monserrat, que meteu a mão numa urna, onde (...) havia três milhões e 500 mil car-

tas. De lá retirou uma carta que, entregando ao locutor, este a leu e disse: “Atenção São Caetano do Sul. Terá alguém de São Caetano aqui?” Eu levantei a mão. Ele disse: “Tem um concorrente. Será ele ou não será?” Então foi aquela tensão nervosa para mim, pois imagine se fosse a minha carta? E, então, ele leu o nome da Rua Taipas. Eu não me contive e dei um pulo. Chegando próximo ao microfone, (...) ele perguntou: “Qual é o número da rua?” Respondi: “Rua Taipas, nº 310, e meu nome é João Baptista de Barros.” Ele nada mais disse e, num rápido gesto, deu-me um apertado abraço, com um sorriso, e eu, já prevendo do que se tratava, retribuí e dei uma volta. A primeira pessoa que encontrei ao meu lado peguei no colo. Mais tarde, vim [a]

saber que se tratava do sr Aldo Rosito, que (...) era o chefe de propaganda da Cinzano, em São Paulo. (...).

Os dias foram passando e todos os preparativos iam sendo tomados. E, tendo recebido comunicado da Cinzano de que todos deveriam estar se apresentando no DEFE [Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo], no dia 25 de maio, eu lá fui (...).

Dias 25 e 26, passamos todos reunidos no DEFE (...). Eu, como residente em São Caetano do Sul, próximo à Capital, voltei para casa e no dia 27, domingo, às 16 horas, meu cunhado Toninho me levou lá no DEFE, de onde rumamos para Viracopos.

Foram se despedir e assistir à nossa partida (...) Toninho, Isabel e Doralice (...). Às 18h20, tomamos o rumo de Campinas/Viracopos, lá chegando às 21 horas.[O aeroporto] estava cheio de gente por todos os lados (...). Fomos jantar e, às 22h15, veio a ordem de que dentro de meia hora estaríamos partindo. Mas, devido ao grande número de passageiros, somente às 22h55 é que partimos, num Boing 707 (...) da Varig. (...). Estávamos em 153 passageiros e mais 17 tripulantes. (...).

Chegamos ao aeroporto [de Santiago] onde chegamos às 17h30 (...). Empreendemos, em seguida, (...) a Viña del Mar, onde chegamos às 17h30. Tomamos nossos



João Baptista de Barros e Antenor Carvalho Braga (outro torcedor sorteado no concurso) com duas chilenas, em Viña del Mar



apostos e só às dez horas é que nos levantamos (...).

Percorremos a cidade para os primeiros contatos (...).

(...) Dia 29, fomos conhecer rapidamente Valparaíso (...), e dia 30, dia do primeiro jogo [do Brasil] - Brasil x México -, o almoço saiu bem cedo (...). Dia 31, fomos ao jogo Checoslováquia x Espanha, e, dia primeiro, [fomos] conhecer outras partes da cidade. Dia dois [de junho], jogo Brasil x Checoslováquia. Dia três, jogo México x Espanha. Dia quatro, fomos conhecer Santiago (...) e, à noite, voltamos a Viña del Mar (...). Dia cinco, voltamos aos passeios (...). Dia seis, jogo Brasil x Espanha (...). Após o segundo gol do Brasil, deu-se o inevitável. Os torcedores espanhóis, que ali se encontravam

desde o início do jogo, nos provocaram (...). E, quando o Brasil estava seguro da vitória, nossos jogadores passaram a segurar a bola (...). E, a cada drible (...), nós (...) gritávamos o clássico "olé" (...). Esse foi nosso grito de guerra contra os espanhóis. E fomos até ao hotel gritando e fazendo um carnaval nas ruas, sempre acompanhados pelos chilenos, [que], aos poucos, iam se aderindo aos brasileiros (...).

Dias sete, oito e nove, fomos a vários passeios por Viña del Mar, Valparaíso (...), bem como visitamos chilenos que, a estas alturas, nos disputavam, pois cada um queria levar mais brasileiros para sua casa (...), para que cantássemos e também contássemos tudo que sabíamos do nosso Brasil.

Dia dez, jogo contra a Inglaterra.

Flagrante da decisão da Copa do Mundo de 1962. O jogo ocorreu no Estádio Nacional, em Santiago, no dia 17 de junho. A vitória da seleção frente à antiga Checoslováquia, pelo placar de três gols a um, garantiu o bicampeonato mundial para o futebol brasileiro



João Baptista de Barros, na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em cinco de maio de 2006

Ganhamos tranquilamente por três a um (...).

Dia 11, nos preparamos para conhecer outras partes da cidade e dia 12, logo às sete horas, partimos com destino às Cordilheiras. Foi [o] passeio mais bonito que pudemos ter (...).

Dia 13, dia de Santo Antônio, fomos bem cedo a

Santiago (...) ver o jogo Brasil x Chile - quatro x dois [para o Brasil, que, assim, garantiu vaga na final do campeonato]. Lá almoçamos, passeamos e não fizemos grande carnaval, porque poderíamos sair mal e até apanhar dos chilenos mais exaltados. Os chilenos gritavam: “Chi chi chi le le le viva Chile” (...). Nós inventamos o nosso [grito de guerra]: “Chi chi chi le le le centro de Zagallo, gol de Mané.” Eles não gostaram muito. Mas o que fazer? (...).

Dia 14, logo cedo, fomos à praia (...), [que] estava completamente deserta. Fica a sete quilômetros de Viña del Mar (...).

Dia 15, mais passeios pela cidade (...).

Dia 16, jogo Chile x Iugoslávia, que foi vencido pelos chilenos, por um x zero, (...) [que], assim, ficaram classificados em terceiro lugar

Dia 17, logo cedo, rumamos para Santiago (...) [para] ver a final do campeonato do mundo entre Brasil x Checoslováquia. Antes do jogo, houve um bailado (...) em redor do campo (...). Uns 80% [de chilenos] torceram contra nós, porque há três dias havíamos ganho deles e tirado-os do caminho do título. Mas após Vavá [ter marcado] o terceiro gol, nós iniciamos nosso carnaval final. E quando eles viram que não adiantava mais torcer contra, (...) passaram a aplaudir nos-

os jogadores (...). Quando Mauro [capitão da seleção] levantou a taça, foi aquela alegria, gritaria, risadas e festas, festas e mais festas. Saindo do campo, fomos fazendo um carnaval até o centro da cidade (...). O trânsito (...) paralisou completamente, pois havíamos ganho o título de bicampeões do mundo (...). Após muitas danças, gritos (...), rumamos com destino a Viña del Mar (...) até que, na entrada da cidade (...), fomos impedidos de continuar a viagem (...). É que o povo de Viña del Mar veio nos encontrar Colocaram-se à frente do ônibus, obrigando-nos a parar (...) e, assim, para andarmos (...) uns quatro quarteirões demoramos umas duas horas (...). Ao chegarmos ao hotel, outra surpresa. Lá estavam uns 12 autos e caminhões repletos de gente gritando: “Viva o Brasil, viva o Brasil!” (...).

No dia 18, por onde passávamos, eles diziam: “Aí os bicampeões de futebol.” Nesse mesmo dia, fomos convidados para visitar um navio (...) de guerra da Armada do Chile. E lá fomos na própria lancha da Armada e, em alto-mar, fomos recebidos pela oficialidade e, após, [nos] ofereceram um “drink”, no refeitório dos oficiais. Logo em seguida, deixamos esse navio e voltamos a percorrer mais alguns lugares ainda desconhecidos (...). No dia 19, eu fui convidado a visitar um colégio de nome “Brasil” (...).

Dia 20, marcado para retorno, foi só despedidas (...). No fim do dia, chegou a notícia de que a viagem seria retardada (...). Assim, somente no dia 21, às 19h40, é que deixamos a bela cidade de Viña del Mar - talvez para nunca mais voltarmos. Mas isso só a Deus compete saber e determinar, e nós, mortais, teremos de nos contentar. Ele manda.

(Texto produzido pelo Setor de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.)

O paulista e suas paisagens antrópicas



I

Gilberto Freyre em seu *Nordeste*, livro de 1937, predispõe-se a falar do nordeste açucareiro, e o faz, apresentando o espaço como uma paisagem antrópica, isto é, paisagem construída pelo homem com sua intervenção.

Neste seu procedimento, o escritor muito ensina, lembrando que, em verdade, a história dos homens também é, muita vez, caso (interessante caso) de ecologia humana. Assim é que o centro de seus interesses é o homem, mas aquele que é *fundador de lavoura e transplantador, criador de valores à sombra da agricultura ou, antes, da monocultura de cana*¹.

Inspirados neste procedimento e observação, dirigimo-nos, na constância comparativa, a São Paulo e também às suas paisagens antrópicas, das quais o paulista do tempo colonial muito se valeu e nas

quais estruturou um modo de vida que ainda pede estudos.

II

Nesta circunstância, o primeiro interesse é lembrar que o paulista dos três primeiros séculos da América portuguesa não foi homem afeito aos espaços das grandes florestas. Curiosamente, porque andarilho, ao que tudo indica os espaços de sua predileção foram as geografias de campos, cerrados e mesmo savanas que houve em paragens da Capitania de São Paulo e mesmo alhures.

Para alguns, o fato explicaria a ausência do mesmo paulista na Amazônia², espaço tomado pela floresta densa, úmida e sombria que, de algum modo, já fora negado na sua versão atlântica.

Em verdade, quando se trata de Amazônia, o que fez o paulista foi estar em sua

No mapa aparece indicado o Planalto de Piratininga, local escolhido pela Companhia de Jesus para fundar o Colégio de São Paulo, que, posteriormente, veio a formar a povoação que ali se aglomerou

NOTAS -

1 - FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p.81.

2 - BERTRAN, Paulo. "História e ecologia humana". *História viva*, São Paulo: ano I, nº 9, julho de 2004, p.98.

Fundação de São Paulo, segundo o pintor Oscar Pereira da Silva



Arquivo: www.prodãm.sp.gov.br

NOTAS -

3 - Interessante é lembrar, no caso, a bandeira de Antônio Raposo Tavares que, em 1648, viajou para mais de dez mil quilômetros, a pé e de canoa, para ir de São Paulo ao Paraguai, de lá pra Mato Grosso e, deste ponto, para o Amazonas e Pará. Ao fim da expedição, completavam-se quatro anos de andanças.

4 - Em Pontes de Lacerda, município do oeste de Mato Grosso, o arqueólogo Paulo Zanetti encontrou ruínas de um arraial bandeirante de mineração, do século XVIII. Há na região, ainda segundo Zanetti, vestígios de três cidades de pedra: São Vicente, Ilha Bela e São Francisco Xavier da Chapada.

5 - TORAL, André. "Os brutos que conquistaram o Brasil". Revista *Superinteressante*, São Paulo: ano 14, nº 4, abril de 2000, p. 33.

6 - Vide nota 3.

7 - Vide nota 6, p.26.

8 - Segundo Sérgio Buarque de Holanda, no século XVII 83% da população paulistana era indígena ou, em boa parte, de mescla de sangue índio. P/ cf. busque-se nota 6, p.28.

9 - ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes*. São Paulo: Cia da Letras, 2000, p. 51.

orla, em sua luta por descimentos de índios e explorações auríferas³. Exemplos desta situação seriam a sua presença no oeste de Mato Grosso, onde se encontram ruínas de seus vilarejos⁴, e no alto Rio Tocantins, em Goiás, espaço com restos de alguma arqueologia bandeirante⁵.

Por estes fatores, diz-se do paulista que era homem do cerrado e, após algum tempo de convivência, ser profundamente adaptado a este ecossistema⁶.

Em nossa leitura, entretanto, esta adaptação a este meio de cerrados, campos e savanas vem acoplada à assimilação que o paulista efetuou dos modos e práticas das culturas de muitos povos índios do centro-sul da América portuguesa, com quem ele intensamente conviveu via escravidão, havendo, por isto, em dadas circunstâncias, dificuldades em se distinguir o apressador do apressado⁷.

No mundo paulista deste episódio, intensa é também a mestiçagem, o que faz com que no próprio físico o suposto colonizador esteja muito próximo do submetido⁸.

Em meio a estes aspectos, legado índio ao paulista parece ser também suas paisagens antrópicas ou, noutros termos, os panoramas naturais que ele – o silvícola – criou com sua intervenção direta e sucessiva no meio ambiente.

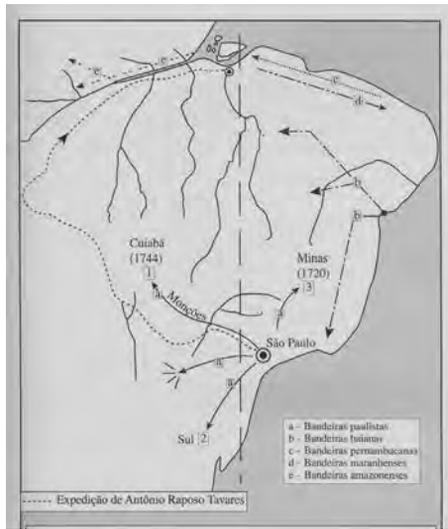
A estratégia de ação para tanto foi, pelo que se depreende, o fogo que, com frequência ateadado, permitiu e surgimento de extensões com vegetação mais rala e mesmo rasteira, o que garantia espaços de mobilidade menos sacrificantes e campos de caça onde a visibilidade fosse maior.

Vários pontos, para exemplo, das terras que viriam a construir, a posteriori, o estado de São Paulo, são espaços na suposição naturais, mas formados neste e por este processo. Deste modo, o paulista herda uma ecologia humana que alterna campos e bosques de araucárias e que permite acesso mais facilitado a pontos para ele de importância e, entre estes, os cerrados e savanas naturais que se encontravam (em parte ainda se encontram) em Mato Grosso, Goiás e Minas.

Único núcleo de colonização portuguesa no século XVI distante do litoral e ainda com uma serra, que é a do Mar, como muralha natural a inibir qualquer comércio com a Europa, São Paulo de Piratininga voltou-se para o interior da colônia e enlaçou sua existência à de diversos destes espaços antrópicos.

Aliando novas idéias ao fato, supomos que, houvesse existido maior tempo para mais amadurecida convivência com elementos da cultura do colonizador, e grupos índios teriam aumentado o número destes espaços antrópicos na capitania. Imaginamos que, nesta perspectiva, estivesse, para o século XVIII, o Guaicurus (atuais Kadiwéus), de São Paulo e Mato Grosso. Com rápida adaptação ao cavalo apreendido do espanhol⁹, estes índios poderiam, em nossa hipótese, ter chegado ao aludido aumento, cogitação que, sem provas, encerra-se infelizmente em si mesma.

Não sem alguma razão de ser, entretanto, a diminuição drástica da população índia (em alguns casos, a extinção de grupos) e os modos mais sedentários de vida



Acervo: Extraído do livro *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de Presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)*

No mapa, encontra-se indicado o processo de desbravamento do interior do território brasileiro. Destaque para a expansão empreendida pelas bandeiras paulistas, no decorrer do período colonial

que o paulista com e depois do ouro foi assumindo ocasionaram em diversas paragens – e algumas delas certamente antrópicas, ousamos crer – um revigoramento da flora¹⁰.

III

Na Capitania de São Paulo, as paisagens antrópicas foram diversas, tendo sido fundada a própria Vila de São Paulo em uma delas. Os *campos de Piratininga* seriam, então, uma destas paisagens, estando na atualidade extintos, engolidos que foram pelo processo urbano.

Bairros vizinhos à Capital guardam ainda algumas áreas desta vegetação transformada. São os casos de Capão Redondo e Campo Limpo, toponímias que em tudo lembram a vegetação do cerrado central.

A primitiva Vila de Santo André – não sem justificativa de nome completo Santo André da Borda do Campo – situou-se (situa-se) em espaço geográfico de cerrado e campo limitado por mata atlântica.

Já da Vila de São Paulo para o noroeste, o paulista conviveu com quatro manchas de cerrado e delas soube aproveitar-se. Em referência, no caso, estariam São Paulo e o atual ABC paulista nas bordas da primeira delas; Mogi das Cruzes, na segunda, mas também compreendendo São José dos Campos e Taubaté; Pindamonhagaba e Guaratinguetá estariam na terceira delas; em seguida viria (vem) a

quarta e última, que já estaria no Rio de Janeiro, designada atualmente pelos topônimos Resende e Volta Redonda.

Noutro plano, mais ou menos cem quilômetros a oeste, o paulista estava a braços com outra ilha do cerrado. Tratava-se do complexo às portas de Sorocaba e Itu, com extensão para mais de 200 quilômetros. Esta mancha de cerrado e algum campo como que abria ao meio aquela parte da, à época, vasta Capitania de São Paulo que, depois, viria a ser o Estado de mesmo nome. Seu término dava-se aproximadamente a 30 quilômetros de Curitiba e isto facilitou o acesso dos bandeirantes às reduções indígenas do Guairá e Tape, pressupõe-se.

Rasgando, por sua vez, esta mesma extensa mancha de cerrado estava (está) o Rio Tietê, pelo qual o paulista chegava ao cerrado pleno dos dois Mato Grossos, de Minas e de Goiás, espaços em que o paulista também se fez presente, mas isto enquanto São Paulo ainda era ponto de aglutinação, mesmo vigorando o espírito andarilho de sua gente¹¹.

NOTAS -

10 - Vide nota 10, p. 193.

11 - Referências às manchas de campos e cerrados também se encontram em Bertran. P/ cf. busque-se nota 3.

(* *Juarez Donizete Ambires é professor no Centro Universitário Fundação Santo André e pesquisador do projeto História do Estado de São Paulo*

Os Exércitos da Fé

Milhares de pessoas reúnem-se pelo mundo e rezam durante encontros na semana. Alguns grupos seguem um manual de procedimentos universais, como as Legionárias de Maria, e prestam assistência espiritual aos necessitados. Outros, como os vicentinos, também possuem tradição católica, mas ajudam no campo material. Existem ainda os grupos que se reúnem nos dias de determinado santo para rezar o terço e pedir pelos doentes. Cada irmandade religiosa tem o seu código, sua maneira de atuar, mas todas têm sua origem na Europa, realizam o ato da santificação de seus membros, do próximo e o auxílio a quem precisa.

Por isso, eles formam os Exércitos da Fé...

Acervo: Priscila Gorzoni



Genoefa Dogo Pretel, do grupo Legião de Maria, reúne-se com outras legionárias, uma vez por semana, para rezar pela Mãe Rainha

A

primeira reunião de rezas de que participei foi o Terço de São José, na casa de dona Ruth, no Bairro Santo Antônio. Quando cheguei, dona Ruth veio me receber no portão. Era uma quarta-feira muito chuvosa, antes das 15 horas, dia de São José. Ela logo me conduziu até a sala, onde me deparei com mais mulheres. Passado um tempo, chegaram outras, até que a sala ficou cheia e deu-se início ao terço. Nesse dia descobri a força das irmandades em São Caetano do Sul. Essa impressão foi reforçada por uma das participantes do Terço de São José, Sílvia Fleury, 69 anos. Ela frequenta o grupo do terço há mais de 30 anos e está há 20 na Legião de Maria. Em São Caetano existem mais de 25 grupos religiosos. Em cada igreja são dois grupos de Legião de Maria, apenas para se ter uma idéia. *Esse movimento é muito forte em nossa cidade*, conta Sílvia. O próprio nome *legião* dá o significado do trabalho que as legionárias fazem pelo mundo. *Nós somos os soldados de Maria. Lutamos pela santificação do próximo e pela debe-*

lação do mal que está por aí, exemplifica Ercília Rocha, vice-presidente de um dos grupos de Legião de Maria e também vicentina. O grupo de Ercília conta ainda com a presença de homens e possui nove participantes. Além do encontro e das rezas semanais, as legionárias são incumbidas de tarefas semanais e discutem as lições de um manual próprio. *Uma vez por mês temos uma reunião com as presidentes, vices e tesoureiras de todas as Legiões de Maria da cidade. Lá se discute o que foi feito e também são passadas notícias das outras legiões do mundo*, conta Genoefa Dogo Pretel, 69 anos, presidente atual do grupo de Ercília. Genoefa está no grupo há três anos e sua história é parecida com a da

maioria das participantes. *Venho de uma família muito religiosa. A minha mãe era legionária e vicentina, então resolvi ser também. E, depois, a Ercília me convidou, pois para entrar é preciso convite - aí me animei. Desde então a minha vida mudou. Hoje me sinto útil e necessária para os que precisam*, relata. Genoefa não é a única a se alegrar em participar da legião. Outra colega do grupo, Clara Marques de Oliveira, 72 anos, na legião há três anos, viu sua vida mudar radicalmente desde que decidiu entrar no grupo de Ercília. *No início fiquei em dúvida, não queria me comprometer. Mas a minha vida sempre foi rezar. Já visitava os doentes e rezava por eles. Em um certo dia, estava desanimada em casa quando uma das colegas chegou; então vim. Depois disso a minha saúde melhorou muito. Fiz uma operação muito séria, mas a recuperação foi tão boa que a devo a Jesus*, conta Clara. Hoje, além dos encontros da legião, dona Clara recebe a imagem da Mãe Rainha em sua casa e reúne o seu grupo de orações para rezar e pedir pelos que precisam. A imagem fica uma semana em sua casa e depois vai para outra casa. No entanto, as rezas não se restringem apenas aos encontros, mas invadem as noites das religiosas. Essa é a rotina de dona Maria Diva Batista, 68 anos, também participante do grupo de dona Clara. Ela reza o terço por São José todas as noites, para que sua saúde esteja sempre protegida. *Precisamos estar bem para poder pedir pelos outros*, assegura. O grupo já é conhecido nas redondezas, tanto que muitas pessoas pedem rezas para Angélica Cantão Cavana, 75 anos, também do grupo de Genoefa e da Legião de Maria. *Rezo a distância por elas e dá resultado. Hoje rezo vários terços. Comecei nessa vida quando era pequena. Fui catequista em São Caetano, depois morei um tempo no interior do estado e voltei para cá. Agora me dedico aos terços e à legião e me sinto feliz por isso*, relata.



Arquivo: Priscilla Gorzoni



Arquivo: Priscilla Gorzoni

Grupo de cenáculo do centro de São Caetano do Sul se reúne uma vez por semana para seus terços

Vanda Vecchi da Silva faz parte do cenáculo há mais de 20 anos e nunca faltou a nenhum encontro

CENÁCULO - Vanda Vecchi da Silva faz parte da Legião de Maria há 15 anos e há mais de 20 faz o Cenáculo por Nossa Senhora, parte do Movimento Sacerdotal Mariano que nasceu em 1972, pelas mãos do padre Stefano Gobbi, na Itália. O movimento surgiu quando o padre participava de uma peregrinação a Fátima, na Capelinha das Aparições. Chegando lá, colocou-se a rezar por alguns sacerdotes que, além de haverem traído a própria vocação, tinham se contraposto à igreja. Em suas rezas naquele momento pediu pelos extraviados e colocou-se nas mãos de Maria, requerendo-lhe um pequeno sinal. Esse sinal veio na forma do movimento, que iria mais tarde se espalhar pela Europa, América, Ásia, África e Oceania. Em um primeiro momento, tentou-se apenas um encontro de orações entre três sacerdotes na Paróquia de Gera Lario (Diocese de Como). O encontro foi noticiado em alguns jornais e revistas. Mais tarde, em 1974, aconteceu o primeiro encontro nacional do Movimento Mariano em São Vitorino, Roma. O sucesso foi tão grande que, no final de 1996, o padre Gobbi já

havia visitado os cinco continentes, nos quais presidiu 2400 cenáculos. O Movimento Mariano é constituído de religiosos (não sacerdotes) e de fiéis que vivem uma vida de consagração ao Coração Imaculado de Maria. Eles não são unidos por vínculo jurídico e podem agir livremente nas associações eclesiais a que pertencem. Uma das atividades desenvolvidas pelos fiéis do movimento é fazer os cenáculos familiares na casa dos participantes. Neles, uma ou mais famílias do movimento se reúnem, rezam o terço, meditam sobre a vida de consagração e dividem experiências de fraternidade. Dona Vanda e mais dez mulheres participam desses encontros. Todas as segundas-feiras elas se reúnem na casa onde está a imagem de Nossa Senhora para rezar o terço e ler uma mensagem do cenáculo contida no livro *Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora*, do padre Stefano Gobbi. *A imagem é doada para continuarmos fazendo o cenáculo. A gente convida novas pessoas e as antigas*, conta Dionísia Cassaroto de Almeida, 73 anos. Uma vez por ano o padre vem ao Brasil e realiza um grande evento no Parque do Ibirapuera. As participantes do grupo antes somente faziam o terço e estudavam a bíblia. Após 18 anos, passaram a fazer o cenáculo. *Ele é mais completo, porque você faz a consagração e o evangelho. Quantas graças nós já recebemos através de nossa fé*, conta Maria Zaida Cruz, 73 anos, da Comunidade de São José e no cenáculo há quatro anos. *Você fala uma palavrinha e já faz um bem grande às pessoas. A força a gente adquire aqui nesse grupo*, diz Maria. O número do grupo varia de uma semana para outra. Ao todo são mais de 20 mulheres. *Quando uma de nós vai ser operada ou está com problemas de saúde, fazemos o cenáculo pedindo por ela. A nossa reza é muito importante, ela tem força. Esses encontros mudaram a nossa vida. É uma corrente. Levanto três horas da manhã, rezo três*

terços todos os dias e isso me ajuda muito. Vários me pedem rezas, diz Mafalda Pira-telli, 78 anos, há seis anos no grupo. Nas férias de agosto passado, a imagem de Nossa Senhora ficou na casa de dona Mafalda para ajudar o filho a manter o seu trabalho.

Acervo: Priscila Gorzoni



Sílvia Fleury foi uma das primeiras legionárias de Maria do *Praesidium* Nossa Senhora de Lourdes

REZAS - O Terço de São José é um dos exemplos de grupos de rezas. No início, eram apenas quatro mulheres; hoje, após 30 anos, mais de 50 mulheres se unem para rezar o terço, todo dia 19 de cada mês, em auxílio aos doentes, desempregados e necessitados. Com o tempo, o grupo cresceu tanto que já não cabe dentro da sala da casa. Atualmente, sai por várias casas fazendo suas orações. *É uma confraternização religiosa, onde uns ajudam os outros. As orações fazem com que não desanimemos diante da idade e das doenças*, relata Sílvia. Dona Sílvia é uma das mais antigas do grupo e já passou por várias experiências, o que a fez amadurecer e ver a vida de uma outra maneira. *Um dia rezei para um rapaz que havia esfaqueado outro e estava hospitalizado. Passado um tempo, ele me encontrou na rua e agradeceu muito as minhas rezas, dizendo que elas o haviam curado. Fiquei muito emocionada com isso*, relata. Dentro do grupo não são poucas as que têm algum depoimento emocionado para dar. Entre elas está Miltes Sacco, 65 anos, que procurou as rezas para ajudar a filha doente. *Ninguém conseguia descobrir o que ela tinha. Foi então que eu vim na novena.*

Era o quinto dia e pedi para São José descobrir. Não deu outra, diz Miltes. Durante todas as reuniões, após a reza do terço, cada mulher faz um pedido. Quando vão ao hospital costumam se preparar antes com muita reza. *Não sabemos o que vamos encontrar, então precisamos nos preparar*, finaliza Helda Campanella, 81 anos, uma das pioneiras do grupo e também pertencente à Legião de Maria, existente há 32 anos na cidade.

Acervo: Priscila Gorzoni



Adnea Gomes, presidente do *Praesidium* Nossa Senhora de Lourdes, lê o estatuto da Legião de Maria

EXÉRCITO DE MARIA - A Legião de Maria é uma associação de católicos aprovada pela Igreja e sob o poderoso comando de Maria Imaculada, *medianeira* de todas as graças. *Este nome se deu porque o termo legião está ligado ao servir na guerra. Para os seus seguidores, se trata de uma perpétua guerra a ser travada pela Igreja contra o mal que existe no mundo. Os legionários esperam tornar-se dignos da sua celeste Rainha, pela sua lealdade, pelas suas virtudes e pela sua coragem*, relata Humberto Pastore, historiador. A Legião de Maria está por isso organizada à maneira de exército, principalmente do exército da antiga Roma, cuja terminologia adotou. A Associação Legião de Maria existe no mundo inteiro desde 1921. Ela foi fundada em Dublin, na Irlanda, por Frank Duff, em conjunto com um grupo de senhoras católicas e com o padre Michael Toher, da Arquidiocese de Dublin. A orga-

nização nascente ficou conhecida, no início, como Associação de Nossa Senhora da Misericórdia, em virtude de o primeiro grupo ter tomado o título de Senhora da Misericórdia. *A denominação da Legião de Maria e os diversos termos latinos que utiliza foram tirados da legião romana, porque são universais e compreendidos em todo o mundo. Sugerem também a disciplina e a organização fortemente estruturada do movimento*, exemplifica Pastore. Os estatutos da associação estão contidos no manual oficial da Legião de Maria. Esse manual é também um trabalho de espiritualidade e um guia prático para os membros. O elemento de base da Legião de Maria é o *praesidium*, pequeno grupo de quatro a 20 pessoas. *Praesidium* significa praça, um destacamento de soldados. Entre os romanos, significava geralmente o grupo de soldados encarregados da guarda de uma localidade. Na legião, também tem o significado de grupo. Em todos os lugares existem vários grupos de legionárias, que seguem o mesmo ritual estipulado no manual. *Qualquer católico praticante pode se tornar membro ativo da Legião de Maria, desde que se encontre animado do seu espírito ou, pelo menos, disposto a esforçar-se por adquiri-lo e vivê-lo. Participar da reunião semanal do praesidium é uma obrigação primordial. As crianças ou os jovens com menos de 18 anos só podem ser admitidos nos praesidia* (plural de *praesidium*) *juvenis*, explica Humberto. As legionárias se reúnem em um determinado dia da semana, rezam o terço e discutem as tarefas semanais de cada participante. Todas as atividades estão relacionadas à assistência espiritual, visando à santificação pessoal e do próximo. Alguns grupos, como o *Praesidium* Nossa Senhora de Lourdes, que pertence à Paróquia Sagrada Família, desempenham diversos trabalhos, entre eles o desenvolvido em conjunto com a Pastoral da Saúde no Hospital Di Thiene Saúde há mais de 32 anos. O grupo

nasceu timidamente, apenas com cinco pessoas, trazidas por Olga Tegon, em uma salinha da capela do hospital. *Foi ela quem trouxe a Legião de Maria há 50 anos para o ABCD e, com o apoio de dona Maria Sposito, esposa do ex-presidente do hospital, fundou o grupo, conta Adnea Gomes, 70 anos, uma das mais antigas participantes. Naquele tempo a gente acabava fazendo mais coisas, porque o hospital recebia pessoas de outros estados. Então, muitas vezes, tínhamos até de hospedar os doentes e seus familiares em nossas casas. Mas a gente trabalhava com tanto amor que nem cansava,* relata Lourdes Padovan, 74 anos. Adnea e Lourdes são as mais antigas do grupo e se lembram até hoje da correria que era dar conta de tantos doentes. Após idas e vindas de algumas participantes, o grupo conta agora com 17 legionárias, das quais a mais velha, Assunta Ferreira, tem 95 anos. *Eu tinha perdido a minha irmã e me convidaram para vir a uma reunião. Vim e nunca mais falhei. Hoje estou muito feliz no meio de tantas irmãs,* conta Assunta. Uma das principais atividades do grupo é visitar os doentes do hospital, conversar com eles e, quando eles pedem uma oração, orar. *Depois que conversamos com os doentes e rezamos, percebemos uma melhora em seu estado. Muitas vezes o doente quer apenas ser ouvido,* contam as legionárias. Em suas lutas pela melhora dos doentes do hospital, elas contam com o trabalho das irmãs clarissas, que fazem parte da Congregação das Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias. O grupo foi formado há mais de 98 anos, em Bertinoro, uma cidade situada ao norte da Itália. *A congregação surgiu em prol de todos os carentes pelas mãos de sua fundadora, madre Serafina de Jesus, que não mediou sacrifícios para colocar suas irmãs a serviço da educação nas escolas e dos enfermos nos hospitais. O ideal missionário se espalhou por toda a Itália, Índia, Bolívia, Argentina e Brasil. Em 1964, elas decidi-*

ram abrir uma casa na Espanha e passaram a se dedicar também à pastoral vocacional. Em São Caetano, o ideal veio através do casal Arnaldo Rodrigues dos Reis e Izaura Rosa de Jesus, que doou um terreno com a ajuda dos moradores da cidade e fundou o Instituto Nossa Senhora da Glória. Nele, as mães que trabalhavam fora deixavam seus filhos aos cuidados das irmãs clarissas, finaliza Lydia Gomes, coordenadora e há 30 anos na pastoral.

Acervo: Priscila Gorzoni



Da esquerda para a direita, irmã Isalta, padre Rubens e irmã Lydia da Irmandade Clarissas Franciscanas

CLARISSAS FRANCISCANAS - A história das Irmãs Clarissas Franciscanas está ligada à construção e fundação do Hospital São Caetano. Elas já desempenham os seus trabalhos de humanização e espiritualização hospitalar desde 1954. No entanto, muito antes disso, a primeira enfermeira chefe do hospital foi irmã Rosália. Saía ela pelas casas da cidade pedindo materiais de construção para levantar o hospital. *Às vezes ela nem sequer tirava o hábito para dormir, porque a qualquer momento poderia ser chamada para desempenhar a função de enfermeira,* conta padre Rubens, líder da pastoral. A partir desse momento a cidade passou a contar com trabalho pioneiro, no qual as irmãs (de fé) Rosália, Agueda, Julieta e Mônica se dividiam, coordenavam todo o trabalho do hospital e, ao mesmo tempo, respondiam cada qual por determinado setor. (Por isso passaram a ser da Pastoral da Saúde.) Com o desenvolvimento da irmandade, algumas irmãs



Irmãs clarissas que atuam em conjunto com a Legião de Maria

partiram para outros locais, enquanto outras se aposentaram. Hoje o número de irmãs diminuiu para quatro, mas a função delas continua sendo tão importante quanto no passado: cuidar da parte espiritual e social. *Além do trabalho diretamente com os doentes, também são assistidos os funcionários, porque é preciso ter um clima positivo. Isso melhora o ambiente do hospital. É preciso estar bem consigo para tratar os outros bem,* exemplifica padre Rubens. Não são só as questões espirituais e psicológicas que a pastoral atende, mas, muitas vezes, consegue doações para ajudar no problema financeiro do doente. *Todos os dias visitamos os doentes em seus quartos, levamos a comunhão a quem deseja, ajudamos na catequese,* conta irmã Lydia. Embora as irmãs sejam católicas, elas respeitam todas as religiões e tratam todos igualmente. Por isso, muitas vezes, há quem lhes peça uma leitura da bíblia ou uma exposição das crenças católicas. Além disso, e em vários casos, o grupo consegue, com muita conversa e paciência, resolver problemas de família. *Um dia uma senhora me chamou, agradecendo a doença que tivera, porque tal doença havia-lhe despertado uma reflexão. Ela me pediu para chamar seus filhos, com os quais não conversava mais, para se reconciliar. O médico faz a sua parte e nós cuidamos do aspecto espiritual, moral e psicológico. Percebemos que a pessoa melho-*



Irmã Lydia à frente do grupo das Irmãs Clarissas Franciscanas

ra. Não adianta o médico dar remédios se o paciente não tiver ânimo e esperança para se curar, relata padre Rubens. As irmãs estão sempre estudando, assistindo a palestras, indo a encontros e, às vezes, frequentando grupos de alcoólatras anônimos para saber como orientar e lidar com as famílias de alcoólatras e dependentes químicos. O grupo da pastoral acompanha a família e o doente durante um tempo, após a hospitalização, e tenta fortalecer-lhes o ânimo no momento da dor. *Recentemente, o nosso bispo me chamou e disse estar muito contente com o fato de pelo menos um dos hospitais do ABC contar com o acompanhamento do padre e das irmãs. Esse é um trabalho muito importante, pois o doente é o mais pobre dos pobres e precisa de muito apoio e atenção,* relata padre Rubens.

OS VICENTINOS - A Congregação da Missão foi fundada no dia 17 de abril de 1625, por São Vicente de Paulo. Vicente de Paulo nasceu na cidade de Pouy, na França, em 24 de abril de 1581. Filho de pobres camponeses, manifestou desejo e gosto para o estudo. *Entrou para o seminário e foi ordenado padre ainda bem novo, com apenas 19 anos de idade. O início de sua vida sacerdotal foi marcado por muitas dificuldades e desacertos. Diante de uma série de fracassos, foi amadurecendo e, sobretudo a partir de 1613, se lançou inteiramente no serviço aos pobres,* conta



Grupo de vicentinos, em Festa Italiana, angariando fundos para ajudar os necessitados

Humberto. Em contato com os camponeses, conheceu o estado de abandono religioso e miséria em que viviam as populações do campo. Percebeu que os pobres tinham necessidades urgentes e que, para ser fiel a Cristo, era preciso servi-los. Começou, então, a pregar missões entre os pobres e a ordenar diversas organizações de caridade. Passando a residir em Paris e enfrentado uma época de guerra, confusão política, de grandes problemas sociais e de desorganização da Igreja, *padre Vicente de Paulo passou a se dedicar inteiramente à evangelização e ao serviço dos Pobres. Para este fim, fundou a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade*, diz Pastore. De muitas maneiras e com criatividade, desenvolveu uma intensa ação caritativa e missionária, sempre contando com os padres, irmãos de sua congregação, irmãs de caridade e com muitos leigos e leigas generosos. Entendia que o pobre é a imagem do Cristo desfigurado a quem devemos servir. Por isso, atuou na Igreja colaborando, sobretudo, na reforma do clero. Os membros vicentinos são conhecidos como padres e irmãos vicentinos ou lazaristas (porque a primeira casa da congregação, em Paris, se chamava Casa de São Lázaro). Segundo as *Constituições da Congregação da Missão*, seu fim é: *Seguir Cristo Evangelizador dos pobres*. Este fim se realiza quando os seus membros e comunidades, fiéis a São Vicente, *procuram com todas as forças revestir-se do espírito do próprio Cristo,*

para adquirir a perfeição conveniente à sua vocação; se aplicam a evangelizar os pobres, sobretudo os mais abandonados; ajudam os clérigos e os leigos na sua própria formação e os levam a participar mais plenamente na evangelização dos pobres. A Congregação da Missão nasceu da experiência de São Vicente, que, na descoberta de Cristo presente nos pobres, consagrou-se inteiramente ao serviço dos empobrecidos. Por isso, a congregação procura orientar sua vida e trabalho dentro de algumas características bem específicas e próprias: a) A alma da congregação é a participação no espírito de Cristo Evangelizador dos Pobres. Portanto, seu espírito contém aquelas íntimas disposições de alma de Cristo que São Vicente desde o início recomendava aos seus missionários: amor e caridade para com o Pai, caridade efetiva e compassiva para com os pobres, docilidade para com a divina providência; b) Buscando se revestir do espírito de Cristo Evangelizador dos Pobres, a congregação procura exprimir seu espírito por meio de cinco virtudes: simplicidade, humildade, mortificação, mansidão e zelo; c) A congregação se compõe de padres e leigos consagrados (irmãos), que vivem e trabalham em comunidade e fazem os votos de estabilidade, pobreza, castidade e obediência; d) Tendo *Cristo como a Regra da Missão* e sempre aberta aos mais urgentes apelos da Igreja, a congregação, em seus trabalhos, quer ter sempre em vista: uma clara e expressa preferência pelo apostolado entre os pobres - eles são *os nossos mestres e senhores, uma atenção especial para a realidade da sociedade humana - sobretudo para as causas da pobreza e da desigualdade social* - a fim de atender às exigências da justiça social e da caridade evangélica, alguma participação na condição de vida dos pobres para que se possa aprofundar a solidariedade com eles, verdadeiro sentido comunitário entre seus membros nos trabalhos apostólicos para

que se ajudem e fortaleçam na vocação comum, disponibilidade para ir ao mundo inteiro a fim de anunciar o evangelho, busca contínua de conversão no intuito de crescer na sintonia e no compromisso com o evangelho e com os apelos missionários; e) A congregação busca desenvolver seu trabalho sempre em conformidade com as orientações da Igreja. Dentro do espírito e exemplo de São Vicente, se propõe a dar uma atenção especial às missões populares, às missões *ad gentes*, ao trabalho de formação de padres e leigos, à colaboração com as Filhas da Caridade e com movimentos de inspiração vicentina e a obras de atendimento aos mais pobres. O padre Vicente de Paulo foi proclamado santo pelo Papa Clemente XII, em 16 de junho de 1737. *Hoje, olhando sua vida e trabalho, podemos, entre tantas, resumir aqui algumas dicas, propostas de São Vicente para nós: Descobriu que servir o pobre é servir o próprio Cristo, é continuar fazendo o que próprio Cristo fez; profundo amor missionário à Igreja; depois no amor a Cristo; uma profunda unidade entre fé e vida, promoção da caridade organizada e integral; o serviço material e espiritual; a caridade bem organizada e abrangendo a pessoa toda, corpo e alma. Não devemos separar o que na realidade está intimamente unido: amor criativo no serviço missionário aos pobres. Como verdadeiro arauto da ternura e da misericórdia de Deus, abriu ele inúmeros e novos caminhos, empregou meios adequados às circunstâncias dos tempos e lugares, mobilizou uma grande legião de pessoas e grupos para melhor servir ao pobre e anunciar o evangelho da justiça e da misericórdia. No Brasil o movimento vicentino existe há 131 anos e exerce suas atividades segundo os ideais de seu fundador, Frederico Ozanam, que em 1833, junto com seus companheiros, lançou em Paris, na França, a idéia de fundar uma associação de espírito fraternal para aliviar as misérias*

*materiais e espirituais dos pobres. Essa associação alastrou-se pelo mundo e hoje atinge 134 países. Aqui o movimento viveu dois períodos. O primeiro foi o francês, que com a melhoria das relações entre o Império e a Igreja teve grande expansão, a partir de 1850. Vieram muitos padres e irmãos franceses e novos trabalhos foram iniciados, sobretudo na área da formação do clero, reflete o historiador. A ação dos lazaristas foi decisiva para a reforma do clero brasileiro. Houve uma revitalização espiritual, moral e intelectual do padre. Formou-se um novo tipo de padre, mais independente do poder real e mais fiel à proposta eclesial de Trento. Segundo Humberto, no início deste século, cessou a vinda dos franceses, e então se iniciou um segundo período do movimento vicentino no país. (Vieram os lazaristas holandeses, que se estabeleceram no Norte-Nordeste, e os poloneses, que se dedicaram ao trabalho com seus compatriotas, no Sul. Esses dois grupos tiveram atuação e vida própria, constituindo províncias autônomas, respectivamente, em 1966 e em 1969.) Assim os vicentinos se espalharam por todo o Brasil e encontraram em São Caetano do Sul o lugar ideal para a sua missão. Aqui existem mais de 25 grupos de vicentinos, que se reúnem semanalmente para as suas práticas religiosas e para discutir estratégias de ajuda às famílias necessitadas. Um desses grupos é a Conferência Sagrado Coração de Jesus, da qual Hélcio Marques Gomes faz parte desde 1964. *Eu era congregado mariano em Santos e, então, um colega me trouxe para o grupo aqui em São Caetano. Eu havia acabado de mudar e gostei do grupo. Daqui não saio mais,* relata. O grupo se reúne uma vez por semana, todas as terças-feiras à noite, e, além de rezar o terço e manter suas atividades religiosas, discute suas estratégias durante a semana. *Não damos dinheiro às famílias, mas doamos cestas básicas e adotamos algumas famílias. Primeiro**

fazemos uma triagem das famílias e depois entregamos um vale para que venham aqui pegar os mantimentos. Hoje estamos com 13 famílias. Delas acompanhamos toda a situação, até que tenham um emprego ou uma maneira de sobreviver economicamente. Nossos mantimentos vêm de doações, das festas promovidas e até de coletas feitas na porta da igreja com a autorização do padre. Uma vez por mês fazemos uma visita a um asilo de São Bernardo. Nele ajudamos na cozinha, damos comida aos internos, conta. Segundo Hércio, existem 20 grupos de vicentinos na cidade, que estão ligados às paróquias. O nosso grupo possui 12 efetivos e dois aspirantes. Os vicentinos seguem uma ordem hierárquica. Todos os grupos do mundo estão ligados ao Conselho Central de Paris, que recebe informações do Brasil através do Conselho Nacional do Rio de Janeiro. Nós prestamos contas ao Conselho Metropolitano de São Paulo, ao Conselho Central de São Bernardo e ao Conselho Particular

FONTES -

Alguns textos que poderão ajudar um pouco no conhecimento da vida e espiritualidade de São Vicente de Paulo:

SÃO VICENTE DE PAULO. *Correspondence, Entre-tiens, Documents*. Édition publiée et anotée par PIERRE COSTE, 14 vol., Paris, Gabalda, 1920-25.

COSTE, Pierre. *Le Grand Saint du Grande Siècle*. Paris, Desclée, 1931, 3 vol.

DODIN, André. *São Vicente e a Caridade*. Curitiba, Vicentia, 1980.

CASTRO, Jerônimo P. *São Vicente de Paulo e a Magnificência de suas Obras*. Petrópolis, Vozes, 1957.

TAMAYO, Alfonso; PANQUEVA, Álvaro. *São Vicente de Paulo, um Santo para Hoje*. Ed. São Vicente, Belo Horizonte, 1979.

MEZZADRI, Luigi. *São Vicente de Paulo, uma Caridade sem Fronteiras*. Lisboa, 1996.

CALVET, J. *Cara Caridade: Vicente de Paulo*. Lisboa, Ed. Evangelizare, 1977.

DODIN, André. *Humanismo de São Vicente de Paulo*. Curitiba, Vicentina, 1979.

IBÁÑEZ, José Maria. *Vicente de Paulo, A Fé comprovada no Amor*. São Paulo, Paulinas, 1997.

Revista *Grande Sinal*, nº 7, setembro de 1981 – todo número dedicado a São Vicente de Paulo.

de São Caetano. De baixo para cima, nós chegamos a Paris. De todo o dinheiro que arrecadamos damos 10% para o nosso Conselho Particular e assim por diante. O número de conselhos do Brasil é grande, pois quanto mais pobre a região, mais confrades (nome dado aos homens vicentinos), relata Hércio. Os outros participantes do grupo vieram a convite. Esse foi

o caso de Rocha, que está na conferência há mais de 37 anos. *O Hércio me convidou e sempre foi católico praticante. Entrei como aspirante e daqui nunca mais saí. É bom ajudar ao próximo. A gente acaba conhecendo as pessoas durante as visitas às famílias e se sente útil. Não ajudamos apenas com os alimentos, mas a tirar os documentos necessários para que consigam um emprego, conta. Os vicentinos são alegres e deixam transparecer essa alegria quando estão ajudando o próximo. Existe uma união entre todos, relata Lourdes Lorenzini Braga, há três anos no grupo. Alguns participantes do grupo vieram de outros estados e, quando escolheram São Caetano, passaram a frequentar a Conferência do Sagrado Coração de Jesus. Esse é o caso de João da Cruz, um mineiro de Córrego do Ouro, no sul de Minas, que criou lá um grupo de vicentinos. Estou na sociedade há 35 anos. Em Minas nós criamos o Asilo e a Sociedade de São Vicente de Paulo. Como lá era mais complicado, tínhamos de cuidar do local, pousar à noite (...) Cortava o cabelo e as unhas das pessoas. Depois vim para cá e passei a frequentar aqui, conta. Junto dele está seu Almeida, 83 anos, e a esposa, Antônia Carlos Claro, 80 anos, casados há 60 anos e residentes na cidade há mais de 40. Agradeço a Deus por tudo o que ele me deu e agora gosto muito de ser vicentino. Sou há mais de 18 anos. Uma das coisas mais importantes da vida é ter o pensamento bom. Deus me guarda e me ajuda a auxiliar quem precisa, relembra Almeida.*

(*) *Priscila Gorzoni é jornalista*

Acervo: Fundação Pro-Memória



Em três de abril de 1955 o fórum foi instalado no terceiro andar do Edifício Vitória, à Rua Baraldi

A criação da Comarca Judiciária de São Caetano do Sul

Havia apenas um mês que São Caetano deixara de ser subdistrito de Santo André diante do plebiscito em que o povo disse *sim* em 24 de outubro de 1948.

Nessa época, Santo André era um grande distrito, entretanto, não dispunha de independência judiciária, desejo esse que não era compartilhado pelo então prefeito, sr. Antônio Fláquer, nem pela Câmara Municipal. Entendia o sr. Antônio Fláquer que Santo André não necessitava da elevação da cidade à condição de comarca judiciária, pois ficava muito próxima de São Paulo. Além disso, o foro central, bastante aparelhado, contava nessa época com 16 varas cíveis, 12 varas criminais, 5 varas de família e sucessões e seus respectivos cartórios, não justificando, dessa forma, a criação de uma nova comarca. Ademais, argumentava que os munícipes de Santo André não desejariam sair da mais elevada entrância da Capital para a jurisdição de uma comarca de primeira ou

segunda entrância, primeiros degraus da magistratura, sempre com juízes em início da carreira.

Segundo Fláquer, esses jovens juízes em início da carreira não tinham tirocínio, experiência e cultura suficientes para tomar decisões judiciais. Nesse caso, para ele a criação de uma comarca judiciária não seria progresso, mas retrocesso, pois envolveria encargos que não poderiam ser disponibilizados pela Prefeitura naquele momento.

A criação da comarca judiciária dependia da Assembléia do Estado e do governador do Estado, dr. Lucas Nogueira Garcez. Posteriormente, com a autonomia de São Caetano, também se iniciaria trabalho junto aos deputados para a criação de uma comarca judiciária para a recém-emancipada cidade.

Com a autonomia de São Caetano, em 1948, e eleito o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, reforçaram-se os ânimos para a sua autonomia judiciária e, juntamente com o empenho do dr. Antônio de Toledo



Dr. Milton Evaristo dos Santos, primeiro juiz nomeado para atuar em São Caetano

Arquivo: Moacyr A. F. Rodrigues

Piza, nomeado para estudar e apresentar sugestões ao governador, começaram-se as articulações para a criação de uma vara.

O projeto deveria ser encaminhado à Assembléia Legislativa, prevendo-se que seria colocado em prática no

segundo semestre de 1951.

Em sete de abril de 1951 foi entrevistado, pelo *Jornal de São Caetano*, o secretário de Justiça, dr. Loureiro Júnior, que deu a seguinte opinião sobre o assunto:

... Chegamos à conclusão que os serviços forenses da Capital, muitas vezes aumentados nesses últimos anos, acham-se excessivamente concentrados no Palácio da Justiça, sem nenhuma vantagem para a Administração da Justiça e com absoluta falta de comodidade para as partes. Por outro lado, o número de juízes é inferior às necessidades da Comarca da Capital, não realizando o ideal dos códigos modernos, qual seja, o de decidir com rapidez as demandas. O aumento puro e simples das Varas, além de impraticável por falta de espaço no Palácio da Justiça, seria uma solução empírica. Obrigaria, como acontece, à vinda das partes dos mais variados pontos da comarca, às vezes, por fatos e assuntos que poderiam ser resolvidos em locais mais próximos dos mesmos. Pode-se mesmo dizer que as partes oriundas de municípios e distritos afastados, não se sentem bem em nosso majestoso Palácio da Justiça. Devemos localizar a justiça, o quanto possível, ao lado do fato. O juiz moderno, diferentemente do juiz antigo, tem mais poderes face aos códigos, assim, deve sentir também o ambiente, para poder julgar. A sua convicção, oriunda de vários fatores, necessita ter o amparo do Estado, que lhe deverá dar os meios. Sendo superpovoada

a Comarca da Capital, composta do município da Capital e de vários outros municípios, estes com vida autônoma, com população concentrada e muitas vezes maior do que outros do interior; como por exemplo, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano e Guarulhos, para citar alguns, são sufragâneos da Comarca da Capital. No entanto, sem nenhuma vantagem, todo o movimento forense dos municípios é enviado ao Palácio da Justiça, para serem resolvidos...

Já em 1952, advogados como Dirceu de Oliveira Lima, Odilon de Souza Mello, Moacyr Rodrigues, Ferdinando Chaib, Ítalo Dal'Mas e outros atuavam com vigor em São Caetano, mas o endereçamento das petições era dirigido à Comarca da Capital.

Em outubro de 1953, foi criada pela Assembléia Legislativa a Comarca de Santo André. A instalação prevista para 1954 iria desafogar o Fórum da Capital ao mesmo tempo que facilitaria aos munícipes de Santo André, São Caetano e São Bernardo o acesso aos processos, que por sua vez teriam seu andamento mais agilizado.

No início de janeiro de 1954 foi promulgada a Lei Quinquenal de 1948 e, assim, criada a Comarca Judiciária de São Caetano, indiscutivelmente uma grande conquista para seus habitantes.

No *Diário Oficial* de cinco de outubro de 1954 saiu, no edital da Secretaria dos Negócios do Interior, a chamada para inscrição dos candidatos ao provimento da Comarca de São Caetano do Sul, criada pelo governo. A comarca foi classificada como de terceira entrância, ou seja, uma classificação já próxima à da Capital, que é comarca de entrância especial.

A criação dessa nova comarca constituiria aos munícipes uma comodidade, pois as lides seriam aqui resolvidas, descentralizando os serviços judiciários cível e criminal. As custas seriam barateadas

pela pronta deslocação das partes interessadas e também pelo rápido andamento das causas. Socialmente, a cidade abrigaria em seu meio um magistrado, um promotor público (atualmente promotor de justiça) e funcionários da Justiça. Era a concretização de um melhoramento no que se refere à organização judiciária do município, pois escolhido e nomeado o primeiro juiz de direito da nova comarca, teríamos fórum e cadeia pública, assim como a instalação do cartório e escritórios.

Graças ao esforço do então prefeito, Anacleto Campanella, e dos membros da Câmara Municipal, esforço esse aliado à habilidade da deputada Teresa Delta, autora da emenda que criou as Comarcas de São Caetano e São Bernardo, muito em breve seria instalado o Fórum de São Caetano do Sul.

A solenidade de assinatura da Lei Quinquenal pelo governador Lucas Nogueira Garcez teve lugar no dia 30 de dezembro de 1953, tendo estado presentes à cerimônia os secretários de Estado, o presidente do Tribunal de Justiça, deputados, vereadores e o prefeito Anacleto Campanella.

A partir da criação da comarca começaram as providências para a construção do prédio que abrigaria o fórum. Provisoriamente foi escolhido o Edifício Vitória, propriedade da família Dal'Mas, recém-inaugurado e dotado de todas as comodidades da época.

Nesse período, estando em visita à cidade o diretor de secretaria do Tribunal de Justiça, dr. Ulpíade da Costa Manso, foi acertado, entre o prefeito Anacleto Campanella, Enéas Chiochetti (procurador judicial da Prefeitura) e João Dal'Mas (proprietário do imóvel), que o fórum seria instalado no terceiro andar do Edifício Vitória, na parte situada em frente à Rua Baraldi. As modificações deveriam demorar dois meses aproximadamente (em realidade, durou muito mais tempo,



Acervo: Fundação Pró-Memória

como veremos adiante).

E em dez de abril de 1954 foi instalada a Comarca de Santo André. Registrou-se nesse dia a presença das mais altas autoridades do Executivo, Legislativo, Judiciário e do Clero.

Passados 13 meses da criação da Comarca de São Caetano do Sul, estavam os trabalhos de instalação do fórum na fase final. O sr. Vitório Dal'Mas e seus filhos, proprietários do Edifício Vitória, providenciaram todas as modificações necessárias, eliminando paredes, construindo outras, demonstrando seu interesse em cooperar com a Administração. Os móveis já tinham sido entregues, dependendo apenas de colocação nos respectivos locais, principalmente no que tangia à sala do júri, à sala do juiz, aos cartórios etc. Enquanto não ficavam prontas as instalações, o juiz, o promotor público e os serventuários estavam utilizando as dependências do Fórum de Santo André.

O primeiro juiz nomeado para atuar em São Caetano foi o dr. Milton Evaristo dos Santos, filho do dr. Getúlio Evaristo dos Santos, juiz aposentado do Tribunal de Alçada do Estado. Pertencente a uma tradicional família de Caçapava, ali nasceu em 12 de maio de 1920. Em 1939, ingressou na Universidade de Direito de São Paulo – Largo São Francisco. Trabalhou no Departamento de Correios e Telégrafos, no Ministério da Agricultura e na Secretaria da Fazenda. Exerceu o ministé-

Vinte e cinco de agosto de 1977: inauguração oficial do novo fórum, na confluência da Rua Justino Paixão com a Estrada das Lágrimas

rio público durante três anos, tendo ainda advogado na região bragantina. No primeiro concurso a que se submeteu perante o Poder Judiciário do Estado, obteve o primeiro lugar. Nomeado juiz substituto, com sede em Mogi-Mirim, foi promovido para Eldorado, para Pirassununga e depois para a Primeira Vara de Ribeirão Preto. No período de 1951 e 1954 exerceu jurisdição na Comarca de São Paulo.

O promotor público nomeado foi o dr. Gastão Maia de Carvalho. Natural do Distrito Federal, bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Exerceu a advocacia nas Comarcas de Ibitinga, Itápolis e Araraquara. Pertenceu à polícia, de onde saiu para ingressar no Ministério Público em 1946, exercendo o cargo nas Comarcas de Ituverava, José Bonifácio, Birigui e Amparo, de onde veio removido para a Comarca de São Caetano do Sul.

Foram nomeados serventuários os srs. Lauro de Camargo, serventuário do Décimo Ofício de Notas e Anexos da Comarca de Valparaíso; Octávio Hildebrand, serventuário do Ofício Distribuidor, Contador e Partidor da Comarca de Araçatuba; Múcio de Oliveira Costa, serventuário do Ofício de Registro Geral de Hipotecas e Anexos da Circunscrição de Araçatuba.

Um dos primeiros processos apreciados em nossa comarca, mas nas dependências da Comarca de Santo André, foi uma ação popular movida por Jordano Vincenzi e Rafael Pandolfi contra os vereadores da Câmara Municipal de São Caetano do Sul. A ação procurava demonstrar a ilegalidade dos subsídios que vinham recebendo os vereadores. Os autores eram representados pelo advogado dr. Camilo Ashcar e os vereadores representados pelo dr. Miguel Reale, catedrático da USP, e também pelos advogados Moacyr Rodrigues e Augusto Lima Faria.

A instalação da comarca foi finalmente marcada para o dia três de abril de 1955,

momento em que definitivamente a cidade ganharia autonomia completa, isto é, estendida para o setor judiciário.

Para a preparação da solenidade de instalação da Comarca de São Caetano do Sul, o prefeito Anacleto Campanella designou uma comissão composta pelos drs. Dirceu de Oliveira Lima, Moacyr Rodrigues e pela sra. Renée Sernagioti. Estavam convidados para a inauguração o dr. Jânio Quadros, governador do Estado, o presidente do Tribunal de Justiça e o corregedor geral da Justiça.

Finalmente foi declarada aberta a sessão solene de instalação da Comarca de São Caetano do Sul no dia três de abril de 1955, inaugurando no Edifício Vitória o Fórum de São Caetano, momento em que uma placa comemorativa de bronze marcou tão festejado desejo da população.

Presentes à festa de instalação estiveram as maiores autoridades do Estado, como o desembargador Juarez Bezerra, representando o Tribunal de Justiça; o dr. Dias de Menezes, representando o governador do Estado; o prof. André Franco Montoro, presidente da Assembléia Legislativa; os prefeitos Anacleto Campanella (São Caetano do Sul), Lauro Gomes (São Bernardo do Campo) e Luiz Boschetti (Santo André); vereadores; juízes; promotores; representantes da sociedade local.

A partir dessa data, conta-nos hoje o dr. Milton Evaristo dos Santos, primeiro juiz designado para esta comarca de terceira entrância, algumas particularidades acontecidas no início de suas atividades aqui.

Em meados de 1975 começou a construção do novo edifício para abrigar o fórum local. O prédio foi projetado pelo arquiteto Joaquim Heleno e obedecia aos mais modernos princípios arquitetônicos. Foi estabelecido um convênio entre a Prefeitura de São Caetano do Sul e o Governo do Estado de São Paulo. O prédio abrigaria as instalações da Justiça e seria

levantado num terreno de 25 mil metros quadrados, doado pela Municipalidade, em consequência de ato firmado pelo então prefeito Walter Braido.

Está situado na Estrada das Lágrimas, confluência das ruas Justino Paixão e Vitória. O prédio tem uma área construída de seis mil metros quadrados e instalações apropriadas para abrigar todos os setores judiciários, tendo sido prevista, inclusive, a ampliação do número de varas, que na época eram quatro.

Os valores despendidos na construção foram divididos entre os dois órgãos administrativos em partes iguais, cabendo à Municipalidade de São Caetano do Sul a doação do terreno. Este acordo foi firmado, em seis de novembro de 1974, entre o prefeito Walter Braido e o governador Laudo Natel. Testemunharam a assinatura do convênio o dr. Enéas Chiochetti, diretor de assuntos jurídicos da Prefeitura, o dr. Cláudio Musumeci, assessor econômico-financeiro da Prefeitura, e o presidente da Câmara Municipal, Sebastião Lauriano dos Santos.

A vencedora da concorrência para a construção do fórum foi a empresa sancaetanense Bianchi e Linhares Ltda, e o preço da obra foi estimado em 10 milhões de cruzeiros.

Para a solenidade de assinatura do contrato foram convidados os juizes da comarca Boris Padron Kaufmann, Hélio de Freitas, Célio Nicolino Filócomo e Vanderley Bociglieri, além de promotores e de membros da diretoria da OAB.

A previsão para a entrega da obra era de dois anos. O fórum foi concluído na administração do prefeito Raimundo da Cunha Leite, ocorrendo a inauguração oficial no dia 25 de agosto de 1977.

O edifício do fórum recebeu o nome de Professor Alvin Ferreira Lima, catedrático em direito, jurista, escritor e jornalista. Na ocasião, centenas de pessoas lotaram o salão do júri durante a solenidade presidi-



Acervo: Fundação Pró-Memória

Fórum Professor Alvin Ferreira Lima, nos dias de hoje

da pelo desembargador Gentil do Carmo Pinto, presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo. A mesa, composta pelo prefeito Raimundo da Cunha Leite, contou ainda com autoridades de São Paulo e personalidades da cidade, bem como representantes do Ministério Público, do Judiciário e da Ordem dos Advogados do Brasil de São Caetano do Sul.

No dia 19 de setembro de 1977, foi inaugurada a sala do grande júri com o julgamento de um crime ocorrido no Bairro Mauá, em 1974.

Hoje, o Fórum Professor Alvin Ferreira Lima constitui motivo de orgulho da população sancaetanense, templo da nossa justiça, onde o cidadão deposita sua confiança, seguro de que seus legítimos interesses e direitos serão sempre preservados, reconhecidos e assegurados perante a Lei.

() Cristina Ortega é pedagoga, advogada e pesquisadora da Fundação Pró-Memória*

Saint Remu's Club

Membros do Saint Remu's Club. Da esquerda para a direita, primeira fila:

José Pércles Romaldini (Pilim), Leonardo de Campos Neto, Cláudio Musumeci, prof. Carlos Gerchtel (Mr. Charles), Wanderlei Paredes, Newton Mori. Segunda Fila: José Márcio V. Cruz Carvalho, Wilson Fiorotti, Wagner Redondo, Renato Cassone, Henrique (?), Walter Laporte, Ciro Botecchia. Terceira fila: Humberto Amato, Ademar Laporte, Roberto Miarí (Dedê), Gilberto Roveri, Edécio (?), Álvaro (?), Carlos Guido Acci-

ca. Quarta fila: Mauro Antônio Bonatti, Cláudio Navarro Ramos, Antônio Celso V. Cruz Carvalho, Nestor Paiva, Wander Correa, Charly Farid Cury. Quinta fila: Roberto dos Santos, Santiago Daniel Cobo, Walter R. Thiele, Lodovico Marco Carnio, Arthur Henrique C. Carvalho e Archac Torossian Neto



Arquivo: Cláudio Musumeci

Nos anos 60 do século XX, um grupo de jovens amigos que se reuniam todos os finais de semana em *bailinhos*, que se realizavam nos fundos da padaria da dona Mina, na Avenida Francisco Matarazzo, nº 42, Centro, São Caetano do Sul (hoje Casas Pernambucanas), resolveu fundar mais um clube de serviços na cidade, inspirado nos clubes que já existiam, como por exemplo, o Tijucussu Clube e o Clube de Castores. Então, numa determinada noite, na Rua dos Autonomistas (outro local comum de encontros), em uma reunião informal, a idéia foi concretizada, surgindo assim o novo Clube de Serviços em São Caetano do Sul, que passaria a ser chamado de San Remo Club. A origem do nome foi o fato de que as músicas italia-

nas eram muito apreciadas na época, e o Festival de San Remo também era muito *badalado*. Porém o nome foi estilizado por um dos participantes, e todos concordaram com a alteração: Saint Remu's Club.

Na época, todos os clubes tinham um patrono, e o dr. Cláudio Musumeci foi escolhido para ser o patrono do Saint Remu's Club. Foi aprovado por unanimidade, em razão de ser muito querido pelos jovens e por sua grande atuação junto ao esporte da cidade.

A partir daí, o grupo reuniu-se mais vezes nos fundos da padaria, para conversas sobre o clube, eleição de diretoria, elaboração do estatuto etc. Em uma dessas reuniões foi marcada a data de primeiro de julho de 1967 para a posse da diretoria eleita.

Reportagem da primeira diretoria do Saint Remu's Club

A Gazeta Esportiva 15 de julho de 1967

No dia primeiro de julho de 1967, foi lançada oficialmente a diretoria do SAINT REMU'S CLUB de São Caetano do Sul.

A solenidade, realizada às 20,30 horas, no Clube da General Motors, foi assistida por pessoas representantes das diversas classes sociais, como: D. Maria Braido; Cláudio Musumeci (n/Patrono); Deputado Estadual Oswaldo Samuel Massei; Nelson Infanti (Pres. do Tijucussu Club); Mariza Bardella (Pres. do Club dos Castores); Claudine Roseira (Pres. do Hilares União Jovem); Dr Carlos Paez (Pres. do ACASCS); Raimundo Manzato (Representante do Orbis Club); José Fernando de Conti (Representante do Juizado de Menores); Edil Floriano Leandrini; Leonardo Sperate (Pres. do GMEC) e Senhora Othoniel Brandão (Toti).

Relação da Diretoria do Saint Remu's Club – Presidente: Leonardo de Campos Netto; Vice-Presidente: Dante Massei Sobrinho; 1º Secretário: Walter R. Thiele; Diretores Sociais: J. Marcio Cruz Carvalho e Magot Paredes; Tesoureiros: Newton Mori e José Péricles Romaldini; Diretores de Esporte: A. Celso Vieira Cruz Carvalho e Marco Carnio; Relações Públicas: Archac Torossian Neto e Arthur Henrique C. Carvalho.

Terminada a sessão solene, foi servido um "cock-tail" aos presentes.

As finalidades do clube eram: sociais (bailes realizados nas casas dos associados e/ou salões como o do São Caetano Esporte Clube ou o do ADC GM São Caetano do Sul), filantrópicas (campanhas como *Papai Noel ao Alcance de Todos*) e esportivas (torneios com clubes filantrópicos da época).

Hoje, a maioria dos amigos, entre eles Newton, Charly, Leonardo e outros, está sempre em contato na cantina Nona Mina, do Marco, que também fazia parte do Saint Remu's Club.



Adesivo do Saint Remu's Club propagando a campanha Papai Noel ao Alcance de Todos de primeiro de novembro a dezembro de 1967



Em 12 de junho de 1966, no São Caetano Esporte Clube, houve uma reunião de jovens dos clubes de serviços: Castores, Tijucussu, Saint Remu's Club e Hilares

(* *Leonardo de Campos Netto é empresário*)

Lorenzini:

os 50 anos desta construtora

Maquete do estádio da Associação Atlética São Bento, atual Estádio Municipal Anacleto Campella: a primeira grande obra de José João Lorenzini



Acervo: Cláudio Musumeci

Neste ano de 2006 a Construtora Lorenzini completa seu jubileu de ouro, já que foi constituída oficialmente em 23 de abril de 1956 sob a razão social de

Oberhuber & Lorenzini, nomes dos seus dois sócios-fundadores e companheiros de Polí, José João Lorenzini, natural de São Caetano, e Kurt Waldemar Oberhuber.

José Lorenzini e Kurt Oberhuber são da turma de 1955 da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Tiveram como colega de turma um nome que já se destacava na política estudantil e que depois enveredaria pela política partidária, Mário Covas Júnior, chamado carinhosamente de Zuza e que se elegeria deputado federal, senador constituinte e governador de Estado, além de ser nomea-

do prefeito de São Paulo.

A sociedade de Lorenzini e Oberhuber se estendeu até 26 de abril de 1968. Naquela data, a razão social da construtora foi alterada para Construtora Lorenzini Ltda, nome mantido até este ano do jubileu de ouro.

SEDES - Nos primeiros anos, a Construtora Lorenzini teve escritório em São Paulo, à Rua Três de Dezembro. Mas a sede, oficialmente ou não, foi sempre em São Caetano, terra de José Lorenzini. Primeiro na Rua Santa Catarina, 55, primeiro andar, em salas alugadas. Depois, a partir de janeiro de 1978, na Rua Pará, 171 - já como sede própria, em instalações projetadas pela própria construtora. Por fim, e a partir de 2002, a Lorenzini muda-se para a atual sede, no Edifício Amazonas Center, outra das obras próprias da empresa.

O LÍDER - José João Lorenzini foi sem-

pre o cabeça da construtora, aquele que pensou a organização, definiu suas metas e princípios. Para isso, teve um conselheiro importante, seu pai, Jacob João Lorenzini, também nascido em São Caetano e um líder esportivo, empresarial e político da cidade.



José Lorenzini com a esposa Celina e os filhos Leila, Marcos e Márcia: anos 60

O PAI - Como

esportista, *seu* Giacomo presidiu o São Caetano Esporte Clube, oportunidade em que comandou a maior conquista do futebol da agremiação, a de campeão do interior, título relativo a 1928. Como empresário, foi um dos idealizadores, fundadores e diretores do Banco de São Caetano do Sul (1945, como casa bancária, até 1973, ano da incorporação pelo Banco Comercial do Paraná). Como político, foi autonomista, vereador, presidente da Câmara Municipal e o primeiro vice-prefeito da cidade (gestão 1953-1956).

Conhecemos Jacob João Lorenzini na segunda metade da década de 1970 e mantivemos com ele uma amizade até o seu desaparecimento, em 1988, aos 83 anos. Um período em que *seu* Giacomo destacou-se como memorialista, colaborador do Museu de São Caetano e uma fonte lúcida e das mais confiáveis para a nossa coluna *Memória*, do *Diário do Grande ABC*.

Com certeza, Jacob Lorenzini se orgulharia do estágio em que se encontra a Construtora Lorenzini neste 50º aniversário de fundação e do trabalho ora desenvolvido à frente da empresa pela sua nora, dona Celina, e pelos netos Marcos - que

ocupa as funções do pai, falecido em 1996, e que é engenheiro como ele, igualmente formado pela Poli - Leila e Márcia.

1954 - Ainda como estagiário de engenharia, José João Lorenzini participa da sua primeira grande obra, a construção do estádio da Associação Atlética

São Bento, hoje Estádio Anacleto Campanella, obra desenvolvida pela Construtora Elias Imparato & Cia. Ltda.

1956 - José João Lorenzini recebe o diploma de engenheiro civil. Em abril desse ano, inaugura a Construtora Oberhuber & Lorenzini.

Foi um período inicial de obras ecléticas. A construtora projetava e construía desde pavilhões industriais até um palacete no Alto do Ipiranga, em São Paulo.

Construiu um posto do Corpo de Bombeiros na Zona Leste paulistana. Mas a praça forte mesmo

de atuação da Construtora Lorenzini sempre foi São Caetano, com destaque inicial para casas térreas, conjuntos de sobrados e pavilhões industriais, vários dos quais sobrevivem, como a antiga indústria de Artes Cerâmicas, à Rua Espírito Santo.

1959 - Construção da agência do Banco de São Caetano do Sul, à Rua Goiás.

1963/1967 - Construção do Edifício Eva Timerman com galeria e 89 escritórios.



O primeiro logotipo, nos tempos da Rua Santa Catarina. Criação: arquiteto Dario Imparato

Empreendimento de Moisés Timerman, à Rua Conde Francisco Matarazzo.

1966 - Agência do Banco de São Caetano do Sul na Capital, na Praça Patriarca, 27.

Uma das obras que considero mais difíceis e na qual sinto meu trabalho reconhecido é um edifício de três andares, na Praça Patriarca. A esta obra foram acrescentados um subsolo e o quarto andar sem, no entanto, alterar as antigas estruturas do prédio (José João Lorenzini, cf. entrevista publicada pelo Informativo da Associação dos Engenheiros e Arquitetos do ABC: jun/jul 1980, ano II, nº 9).

1967 - Constituição da Lomar, empresa associada à Construtora Lorenzini, responsável pela incorporação de inúmeras obras, várias das quais modernos edifícios de apartamentos.

A Lomar teve a sua origem na troca de idéias entre os amigos Celso Marchesan e Jacob João Lorenzini. Hoje a empresa tem à frente Hélcio José Lorenzini, filho do sr. Jacob e irmão do dr. José.

1968 - Dissolve-se a sociedade entre os engenheiros José João Lorenzini e Kurt Oberhuber. A empresa passa a se chamar Construtora Lorenzini. Nesse mesmo ano, é entregue o edifício do Hospital Príncipe Humberto, em São Bernardo, para a São Camilo Assistência Médica.

1971 - Inauguração da agência central do Banco de São Caetano do Sul.

1974 - Inauguração do edifício-sede das Casas Bahia, em São Caetano.

1975 - Constituição da Ardical, sociedade formada por nove membros da comunidade judaica mais o engenheiro José Lorenzini e que encerrou atividades em 1995.

1976 - Constituição da Predial e Construtora Monte Alegre, sociedade com sede



1969. Casas Bahia (ainda chamada Casa Bahia, no singular) e o anúncio da construção da sua nova sede, em São Caetano: projeto de José João Lorenzini. ORIGINAL: Jornal de São Caetano (suplemento especial): 28/7/1969

em São Caetano formada por Adolpho e Hugo Micheletti (pai e filho), José Lorenzini e Milton Miazzi.

1977 - José

João Lorenzini é eleito o Engenheiro do Ano em pesquisa popular realizada pela *Folha de São Caetano*.

1980 - Dr. José é homenageado pela Associação dos Engenheiros e Arquitetos do ABC, como um dos fundadores da entidade.

(...) em minhas construções sempre tento adaptar o útil ao agradável acrescentando a uma porção de concreto a correspondente área de lazer com piscinas, play-ground, quadras poliesportivas, sauna, salão de jogos, quadra de tênis e outros (José João Lorenzini, Revista da AEA do ABC, jun/jul 1980).

1981 - Inaugurado o Edifício Cristiane, na Vila Bastos, em Santo André - o primeiro do gênero construído pela Lorenzini e Monte Alegre no vizinho município.

1982 - Prefeitura de São Caetano inaugura a sede dos Patrulheiros Mirins, no Bairro Nova Gerty, numa parceria com as Casas Bahia. Esta foi a única obra pública executada pela Construtora Lorenzini, vencedora de concorrência pública. Nesse mesmo ano, inaugurou-se a sede social Associação Paulista de Medicina em São Caetano, na Rua São Paulo, 1815.

1986 a 2000 - Destaca-se na construção civil o sistema do preço de custo: a obra caminhará de acordo com a vontade do cliente, tirada nas assembléias dos adquirentes e imóveis.

Em São Caetano, berço da Construtora Lorenzini e seu espaço histórico de atuação maior, vive-se uma carência de moradias de alto padrão. Diante do quadro

recessivo, vislumbra-se segurança na compra de imóvel como aplicação financeira. O maior volume de obras da Lorenzini ocorre neste período. Na era do “preço de custo”, a



1/4/1986. Jantar comemorativo ao 30º aniversário de formatura dos engenheiros da Politécnica de São Paulo (turma de 1955): Mário Covas, Charles Kalil Curi e José João Lorenzini

Construtora chega a tocar, num mesmo tempo, de 20 a 25 obras de alto padrão.

A Moradas de San Thiago, na Alameda São Caetano, foi o primeiro neste sistema de “preço de custo” desenvolvido pela Lorenzini.

A preço de custo, a Lorenzini atua na construção de edifícios como Ana Paula, Treviso, São Raphael, Tirol, Mansão Dourada, Maxim's Residence, Riviera, Ônix, estes todos em São Caetano, e mais os de Santo André, como Maison Du Vian e Jardins do Tívoli. O Allegro seria um dos últimos de que a Construtora participaria no sistema a “preço de custo”.

2001 - Recomeçam as construções pelo sistema antigo: a preço fechado.

JUBILEU DE OURO - A Construtora Lorenzini alcança o seu jubileu de ouro com algumas marcas indelévelis: fundada em 1956, nunca deixou de funcionar ou de realizar, ao mesmo tempo, um conjunto de obras, a maioria das quais voltada à área residencial; também construiu uma sólida e tradicional empresa, com alguns destaques: a qualidade dos seus produtos, a pontualidade na entrega, a segurança da sua estrutura, a beleza e atualização das suas linhas.

O mercado central sempre foi São Caetano. Mas, historicamente, a Construtora Lorenzini atua nas duas outras cidades do ABC, Santo André e São Bernardo, desde o final da década de 70 do século XX atua no mercado de São Paulo e neste novo milênio no Litoral Norte paulista, na Riviera de São Lourenço.

A Lorenzini constrói edifícios de alto padrão. E imprime um estilo próprio de trabalho que abrange as áreas de bom acabamento, beleza, materiais de primeira qualidade, segurança e a credibilidade

que se traduz na rigorosa pontualidade de entrega e no profundo respeito ao cliente.

Nunca, em tempo algum, qualquer um dos seus empreendimentos deixou de ser concluído com sucesso, mesmo nos tempos difíceis da economia claudicante conduzida por uma sucessão de planos econômicos que, via de regra, redundaram em monumentais fracassos governamentais.

No ano do seu cinquentenário - 2006 - a Construtora Lorenzini aproxima-se da marca de dois milhões de metros quadrados de construção em atividades das mais diversificadas: indústrias, lojas de departamento, edifícios de escritórios, lojas comerciais, clubes esportivos, igrejas, hospitais, escolas, bancos, edifícios residenciais, num total em torno de 150 edificações.

Todo esse currículo tem oferecido à Construtora Lorenzini vários reconhecimentos públicos. Em abril de 1998, conquistou o

prêmio Top Imobiliário do jornal *O Estado de S. Paulo* (quarto lugar dentre as grandes incorporadoras e construtoras paulistas em número de lançamentos - seis - no ano de 1997).

Neste novo milênio, a Construtora



Abril 1996. Construtora Lorenzini celebra 40 anos de fundação e de atividades - funcionários reunidos

Lorenzini encontra-se entre as maiores construtoras e incorporadoras imobiliárias da região metropolitana de São Paulo, segundo o Ranking Consolidado Residencial + Comercial da RMSF e o Ranking Imobiliário Vertical da RMSF, elaborados pela Editora Univers e publicados na



2005. A equipe de colaboradores. A partir da esquerda, em pé, no alto e ao fundo: Erica Lanzotti, Raquel Palopoli Lazari, Fabiana Luz dos Santos, Gilberto Daniel de Souza, Talitha Rampazo, Giovana Rodrigues de Almeida, Walkiria Germano e Michael Jefferson Sousa Miranda. Em pé, ao centro: Jailton Aurora do Nascimento, Eduardo Micheletti, Marcos de Almeida Lorenzini, José Paulo Abraham, Hugo Micheletti, Vilieri Baroni Caramel, Jane Domingos, Numa Alberto Teixeira, Carla Ferreira Fuentes, Adriana Marzano, Rita de Cássia Segundo, Cristiane Micheletti, Márcia de Almeida Lorenzini e Maurício Micheletti. Sentados: Sebastião de Moura Bittencourt Neto, Fernando Liqueiro Figueiredo, Maria Alice Medeiros Luiz, Leila Lorenzini, Terezinha Aparecida Sozza Bertocco e Helcio José Lorenzini

revista TEM Construção, edição de fevereiro de 2004.

TERCEIRO SETOR - Com toda esta bagagem, a Construtora Lorenzini atua, igualmente, na área social. Investe no Terceiro Setor. Colabora direta e regularmente com instituições de interesse público: APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional) de São Caetano, Projeto Sol (da Cidade Dutra, São Paulo), Vida Jovem e Fundação Abrinq.

Durante três anos consecutivos - 2001, 2002 e 2003 - investiu no Projeto Cidade das Artes, da Prefeitura de São Caetano.

Em 2003, a Construtora Lorenzini investiu no Projeto João de Barro, também da Prefeitura de São Caetano, contribuindo para a construção de moradias.

Em 2005 o foco foi a área esportiva, com a promoção de torneios de tênis no São Caetano Esporte Clube.

MODELO DE GESTÃO - A preocupação básica da Construtora Lorenzini, a partir de 1998, foi garantir a sua sobrevivência com a mesma eficiência, trabalho e determinação, até em homenagem ao fundador, José João Lorenzini.

Marcos Lorenzini assumiu a função de

executivo geral. Márcia, funções correlatas ao desenvolvimento de projetos de arquitetura, tanto em obras quanto em interiores. Leila assumiu o marketing institucional. Celina incentivou e iniciou o trabalho no Terceiro Setor - neste sentido, os focos foram sempre o desenvolvimento da criança até a adolescência e o seu engajamento na sociedade.

No ano 2000 formalizou-se um novo modelo de gestão. Formou-se um Conselho de Sócios. Este modelo foi mudado em 2005, com três órgãos: Conselho de Sócios, Conselho de Administração e Direção da Empresa.

Ou seja: a mais antiga construtora de São Caetano em atividade, uma das mais antigas do Grande ABC e Grande São Paulo, buscou a modernidade, alicerçada sempre nos ensinamentos do seu fundador.

AMIGOS - *Dario e Alice Imperato* - arquitetos. Uma convivência de 44 anos: 1956 a 2000; *Narciso Ferrari* - contador. Desde a constituição da empresa até hoje; *Alarico Suhadolnik*, um dos primeiros colaboradores, o que desenhou as primeiras e inúmeras plantas para casas, sobrados e fábricas que a construtora executou, até tornar-se um dos principais corretores de imóveis da região; *Aparecido Viana* começou na IAS Imobiliária até criar a sua própria organização; *Maurício Hoffman* - uma seqüência de amigos na área comercial; *Abraham & Gazoni* - empresa surge dentro da Construtora Lorenzini, no início dos anos 80, por estímulo do próprio José Lorenzini; *Edson Tinti e José Martins Jurado* - empreiteiros. Vinte e cinco anos de convivência; *Samuel Klein*, um cliente especial.

(*) *Ademir Medici é jornalista, criador da coluna Memória, do Diário do Grande ABC, e autor de 25 livros*



Uma caricatura francesa, publicada por volta de 1841, satiriza a mania pela fotografia. O manual produzido por Louis-Jacques Mande Daguère foi traduzido em oito línguas, já em 1840. Em Nova Iorque, Alexander Walcott abriu o primeiro estúdio fotográfico, que logo se tornou uma mania também na Europa

Fotografia e Realidade

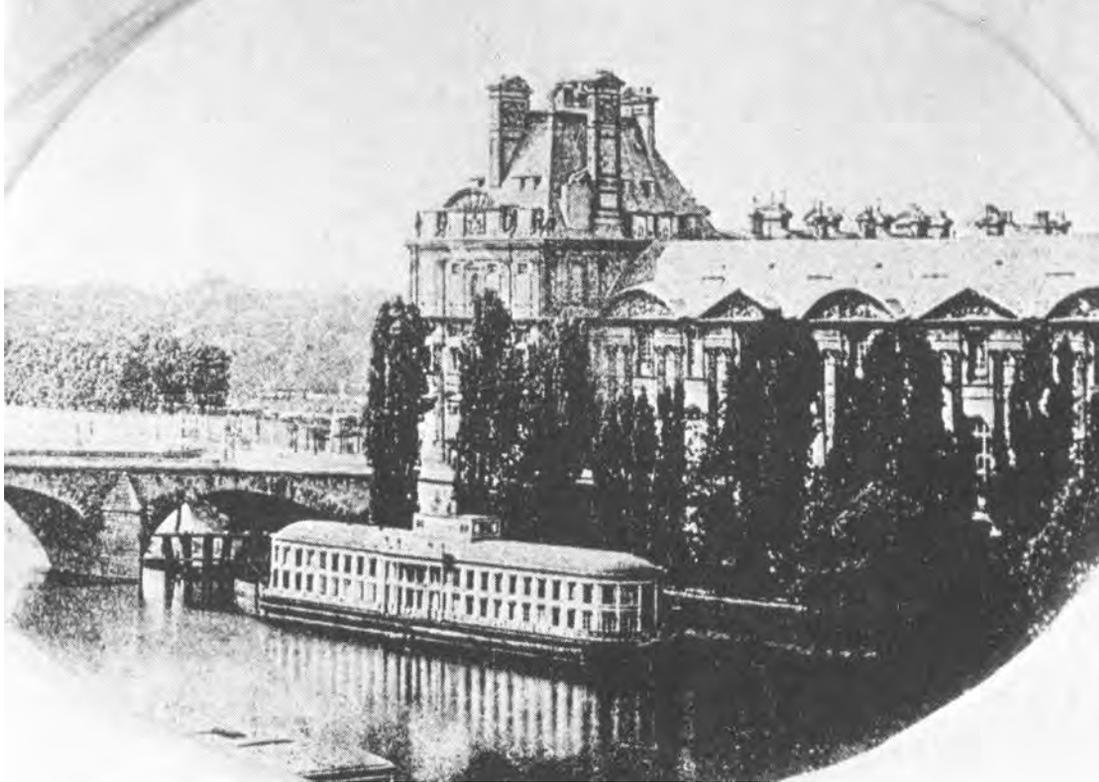
Em 1897, Sir Benjamin Stone, membro do Partido Conservador do Parlamento Britânico, fundou a Associação do Arquivo Fotográfico Nacional, com o objetivo de documentar as cerimônias inglesas tradicionais e os festivais rurais que se encontrassem em extinção, com a premissa de que *cada cidade pequena tem uma história que deve ser preservada através da câmera.*

Essa visão do nobre parlamentar inglês, de que não bastariam os documen-

As coisas das quais nos ocupamos na Fotografia estão em constante desaparecimento e, uma vez desaparecidas, não dispomos de nenhum recurso capaz de fazê-las retornar. Não podemos revelar e copiar uma lembrança.

Henry Cartier-Bresson

Fotografia (daguerreótipo) apresentada por Daguerre, no dia 19 de agosto de 1839, aos membros da Academia de Ciências e Belas Artes de Paris. Isso tornou oficial o aparecimento da fotografia, que já vinha sendo pesquisada simultaneamente em vários países



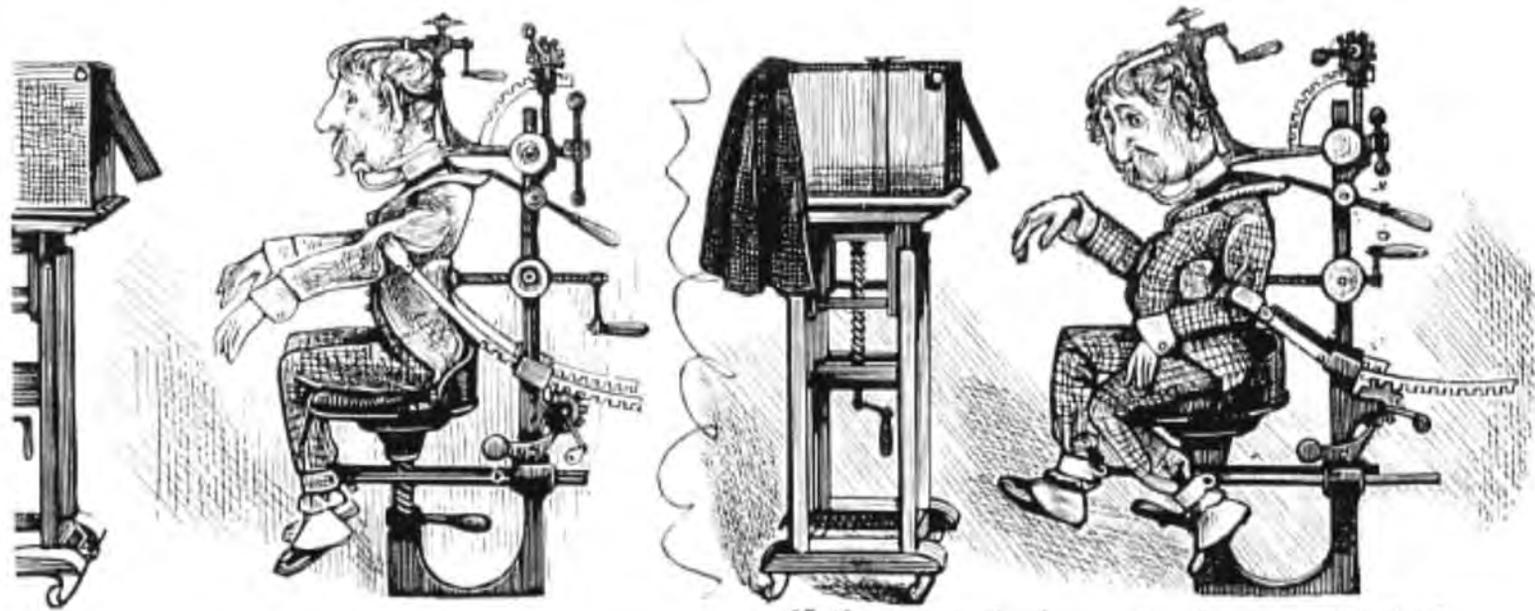
tos, os relatos, os textos para deixar registrados os acontecimentos, não só de valor histórico, mas também social, unia definitivamente a fotografia ao centro de documentação, ao arquivo histórico e a todos os futuros museus históricos. A fotografia tornou-se documento e prova da existência tanto das pessoas como dos objetos, dos lugares e seus cenários em um lugar, em um tempo.

Mas, já em 1890, a Biblioteca Nacional recebia de D. Pedro II uma coleção de imagens variadas, não só de várias partes do mundo, mas também aquelas realizadas por dois fotógrafos franceses, contratados pelo imperador para registrar imagens do Brasil. Era intenção do imperador registrar paisagens e personagens nacionais e, para isso, dividiu o país em regiões por onde passariam os fotógrafos. Os contratados receberam um valor considerável na época, trouxeram seus instrumentos de trabalho, mas se obrigaram, por contrato, a levar com eles dois órfãos e ensinar-lhes o ofício de fotógrafo. Não se deram ao trabalho de ir muito além do Rio de Janeiro, poucos locais de São Paulo, Minas Gerais e Bahia. O lastimável dessa

história é que esses preciosos arquivos estiveram esquecidos na Biblioteca Nacional por mais de 80 anos! E, parte dessa coleção resgatada e restaurada, que incluía fotos da família real e algumas atribuídas ao imperador, só veio a público em uma grande e sofisticada mostra patrocinada por um banco de São Paulo no ano de 2002.

No Brasil, as ações de preservação, embora mereçam destaque o trabalho de Gilberto Ferrez em 1946 e da Fundação Joaquim Nabuco a partir de 1947, só passaram a acontecer como resgate a partir de 1970, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nessa época surgiu o Centro de Preservação e Conservação do Departamento de Informação, Documentação e Pesquisa na Funarte (Fundação Nacional da Arte), posteriormente desativado.

Mas felizmente se seguiram outras iniciativas com a formação de centros de memória, museus históricos e outras instituições, sempre com poucos recursos mas, muitas vezes, com mais disposição pessoal do que institucional, que passaram a coletar, pesquisar preservar e difundir, através de mostras e publicações, acervos



iconográficos valiosos para dar uma face, uma presença, uma paisagem ao nosso povo.

Oficialmente ou não, pertencendo ou não aos arquivos de centros de documentação, desde sua criação a fotografia está ligada ao passado. Nenhum outro meio apreende o momento, retém o referente no tempo e no espaço.

Uma foto antiga é ambígua em sua evocação nostálgica e, ao observá-la, dificilmente permanecemos indiferentes. Desperta variados humores porque é prova de um tempo que está ali mas já não está.

Com crueldade mostra a degenerescência, a decrepitude, a mutabilidade, o envelhecimento, a mortalidade da qual o ser humano não pode fugir.

Susan Sontag, escritora americana falecida em dezembro de 2004, em seu livro *Ensaio sobre a Fotografia* faz preciosas considerações: *Precisamente por ser lapidar e cristalizar determinado instante, toda fotografia testemunha a dissolução inexorável do tempo... Enquanto a pintura ou a poesia não será mais interessante ou atraente apenas por ser mais velha, toda a fotografia é interessante e emocionante quando bastante velha.*

Trabalhando junto ao Centro de Documentação da Fundação Pró-Memó-

ria, percebo como o olhar do fotógrafo difere do olhar do historiador, do arquivista, do memorialista ou do visitante - aquele que não trabalha com imagens mas simplesmente deseja vê-las e, com olhar curioso ou intrigado, busca nelas tempos perdidos, lembranças, memórias. Porque o fotógrafo sabe que a fotografia é um engodo. Uma invenção ou reinvenção daquilo que chamamos realidade.

Mas um museu histórico não pode inventar, pois sua atuação depende de fatos comprovados, pesquisados. E a fotografia é tão reconhecida em todo o mundo como fiel reprodução da realidade que é obrigatória sua existência nos documentos de identificação, existência essa não menos importante que a das impressões digitais, da caligrafia e, mais atualmente, do próprio olho humano.

Isso porque para a existência da fotografia é necessária a existência do objeto ou da pessoa. Desde que haja luz, emitida ou refletida pelo sujeito ou objeto, haverá a possibilidade do registro através da câmara. Desde sua invenção, a fotografia está ligada à realidade, como prova irrefutável da existência de alguém ou algo - o referente.

E, como nos diz Cartier-Bresson, não se pode fotografar uma lembrança.

Mas jamais podemos nos esque-

Críticas não faltaram à nova invenção. Uma delas aconselhava os estúdios a adquirir uma engenhoca para manter o infeliz fotografado imóvel durante a tomada da foto



Felix Tournachon, ou Nadar, como gostava de ser chamado, foi o mais famoso fotógrafo de retratos da Europa, no auge dessa nova moda entre 1845 e 1890. Entre suas façanhas está a de ter sido o primeiro a fotografar de dentro de um balão. Aparece aqui em foto realizada por seu assistente e em uma caricatura da época

cer nem deixarmos de considerar que por trás da câmara há um ser humano, com seu olhar seletivo. Ao captar a imagem o fotógrafo faz escolhas, descarta o que não deseja ver reproduzido, seleciona o que pretende perpetuar em seu negativo. E depois vai para o laboratório, onde maiores mudanças ainda podem ser feitas.

Cria-se assim um paradoxo: ao se observar uma fotografia, há a certeza da existência do objeto fotografado, a imagem de algo existente, mas, ao mesmo tempo, percebe-se que essa imagem é fruto das escolhas de quem compôs o cenário, utilizou a luz, selecionou os ângulos, manuseou o negativo, transformou o objeto da imagem, dando-lhe caráter próprio, segundo variáveis a seu dispor.

Portanto, o valor da fotografia como documento é contestável, mas ao mesmo tempo, e de forma oficial, irrefutável.

Devemos nos lembrar das intervenções através da manipulação. (*A Fotografia e a Cidade* in *Raízes* nº 29/ julho de 2004).

Também não podemos pensar romanticamente, imaginando que os nos-

sos antepassados fotógrafos teriam sido inocentes reprodutores da realidade, de si per si, e que só na atualidade as intervenções acontecem. A história está repleta de fotografias manipuladas para retirada ou inclusão de personagens, conforme a conveniência ou inconveniência do momento político ou social. Como na briga de namorados em que a foto é rasgada ao meio para separar os desapaixonados, numa reafirmação da desunião, do distanciamento que pretendiam, os laboratoristas eram instados a excluir ou incluir pessoas, ou mesmo cenários, conforme as intenções de momento. Claro que essa prática já está definitivamente desmascarada, e a postura do pesquisador, do profissional de museus ou arquivos é olhar essas práticas como curiosidades.

Nos arquivos fotográficos encontramos, em grande número, fotografias mais bem conservadas que outras, muitas delas protegidas por encartes de papelão. Algumas preservam ainda um fino papel de seda separando a face da foto do papelão cinza chumbo ou bege claro, com o nome do fotógrafo ou do *studio* em letras elaboradas (ou ainda a chancela do estúdio ou do fotógrafo). Essas preciosidades

nos deixam muito felizes, não só porque facilitam nosso trabalho, mas também pelo encantamento e respeito que nos despertam.

Essas fotos eram realizadas em estúdios e eram muito apreciadas. O fotógrafo, devido à qualidade de seu trabalho, acabava por tornar-se famoso, *conhecido*, como se costumava dizer. O cliente apreciava isso, porque os estúdios disputavam entre si para oferecer qualidade. Além disso, haveria também um sinal de poder financeiro. Certamente os estúdios cobravam conforme seus equipamentos, suas instalações, o profissionalismo e cuidado do fotógrafo.

Os retratistas, os retratos e os retratados obedeciam a certos padrões herdados da pintura. Muitos estúdios fotográficos do século passado, no Brasil, baseavam-se no modelo francês, que por sua vez era uma continuação dos ateliês dos pintores acadêmicos, retratistas ou pintores de ofício, profissionais que perdiam seu espaço no *mercado de trabalho* da época devido justamente ao advento da fotografia, que era chamada de *meio mecânico de reprodução de imagens*.

Nos estúdios, para serem fotografadas, as pessoas obedeciam a certas exigências do fotógrafo, e uma delas era que ficassem imóveis. Fazendo pose. Isso provocava risos e até charges nas publicações do final de século XVIII e início do século XIX.

Mas não era por orgulho ou pedantismo que as pessoas posavam. Os motivos eram técnicos.

A captação da imagem em um filme fotográfico é devida ao fenômeno ótico da entrada de luz através de um orifício circular. A objetiva da câmara, como o olho humano, transforma em imagem um objeto que recebe e emana luz e a projeta até o fundo da câmara, onde essa imagem é fixada em material sensível denominado filme. Portanto, o filme fotográfi-

co é uma película sensível à luz que retém a imagem. Os primeiros filmes fotográficos eram pouco sensíveis e, por isso, o obturador da câmara deveria ficar mais tempo aberto e as pessoas tinham de ficar imóveis para que a foto não ficasse “tremida” ou desfocada. (*Trecho de palestra da autora deste texto proferida no Museu Histórico, de Santo André durante o VII Congresso de História, como representante da Fundação Pró-Memória SCS*)

(*) *Neusa Schilaro Scaléa, fotógrafa, professora, designer gráfica, especialista em museus de arte. Atualmente é coordenadora da Pinacoteca Municipal da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

O desenvolvimento musical do ABC na década de 1950

NOTAS -

1 - José de Souza Martins. *O subúrbio - vida cotidiana e história da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha.*

2 - Ademir Médici. Programa de auditório: álbum ilustrado com antecedentes e trajetória do rádio, dos radialistas e artistas do Grande ABC.

3 - Coordenado desde o início pela professora Priscila Perazzo, o *Memórias do ABC* também conta com a participação dos professores Herom Vargas, Elias Goulart e Vilma Lemos, que orientam os pesquisadores, todos alunos da universidade, em suas pesquisas e apresentação de resultados em congressos. Os temas abordam a sociedade e a cultura locais, e os documentos coletados e depoimentos gravados serão disponibilizados para consulta externa em um Banco de Dados Hipermédia, o primeiro do ABC.



A década de 1950 foi marcada por profundas transformações na sociedade e na cultura paulista. A urbanização, o processo de industrialização, a abertura de estradas, o surgimento da TV, a criação de museus, a chegada do *long play* na música, enfim, a modernização e aceleração das inovações tecnológicas possibilitaram mudanças radicais sentidas muito de perto na região do Grande ABC paulista.

Mesmo sendo consideradas subúrbio, por gravitar como periferia de São Paulo¹, as cidades do ABC tinham um forte motivo para que suas respectivas vidas culturais fossem desconsideradas e excluídas da história oficial. A região fora marcada historicamente como um dos maiores pólos industriais do Brasil devido à ampliação do número de fábricas instaladas em seus municípios no período de 1950. Isso levou o local a ser conhecido por suas características de trabalho industrial, intensificando uma identidade operária, construída desde o início do século XX, e uma identidade industrial regional. Por esse processo, permaneceram no imaginário regional representações sempre ligadas à produção fabril, ao cotidiano e trabalho proletários.

Talvez, esses possam ser indicados

como supostos motivos para o fato de quase não haver registros ou pesquisas sobre os compositores, músicos e cantores locais e suas produções. Apesar do reconhecimento do trabalho inicial do jornalista Ademir Médici², há pouca documentação de manifestações musicais regionais, de pessoas e dos acontecimentos que, obrigatoriamente, deveriam ser mencionados para entendermos melhor o percurso da canção popular na região. Por isso, são necessárias investigações que ressaltem tal desenvolvimento e uma alternativa consistente é realizá-las partindo da recuperação da memória dos personagens que fizeram essa história cultural esquecida – ou pouco lembrada.

Essa preocupação com a história cultural regional tem provocado a inquietação de vários pesquisadores locais na busca de solidificar algumas interpretações e análises desse painel. Entre eles está o Núcleo de Pesquisas de *Memórias do ABC*, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (IMES). O *Memórias do ABC* existe há três anos e foi criado devido à necessidade de registrar as memórias do Grande ABC por meio da percepção de seus moradores, cada um com uma história de vida específica mas que, efetivamente, complementa ou reinterpreta a história chamada de oficial.³

Parte de uma das preocupações do

núcleo *Memórias do ABC*, esta investigação sobre a canção popular nas emissoras de rádio da região integra-se, ainda, ao projeto de pesquisa *Música Popular e Indústrias Culturais no ABC*⁴, que desenvolve trabalhos relacionados às questões da música popular e seus produtores nos meios de comunicação locais, sem, necessariamente, tomar por partida o enfoque da memória.

Especificamente na pesquisa que trata do desenvolvimento musical do ABC na década de 1950 (iniciada em 2004), foi possível definir alguns aspectos da música popular no ABC durante o período, época em que a maior parte da população começou a ter acesso à música pela divulgação nas quatro emissoras de rádio locais.

O período de 1950 é importante para a música popular do ABC devido ao surgimento de emissoras de rádio na região que divulgavam os artistas locais. Os depoimentos colhidos detalharam quais eram os gêneros musicais veiculados, como eram os programas, as locuções, entre outros aspectos da aventura radiofônica local.

HISTÓRIA MUSICAL - É difícil entender a atual música popular sem remeter-se ao passado e conhecer as formas anteriores, suas origens e a importância histórica de cada ritmo ou gênero. No caso da canção popular, vale também a reflexão sobre o rádio, um dos principais veículos para sua divulgação. Se o objetivo é a música popular de uma região específica, vale ainda considerar seu desenvolvimento e as relações com as mudanças culturais que o país sofreu, principalmente no que se refere aos meios de comunicação.

Embora haja poucos registros sobre uma história cultural do ABC, é possível afirmar que a região teve seu próprio desenvolvimento cultural, ora acompanhando as principais tendências vindas da Capital paulista, ora se distanciando ao

criar formas artísticas locais.

Vários personagens desse cenário musical deixaram o registro de suas histórias de vida no acervo do *Memórias do ABC*. Entre eles estão compositores, músicos, intérpretes, ouvintes e profissionais que trabalharam nas emissoras de rádio do ABC: Odair Vituri, Amélia Nascimento, Marcelo Duarte (Aparecido Lopes de Almeida Filho), Joca (Dioracy Antonio Reis de Moura), José Duda da Costa, Romeu Albino Tonelo, Osvaldo Varoli, Nilsen Ribeiro (Manilce Lalli), Sicka (Sickingem dos Santos), Geraldo Bento Domingues e Haroldo José (Haroldo de Souza).

A intenção era, a partir da história oral, utilizar *o homem comum, nos seus atos aparentemente sem história e fazê-lo aparecer como protagonista na História, ainda que de fato coadjuvante, mesmo que protagonista alienado e equivocado*.⁵ Dessa forma, os depoimentos de cantores, músicos e radialistas tiveram vital importância para chegar a um panorama da música popular no ABC, tema pouco estudado seriamente pelos pesquisadores da região.

RÁDIO - Nos anos 1950, enquanto as metrópoles São Paulo e Rio de Janeiro agitavam-se com grandes movimentos musicais e vivenciavam a mistura do famoso samba brasileiro com o moderno jazz norte-americano, o Grande ABC inaugurava suas primeiras emissoras de rádio com o propósito de divulgar os artistas regionais e entreter a população local.

Foi nessa década que surgiram as quatro emissoras de rádio do ABC: a Rádio Clube de Santo André e a Rádio Emissora ABC (atual Rádio ABC), ambas localizadas em Santo André e inauguradas em 1953, a Rádio Independência, situada em São Bernardo do Campo e criada em 1957, e a Rádio Cacique, colocada no ar em 1958 com sede em São Caetano do Sul.

NOTAS -

4 - Sob a coordenação do professor Herom Vargas.

5 - José de Souza Martins. *O subúrbio - vida cotidiana e história da cidade de São Paulo: São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha.*, p.20 e 21.

Mesmo sofrendo influências diretas da Capital – pois o sinal das emissoras chegava até o ABC devido à proximidade regional –, conforme ressalta o jornalista Domingo Glenir Santarnecchi⁶, as emissoras do ABC conseguiram cumprir o propósito de se tornar a principal forma de divulgação da música popular e assim trazer mais diversão e informação aos moradores.

Os programas mais populares, tanto nas emissoras regionais quanto nas grandes rádios da Capital, eram os de auditório, programas de calouros em que muitos intérpretes aproveitavam para mostrar sua voz. Eram julgados por especialistas e pela platéia. Os vencedores disputavam um prêmio final e passavam a ser destaque nas rádios locais. Por ser uma das principais formas de diversão na época, as emissoras investiam em grandes auditórios para comportar maior número de pessoas.

Os moradores e artistas do ABC garantem que esses programas marcaram a história do rádio na região. Cada um deles, à sua moda, conta como foi participar desse período. Joca, músico que integrou diversas orquestras e acompanhou artistas famosos em todas as emissoras locais e várias de São Paulo, faz questão de detalhar o sucesso dos programas:

Os auditórios eram sempre lotados, com gente sentada e em pé. Todo sábado tinha programa de calouros. Um deles era Calouros Mascarados, em que cantavam com máscaras de carnaval, porque muita gente era tímida. Esse programa fazia o maior sucesso. (...) Tinha o famoso gongo. Um elemento dava um sinal para a técnica quando o músico atravessava o ritmo. Na terceira vez, então, ele recebia o gongo. Na Rhodia [empresa localizada na Avenida dos Estados, Centro de Santo André], o programa de calouros [chamado Peneira Rhodine] era transmitido da

sede da empresa para o rádio, igual partida de futebol. Levavam os equipamentos para lá e transmitiam. [O programa era patrocinado pela empresa Rhodia.] (...) Naquele tempo, os programas eram aos sábados à tarde e à noite. Domingo de manhã tinha um programa infantil (...) na Rádio Clube e na Rádio ABC (...) Durante a semana só tinha programa de estúdio, gravações, programas à noite, de bolero etc.⁷

Devido ao crescimento tecnológico, difícil de ser acompanhado pelas emissoras locais, em meados de 1960 e 1970, quase todas já haviam sido vendidas. Houve muitas alterações, como mudança de nomes, proprietários e sedes. A maioria trocou os prefixos e migrou para a Capital. Hoje, há apenas uma rádio comercial em pleno funcionamento na região: a Rádio ABC, 157,0 AM (antiga Rádio Emissora ABC), que ganhou esse nome em 1999, quando mudou a sede para a Avenida Pereira Barreto, em Santo André, em busca de melhores instalações.

Atualmente, a Rádio Clube tem sede na Avenida Paulista, em São Paulo, com a frequência de 740 KHz AM e mudou o nome para Rádio Trianon. Depois de ser vendida para o jornal *Diário do Grande ABC*, em 1970, a Rádio Independência trocou de nome diversas vezes até mudar a sede para São Paulo, em 1993, onde funciona a Rádio Universo AM, 1.300 KHz. A Rádio Cacique foi também para a Avenida Paulista e, em 1984, transformou-se na Rádio Difusora de São Paulo, usou alguns nomes fantasias e hoje opera nos 1.150 KHz.

ARTISTAS - Até a década de 1950, os compositores populares não possuíam um espaço permanente e de grande alcance para veicular suas produções musicais no ABC. Se, no Rio de Janeiro e em São Paulo, vivíamos o auge da era do rádio com toda estrutura do estrelato (cantores de sucesso, reportagens em revistas,

NOTAS -

6 - Domingo Glenir Santarnecchi. *A atuação do rádio no Grande ABC*. Comunicação apresentada ao II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. GT História da Mídia Sonora, 2004.

7 - Depoimento de Joca – Dioracy Antonio Reis Moura, aos 65 anos, para o Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – lmes, em sete de julho de 2004.

shows, participação em filmes musicais e em teatros de revista etc.), no ABC ainda não existiam emissoras que cumprissem o papel de divulgação da canção composta por moradores locais nem que dessem corpo às vozes de intérpretes. Ou o músico/compositor migrava para as rádios paulistas na busca de novas alternativas de apresentação ou permanecia atuando nas limitadas fronteiras da região. Eram comuns os músicos que animavam bailes, tocavam em restaurantes, nas bandas de coretos e nas festas nas paróquias. Além, claro, das serestas, dos saraus familiares e dos encontros entre amigos.

O surgimento das emissoras de rádio na região vai prover um espaço, ainda que no âmbito local, para a divulgação de intérpretes e compositores. Reforça também um nicho das indústrias culturais voltado à canção popular, sua divulgação e seu consumo em um local que iniciava um ciclo de transformações modernizantes.

Cada artista teve importância fundamental no desenvolvimento musical da região, a começar por Romeo Tonelo e Osvaldo Varoli, considerados por muitos intérpretes como os melhores compositores do ABC no período estudado. Adotando estilos diferentes, entre valsas, tangos, choros, boleros e sambas, cada um tem repertório de mais de 300 canções.

As composições de Varoli obedecem ao romantismo melancólico, característica típica das canções da época que tratavam de amor, traição, saudade e despedidas.⁸ As letras deixam de lado a linguagem coloquial para dar espaço a uma poética lírica adaptada do primor literário, com palavras rebuscadas que, segundo depoimento do próprio compositor, *enriquecem a música*. Esse estilo mais “clássico” aparece evidente em canções como *Teima*, um bolero composto por Varoli na década de 1960. A letra revela a tristeza do artista ao manter a paixão por

um amor fracassado.

Ah! Porque a gente sofre tanto e não aprende

*E de fracassos nunca a gente se arrepende
E tenta, tenta sempre mais, mais uma vez*

Ah! Porque então tu me criticas se eu insisto

*Se na ilusão de te esperar eu não desisto
E vou levando a minha vida num talvez*

Ah! Se na esperança de acertar já errei tanto

*Se pretendendo só cantar já chorei tanto
Que representa continuar teimando assim*

Se pensar que voltas para mim tornou-se vício

Se te amo tanto ninguém tem nada com isso

E vou teimar dessa maneira até o fim

A letra tem rigor poético expresso na estrutura das rimas e na métrica (versos alexandrinos). Existe o uso da interjeição *Ah!*, típica do subjetivismo romântico, que intensifica a expressividade melancólica na letra. A temática indica o sofrimento de alguém cujas tentativas de amar não foram correspondidas e, mesmo assim, mantém seu sentimento. Daí a relação estabelecida entre amar e as posturas de insistir e teimar, de ter a ilusão de esperar e não desistir, de levar a vida num *talvez* e de fazer desse amor um vício. Vale lembrar que tais sentimentos amorosos são cantados sobre o ritmo indolente e romântico do bolero.

Contrariando esse estilo rebuscado, Romeo Tonelo, desde o início da carreira, sempre compôs músicas alegres, muitas delas satirizando situações comuns do dia-a-dia com uma linguagem mais coloquial. É fácil notar a diferença no estilo de cada um desses artistas. A canção *Da metade pra lá é que é*, de sua autoria e

NOTAS -

8 - Beatriz Borges. *Samba-canção: fratura & paixão*.

gravada pelo cantor Haroldo José, também da região, na década de 1950, foge completamente do lirismo apaixonado e retrata, de maneira muito divertida, a vida depois dos 40 anos. O mais curioso é o choque entre o lamuriante ritmo de valsa imposto à letra, junto aos timbres dos instrumentos de sopro típicos da banda, e seu tom debochado e irônico.

*Da metade pra lá é que é
Até os quarenta é bem fácil a gente casar
Quero ver dos quarenta pra lá
Dói o braço
Até pra se benzer
Dói a perna
Também quando anda a pé
Diz que a vida começa aos quarenta
Na farmácia isso sim é que é
Até a metade do morro a gente vai bem
Da metade pra lá é que é*

Ambas as composições se destacaram dentre os gêneros típicos da década de 1950 e deram visibilidade aos compositores, que ainda resistiam às influências de novos ritmos como a bossa nova ou o roque da Jovem Guarda, que já eram veiculados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Enquanto Haroldo José interpretava a canção *Da metade pra lá é que é* em rádios de todo o Brasil, o bolero *Teima* era gravado pelo Duo Guarujá, importante dupla do ABC, sucesso também em São Paulo, no início dos anos 1970.

Independente do estilo de cada canção, os autores garantem que bastava um belo arranjo e uma voz conhecida para que a composição virasse sucesso. Neste caso, a presença dos músicos e intérpretes do ABC também foi essencial para a popularização dessas músicas.

Entre tantos artistas, destacam-se ainda outros intérpretes, como Haroldo José, Nilsen Ribeiro, Amelinha Nascimento, Sicka e o músico Joca. Todos iniciaram carreira nas rádios locais

durante a década de 1950, passaram a se apresentar em emissoras maiores de São Paulo, ficaram muito populares e se valearam de todas as formas de divulgação que a época lhes proporcionava.

Haroldo José acabou se destacando como cantor devido às parcerias com os compositores Romeo Tonelo e Osvaldo Varoli, apresentou-se em diversos programas de auditório, em todas as rádios da região e em algumas da Capital. Amélia Nascimento, conhecida como Amelinha, seguiu o mesmo caminho, iniciando sua carreira na Rádio Independência, em São Bernardo do Campo, fazendo campanhas políticas e conseguindo destaque em emissoras de todo o país.

Entre as mais populares está Nilsen Ribeiro, integrante do Duo Guarujá, dupla de estilo sertanejo-romântico formada em meados de 1955 pelo casal Armando Castro, já falecido, e Nilsen. O grande sucesso da dupla foi *Cabecinha no ombro*, composição de Paulo Borges. Segundo a cantora, a música permaneceu seis meses em primeiro lugar entre as mais pedidas nas rádios de todo o Brasil. Obteve vários prêmios importantes de música popular na época, entre eles os mais reconhecidos são o Disco de Ouro e o Troféu Chico Viola.

O cantor Sicka é um dos principais representantes dos programas de auditório do ABC. Foi calouro em todas as rádios locais. Além disso, costumava fazer shows em diversos restaurantes e em festas de empresas da região.

Joca foi um dos que participaram da fundação da Rádio Emissora e da Rádio Clube de Santo André. Músico popular da região, integrou diversos regionais (conjuntos contratados pelas emissoras para acompanhar os calouros e os artistas nos programas de auditório) e, entre eles, o famoso Regional Eurides Paifer. Apresentou-se em todas as rádios do ABC e em muitas da Capital. Exímio

violonista, acompanhou grandes cantores como Ângela Maria, Cauby Peixoto, Orlando Silva e Sílvio Caldas.

SAMBAS-CANÇÕES, VALSAS E BOLEROS - Em concordância com o sociólogo José de Souza Martins, *a história local não é necessariamente o espelho da História de um país e de uma sociedade*.⁹

Ou seja, mesmo sofrendo forte influência da Capital, sobretudo no campo da música popular tocada nas rádios, o ABC não amadureceu simultaneamente nem trilhou cegamente os caminhos tomados pela música popular veiculada em São Paulo. Os artistas da região continuaram preservando os gêneros mais tradicionais (choro, bolero, valsa, marcha, samba e samba-canção) considerados estilos populares até as décadas de 1950 e 1960.¹⁰

Ainda hoje, alguns artistas admitem o conservadorismo, como o compositor Osvaldo Varoli: *Hoje, qualquer "coisinha" faz sucesso. Não existe mais poesia, não existe mais regra. Não consigo parar para ouvir a música que é feita hoje em dia. Antes, o que fazia sucesso era música de qualidade. Essa é a diferença*.¹¹

Esse foi um dos principais motivos para que os artistas da região começassem a ser esquecidos por grande parte da mídia e, conseqüentemente, pelos ouvintes. Em meio a tantos movimentos culturais, novas misturas musicais e inovações tecnológicas, tudo que era cultivado na região começou a ser alterado. No entanto, se esses personagens que construíram a história musical do ABC já não faziam parte do novo repertório dos jovens dos anos 1960 e 1970, outros artistas locais ocupariam o espaço. Como é o caso dos cantores Carlos Gonzaga, Jerry Adriani e Ed Carlos. Mas eles fazem parte de outra investigação.

Como é possível perceber,

pesquisas inovadoras como esta resgatam o quanto se fez na área musical na região. Isso comprova a possibilidade e a necessidade da construção de uma história cultural do ABC que rompa com os mitos em torno da *região operária* e da *cultura proletária* criados pela história oficial. Em outras palavras, é fundamental iluminar os personagens e o cenário da música popular produzida no ABC.

NOTAS -

(*) *Herom Vargas é Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), professor nos cursos de Comunicação da Universidade IMES, orientador do Núcleo Memórias do ABC e coordenador da pesquisa Música Popular e Indústrias Culturais no ABC.*

(**) *Priscila F. Perazzo, Doutora em História Social pela FFLCH-USP Docente do Programa de Mestrado em Administração e nos cursos de Comunicação na Universidade IMES - São Caetano do Sul. Coordenadora do Núcleo Memórias do ABC/Universidade IMES.*

(***) *Rita Donato é graduada em jornalismo pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (IMES) e pesquisadora do Núcleo de Pesquisadores Memórias do ABC, na mesma instituição.*

9 - José de Souza Martins. *O subúrbio - vida cotidiana e história da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha.*, p.12.

10 - Ou até se tornaram precursores de gêneros musicais, como foi o caso do cantor Carlos Gonzaga dentro do roque da Jovem Guarda.

11 - Depoimento do compositor Osvaldo Varoli a Rita Donato, em conversa informal na sua residência, em Santo André, no dia 24 de dezembro de 2004.

Sílvio de Aguirre: merecida homenagem

Fotos - Acervo: Família Aguirre

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

N.º _____
 Nome Sílvio Aguirre
 Pai José Correa de Aguirre
 Mãe Joanna Sanchez
 Nascido a 7 de Janeiro de 1926
 Natural de Itirapina Estado S. Paulo
 Estado Civil Casado Nac. _____
 Residência Rua Central 714A
 Turma Água-Esgoto Função Motorista
 Data da Admissão 11 de 11 de 1949
 Obs. _____
 VISTO _____

 Diretor D. O. S. P. Chefe da Seção de Pessoal

Assinatura de Identificado



Documento de admissão de Sílvio de Aguirre, datado de quatro de novembro de 1949, na função de motorista da Turma Água-Esgoto



Sílvio de Aguirre com o uniforme da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

F

ilho de José Correa de Aguirre e Joana Sanchez, imigrantes espanhóis, Sílvio de Aguirre nasceu em Itirapina (interior de São Paulo), no dia sete de janeiro de 1926.

Fez apenas o curso primário e, ainda muito pequeno, ajudava o pai na colheita da batata. Para isso, usava uma enxadinha feita para ele pelo próprio pai. Sempre em busca de melhores dias, o sr. José Correa de Aguirre decidiu mudar-se para a Capital de São Paulo, instalando-se na Vila Alpina, com a esposa Joana e os nove filhos do casal: José, Adelaide, Diná,

Paulo, Saturnino, Diniz, Eulália, Sílvio e Afrodísio.

Recém-chegado do interior, Sílvio de Aguirre conseguiu seu primeiro emprego na Mecânica Paulista e, como gostava de tocar violão, freqüentava as festinhas do bairro, numa das quais conheceu a jovem Felícia Corrochano. *Foi amor à primeira vista*, confidenciou-nos dona Felícia (nossa entrevistada).

FELÍCIA – Nasceu em Presidente Alves (interior de São Paulo), no dia seis de dezembro de 1930. Seus pais, Telesfaro Corrochano e Antônia Lopes, imigrantes espanhóis, vieram para o Brasil a bordo de um navio, ainda recém-casados. A princí-



Dona Felícia Aguirre, em 1986, foi eleita a Mãe do Ano



Da esquerda para a direita: Sérgio, Felícia, Ivone, José (esposo), Gilberto e Ivete (esposa)



Da esquerda para a direita: Rafael, Gilberto, Ivete e Vinícius

pio, instalaram-se no interior de São Paulo, onde tiveram dez filhos: Benedito, Maria Dolores, Isabel, Carmen, Antônia, Felícia, Firmino, José, Luiz e Celina.

Segundo dona Felícia nos relatou, sua mãe, sra. Antônia, ficou viúva ainda muito jovem. Tornou a casar-se, mas também o segundo marido faleceu.

Para manter a família, dona Antônia vendia roupas e rendas nas fazendas. Um dia, afinal, decidiu vir com todos para a Capital de São Paulo. Instalaram-se na Vila Alpina, onde Felícia encontrou Sílvio de Aguirre, por quem se apaixonou. Namoraram durante quatro anos. A mãe de Felícia comprou uma pequena casa na

Rua Central (Vila Alpina), mudando-se pouco tempo depois para São Caetano (Rua Municipal) com toda a família.

CASAMENTO – Sílvio de Aguirre e Felícia Corrochano casaram-se em novembro de 1949 e residiram por algum tempo na Vila Alpina, onde nasceu o primeiro filho do casal: Sérgio. Mudaram-se, então, para São Caetano, pois o jovem Sílvio fora contratado, como motorista, pela Prefeitura Municipal de São Caetano, alguns dias antes de seu casamento, mais precisamente, no dia quatro de novembro de 1949. O casal Aguirre teve cinco filhos: Sérgio (assistente administrativo aposentado – casado com Solange, tem

dois filhos: Caio e Camila), Irineu (motorista – casado com Irenilda – tem dois filhos: Tiago e Andresa), Ivone (professora – casada com José – não tem filhos), Gilberto (funcionário do DAE – casado com Ivete – tem dois filhos: Rafael e Vinícius) e José (falecido).

Sílvio de Aguirre, contratado como motorista pela Prefeitura Municipal de São Caetano em 1949, mostrou-se tão dedicado ao trabalho que seus superiores o conduziram, por merecimento e com total confiança, ao cargo de encarregado geral do DAE (Departamento de Água e Esgoto). Nessa função, que ocupou até 1977, quando veio a falecer. Sílvio de Aguirre procurou conhecer profundamente todas as atribuições de seu departamento, agindo sempre como profissional honesto e dedicado, excelente companheiro de seus comandados. Morou com a família, durante sete anos, na casa situada na caixa d'água de Vila Gerti (Rua Boa Vista), casa de onde saiu por ocasião da venda do local para a Sabesp (Saneamento Básico do Estado de São Paulo). Sempre muito preocupado com o sustento da família, Sílvio de Aguirre trabalhava incansavelmente: *Nunca deixou faltar nada em casa*, declararam dona Felícia e seus filhos Sérgio e Ivone, presentes à entrevista.

Durante as férias, Sílvio de Aguirre trabalhava na Loja Copagel e na cooperativa da cidade, fazendo entregas, também com a intenção de melhorar o orçamento familiar.

Quando podia dispor de algum tempo para si mesmo, Sílvio de Aguirre gostava de tocar violão, participar do seu time de futebol e visitar a família em Piracicaba. Segundo dona Felícia, quando seu marido pôde desfrutar um pouco mais a vida, foi vítima de um enfarte fulminante. Assim, o bom companheiro de dona Felícia, o ótimo pai de família, o enérgico, honrado e dedicado funcionário do DAE faleceu na

madrugada de 27 de novembro de 1977, em sua casa.

Logo após sua morte, Sílvio de Aguirre recebeu inúmeras homenagens, entre as quais o batismo de uma das salas do DAE com seu nome. Entretanto, a honraria que o tornou inesquecível para a cidade de São Caetano foi a Travessa Sílvio de Aguirre, situada entre a Rua Conselheiro Lafayette (Bairro Barcelona) e a Av. Goiás, assim denominada em sua homenagem.

Senti muita falta de meu marido. Tenho saudade dele até hoje. Todos nós da família nos orgulhamos dele, afirma dona Felícia (nossa entrevistada), que trabalha há 25 anos no restaurante do DAE e, tendo já 75 anos de idade, adora seu trabalho e considera São Caetano do Sul sua segunda terra natal.

(*) *Yolanda Ascêncio professora, pedagoga, advogada e escritora*

Blas Reche, aguerrido imigrante espanhol

Acervo: Blas Julian Reche Martos



Casamento de Blas Julian Reche Martos e Maria Garcia. Ano de 1934

Filho de Onofre Reche e Izabel Martos, Blas Julian Reche Martos nasceu na Província de Almería, Espanha, no dia dois de fevereiro de 1908. Sua história, como a de outros imigrantes que deixaram seus países em busca de uma vida melhor em terras desconhecidas, é cheia de lutas, sacrifícios e sonhos. E foi sonhando com novas perspectivas que seu pai Onofre começou a alimentar a idéia da emigração, que se tornava mais concreta à medida que os problemas europeus se agravavam.

No final do século XIX, o Velho Mundo presenciou o desenvolvimento de novas relações socioeconômicas, provenientes da chamada Segunda Revolução Industrial, cujos princípios ocasionaram entre alguns países disputas territoriais ostensivas nos continentes africano e asiático. Tais disputas, motivadas por interesses capitalistas, acabaram criando condições para a eclosão, em 1914, da Primeira Grande Guerra, conflito de proporção mundial que chegaria ao fim apenas em 1918.

Foi sob esse contexto de crise que o chefe da família Reche tomou a difícil decisão de deixar o país de origem e dirigir-se com João, o primeiro de seus sete filhos, rumo ao Brasil, na esperança de encontrar novas oportunidades. Como tudo era muito incerto, ficou decidido que a esposa Izabel ficaria com os outros seis filhos na Espanha, pelo menos por um tempo.

Assim que chegaram a São Paulo, Onofre Reche e João Reche passaram pela Imigração, de onde foram mandados para uma fazenda situada nas redondezas de Itu. Aproximadamente um ano depois, Izabel Martos e os demais filhos vieram ao reencontro de Onofre e João. Isso ocorreu no início da década de 1920. Após uma longa e sacrificante viagem, desembarcaram em Santos. A ida para aquela fazenda somente aconteceu depois da passagem pela Imigração, em São Paulo.

Blas Reche, que, na época da chegada ao Brasil, estava na adolescência, lembra que permaneceu com sua família em tal fazenda durante três anos. A dura rotina de trabalho e a impossibilidade de obter uma condição de vida mais digna, em razão da baixa remuneração recebida, levaram a família de Blas a abandonar a fazenda da região de Itu e seguir para São Paulo, ocasião em que se estabeleceu na Rua Carneiro Leão, aí permanecendo por uma temporada.

Sempre vislumbrando novas oportunidades, Blas Reche e sua família resolveram regressar para o interior de São Paulo. Desta vez, o lugar escolhido foi a Fazenda São Martinho, que se localizava nas proximidades de Ribeirão Preto. Foi nessa fazenda que Blas conheceu Maria Garcia, uma moça também de origem espanhola, que, um tempo depois, tornou-se sua esposa. Porém o namoro com Maria não impediu Blas de seguir com sua família novamente para São Paulo, depois de um período na Fazenda São Martinho. De volta à Capital, a família de Blas instalou-



Os filhos Antônio Reche Garcia (à esquerda) e Blas Reche Filho, em 1940

se na Rua do Gasômetro, de onde partiu rumo a São Caetano.

Quando Blas Reche aqui chegou, aproximadamente no final da década de 1920, a cidade era apenas um distrito de São Bernardo. A residência da família ficava na Rua Manoel Coelho, 138. Depois de algum tempo instalado na cidade, mais precisamente em março de 1933, Blas foi admitido como tecelão no Lanifício Varam Gasparian & Cia, em São Paulo. O trabalho era puxado, mas Blas foi tocando a vida, até que um dia teve uma grande surpresa. Maria, sua namorada nos tempos em que esteve na Fazenda São Martinho, havia se mudado com a família para São Caetano. Os contatos mantidos, através de cartas, no período em que estiveram afastados, acabaram, de uma certa forma, contribuindo para a instalação de Maria na cidade. Pois Blas, numa das cartas enviadas, deve ter feito comentários sobre São Caetano, animando, assim, o pai de Maria a mudar-se para cá.

Acervo: Blas Julian Reche Martos



Blas Julian Reche Martos, com sua neta Sandra Maria Reche, em 1961. Sandra é filha de Blas Reche Filho

Quando soube que sua antiga namorada estava residindo na Rua Perrella, Blas tratou de ir ao encontro dela, retomando o namoro que tinha sido interrompido. Retomado o compromisso, Blas e Maria se casaram e foram morar na Rua Manoel Coelho,

em frente ao antigo Jardim Primeiro de Maio, bem perto da casa em que Blas havia morado na época de solteiro.

Com o nascimento de Blas Reche Filho, no dia 13 de novembro de 1935, o casal viu as responsabilidades aumentarem. Atento a isso, Blas comprou um imóvel na Vila Alpina, com o intuito de economizar o dinheiro que até então gastava com o aluguel da casa em que morava em São Caetano. Na Vila Alpina, a vida con-

tinuou sacrificada. Blas levantava diariamente às três e meia da madrugada para trabalhar. Ia a pé até o serviço. Blas continuava trabalhando, ainda, como tecelão, função que exerceria até 24 de julho de 1944. Quando decidiu largar essa profissão, Blas Reche era funcionário do Lanifício Irmãos Gasparian, fábrica que se localizava na Rua Siqueira Bueno, 174.

Blas recorda que a atividade de tecelão era mal remunerada. (...) *Cansei, pois se ganhava pra comer (...). Eu tinha um parente (...) na Estação de São Caetano, inclusive o meu pai trabalhava ali com uma carrocinha na porteira (...) e dava pra ganhar muito mais do que eu ganhava na fábrica (...).* Diante disso, Blas Reche resolveu comprar uma carroça e dedicar-se ao transporte de mercadorias e mudanças em São Caetano. *Em boa hora comprei (a carroça) e não me arrependi nunca (...). Bom, aí comecei.*

Na cidade, a utilização de carroças para o carregamento de mercadorias intensificou-se, a partir do final do século XIX, com o desenvolvimento do então Núcleo Colonial de São Caetano e com a instalação da estação ferroviária. O intercâmbio que o trem propiciou entre São Caetano e as regiões vizinhas acabou contribuindo para o aumento da circulação de mercadorias na cidade. Foi nesse período que o aluguel de carroças começou a tornar-se comum em São Caetano. Estas, através de uma porteira, tinham acesso à estação, onde eram feitos o despacho ou a retirada de cargas. Faustino Roveri e Pedro Mazetti estão entre os primeiros carroceiros da cidade.

Dando continuidade a essa tradição de transportar mercadorias, Blas Reche estabeleceu seu ponto na Rua Perrella. Ao longo de suas atividades como carroceiro, fez amizades e uma respeitável clientela. Samuel Klein, um dos maiores empresários do país na atualidade, foi um dos clientes de Blas Reche. Na época, Klein

estava ensaiando seus primeiros passos no comércio com a então Casa Bahia Comercial Ltda., uma pequena loja que se situava no nº 567 da Avenida Conde Francisco Matarazzo. Recorda Blas que fez muitas entregas de mercadorias provenientes de tal loja. Quando precisava levar algum produto à casa do cliente, Samuel Klein mandava um empregado da loja à Rua Perrella para negociar com Blas a entrega da mercadoria.

Depois de alguns anos como carroceiro, Blas resolveu comprar um caminhão, o que lhe possibilitaria aumentar as entregas. Tal atitude era compreensível, uma vez que sua família tinha aumentado com o nascimento de mais dois filhos: Antônio Reche Garcia, em 21 de abril de 1940, e Valdemar Reche Garcia, em 26 de junho de 1946.

Antes, contudo, de iniciar suas atividades como motorista de caminhão, Blas Reche vendeu sua carroça e, em seguida, tomou todas as providências necessárias ao exercício da nova profissão, como, por exemplo, a aquisição da carteira de habilitação. Feito isso, começou a trabalhar com o seu caminhão Ford.

O ponto ficava também na Rua Perrella, no mesmo lugar em que negociava o transporte de mercadorias, na época da carroça. E com o caminhão continuou sendo muito requisitado. Proprietários de lojas de móveis e calçados da cidade eram os que mais solicitavam os seus serviços. Fez diversas entregas de mercadorias e mudanças em São Caetano, São Paulo e até fora do estado. Blas Reche relembra com detalhes a viagem que fez a Petrópolis (RJ). Na ocasião, havia sido solicitado para entregar móveis de uma fábrica que ficava nas proximidades da Cerâmica São



Família Reche durante um passeio no litoral paulista. Em pé, da esquerda para a direita: Valdemar Reche Garcia, Maria Garcia e Blas Julian Reche Martos. Agachados, da esquerda para a direita: Blas Reche Filho e Antônio Reche Garcia. Década de 1960

a bela noite que fazia. Segundo ele, o luar se encarregou de iluminar a estrada, não havendo, dessa maneira, necessidade de acender o farol de seu caminhão.

Blas Reche encerrou seu depoimento relatando, de forma breve, sua experiência, de mais de 20 anos, como taxista em São Caetano. Após ter vendido o caminhão, adquiriu um táxi, cujo primeiro ponto ficava na Rua Perrella. Após um bom período nesse local, Blas passou a atender sua clientela na esquina das ruas Nossa Senhora de Fátima e Gonzaga, ponto em que permaneceu até a sua aposentadoria.

Atualmente, reside com o filho Antônio na Rua Rafael Correia Sampaio, endereço no qual Blas está desde 1949, quando deixou a Vila Alpina para morar novamente em São Caetano.

As diferentes ocupações de Blas Julian Reche Martos, ao longo das diversas etapas de sua vida, comprovam a polivalência desse aguerrido imigrante espanhol que criou raízes em São Caetano. *(Texto produzido pelo setor de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul com base no depoimento concedido por Blas Julian Reche Martos, no dia oito de dezembro de 2005).*

Caetano. Como não teve tempo de fazer uma revisão no caminhão antes da viagem, pois fora chamado às pressas para realizar tal entrega, Blas, por precaução e num gesto de prudência, fez o percurso em nove horas. O desconhecimento do trajeto também contribuiu para a lentidão da viagem, comentou Blas. No retorno a São Caetano, o que lhe chamou atenção foi



Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Blas Julian Reche Martos no quintal de sua casa (Rua Rafael Correia Sampaio) - maio de 2006.



A foto é de 1956 e pertence ao álbum de família de Ângelo De Nardi. Nenhuma data especial, nenhuma comemoração, apenas um domingo comum em que se conseguiu o que hoje é muito difícil: reunir toda a família. Ana Maria Boemer reuniu filhos, filhas, genros, nora e netos para a foto de todo o sempre. Em pé, da esquerda para a direita: Alcides Coelho, Rubens Pinto e Luiz de Carvalho (genros), Tarcísio e Conceição (-filhos), Antônio Mascellone (genro) e Marcelino (filho). Sentadas, na mesma ordem: Angélica, Gema, Flávia (filhas), Ana Maria, esposa de Ângelo De Nardi, Maria Tarcísia (Nineta), Mercedes (filhas) e Aparecida (nora). As crianças: Andercler, Amílcar, Rubens, Bernardete, Romeu e Roberto (netos). Apenas uma foto, muitas recordações

Família De Nardi. Da Itália para o Brasil. No Brasil, para São Caetano

Acervo: Família De Nardi

No verão europeu de 1877 um navio de bandeira italiana deixava o Porto de Gênova, na Itália, com destino à América do Sul. Entre os passageiros estavam Giovanni De Nardi, sua esposa Arcângela e os filhos, Giuseppi, Luigi, Giovanni, Mário e Piero. O destino era o Brasil e as razões determinantes da viagem passavam pelo desejo, amealhado durante anos, de conhecer novos horizon-

tes, melhores dias, novas emoções, sem caracterizar, por nenhum momento, decepção com seu país.

A felicidade seria total não fosse a imperiosa necessidade de deixar em solo italiano um de seus filhos, Celeste, que, em idade de prestação de serviço militar, tinha de permanecer em solo pátrio, adiando a viagem para mais tarde, o que não lhe agradava nem um pouco. A tão desejada viagem se iniciava quando uma movimentação estranha se fez perceber. Pessoas

gritavam e acenavam para uma pessoa que nadava bravamente em direção ao navio. O atleta foi recolhido e prontamente reconhecido. Era o próprio Celeste, que, inconformado, nadou e nadou, para juntar-se à sua família, temendo nunca mais vê-la. Sem condições de volta, Celeste também viajou para o Brasil. O episódio esbarra no bizarro, mas é assumido por depoimentos de familiares.

Durante a viagem Celeste conheceu a jovem Lorencina Gava, com quem iniciou romance que perduraria por muitos anos. Já no Brasil, a família De Nardi seguiu para a Fazenda de Tijucuçu, em São Caetano, e a família Gava para a região hoje conhecida como Vila Mariana. Com a chegada de muitos imigrantes decidiu-se pela divisão das terras. Celeste prestou-se ao trabalho de ajuda aos técnicos, visto que na Itália ocupava-se nessa área. Por não ser imigrante seu trabalho foi pago com uma área de terra nas proximidades das ruas Amazonas e Maranhão.

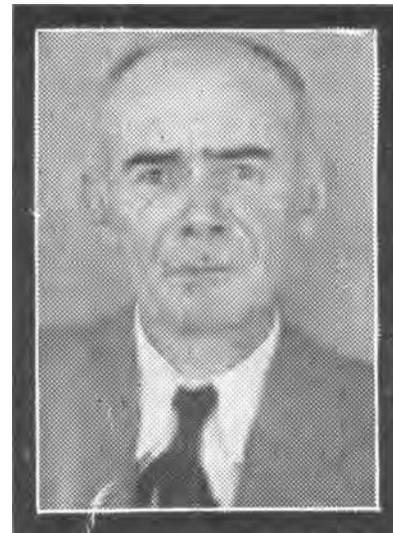
O operoso jovem Celeste casou-se com Lorencina em 1880, não sem antes construir uma pequena casa no terreno cedido pelo governo, em área localizada entre as atuais ruas Maximiliano Lorenzini, Ceará e Mariano Pamplona, do lado direito do atual palácio onde está o Museu Municipal. Mais tarde construiu, à esquerda do palácio, outra casa onde nasceram seus filhos: Judith, Estéfano, Luiz, João, Antônio, Celestina, Ângelo, Fioravante e Fiorentina. Tempos depois a família de Celeste construiu uma terceira casa, esta maior, mais confortável, mais moderna, em estilo italiano. Esta é o prédio onde está localizado o Museu Municipal, na Rua Maximiliano Lorenzini, no Bairro da Fundação. Construiu também uma capela à direita do palácio, dando-lhe o nome de Capela de São João.

Com a morte de Celeste De Nardi, em 1915, e o casamento dos filhos, a casa tor-

nou-se grande demais - vários dos oito quartos estavam ociosos. A família decidiu, então, locar dois deles para o governo estadual, que ali instalou a Escola de Alfabetização Infantil, em atividade até por volta de 1936, quando se inaugurou o Grupo Escolar Senador Fláquer, ainda hoje em funcionamento. Em 1944, o palácio foi vendido para o sr. Antônio Perrella, que em 1946 demoliu a capela, construindo um estabelecimento comercial. Com os filhos Cláudio, Luiz e João, Antônio Perrella ocupou-se do comércio de pães e similares preparados no palácio, atual Museu Municipal, até 1953, quando vendeu a padaria.

Retroagimos nossa seqüência para o ano de 1892, para recordar que no dia 23 de julho nasceu em São Caetano um dos filhos do casal Celeste e Lorencina De Nardi. Seu nome, Ângelo, que muito cedo começou a trabalhar em olaria, tornando-se um prestimoso oleiro. Quando completou 20 anos empregou-se numa tecelagem de propriedade de Silvério Perrella, pai de João Perrella e avô de Daniel Perrella, ex-vereador de São Caetano, que ficava junto à orla do Rio Tamanduateí, no lado de São Paulo. Ângelo conheceu, por volta do ano 1920, a jovem Anna Maria Boemer, que residia onde está hoje a Rua Mariano Pamplona, e com ela se casou no dia 22 de abril de 1922, na atual Matriz Velha de São Caetano. Anna Maria era filha de Carmine Barile e Anna Boemer.

Ao retornar da lua-de-mel vivida em Campinas, o casal foi residir numa pequena casa junto à tecelagem em que Ângelo trabalhava, onde permaneceu por três anos. Ali nasceram seus dois primeiros filhos. Mercedes no dia três de fevereiro de 1923 e Marcelino no dia três de maio de 1924. No ano seguinte o casal mudou-



Ângelo De Nardi,
nascido em 23 de
julho de 1892

se para a olaria arrendada do S.R. Bepo Poll, localizada onde hoje é a esquina das ruas Major Carlo Del Prete e São Paulo. Nessa casa nasceram mais duas filhas: Flávia, no dia nove de janeiro de 1926, e Gema, no dia seis de maio de 1927. Em 1928 o casal mudou-se para o Palácio dos De Nardi, onde nasceram suas filhas Angélica, em três de abril de 1929, e Isaura, em nove de janeiro de 1931.

No ano seguinte o casal mudou-se para uma casa ao lado do palácio, onde, no dia três de dezembro de 1933, nasceu sua filha Conceição. Em setembro de 1934 a família mudou-se para a Vila Mariana, onde nasceu mais um filho, Tarcísio, que faleceu depois de seis meses. Por volta de 1937 a família retornou a São Caetano, residindo na Rua Maximiliano Lorenzini, ao lado do atual Museu Municipal, onde nasceram seus dois últimos filhos: Tarcísio, em cinco de junho de 1940, e Maria Tarcísia, em cinco de maio de 1942.

Em novembro de 1947, Ângelo adoeceu e foi internado no Hospital Cruz Azul, no Bairro da Saúde, na Capital, e faleceu no dia 19 de fevereiro de 1948. Sua esposa Ana Maria Boemer faleceu no dia 22 de junho de 1965. O casal teve dez filhos. Mercedes, que se casou com Antônio Masceloni; Marcelo, que se casou com Aparecida Guereta; Gema, que se uniu a Rubens Pinto; Angélica, com Alcides Coelho; Flávia, com Luiz de Carvalho; Tarcísio, com Clementina Fernandes Momesso; Maria Tarcísia, com João Bresciani. Isaura e o primeiro

Transcrição da carta de amor de Ângelo de Nardi a Anna Maria Boemer

São Caetano do Sul, 15. fevereiro de 1919

Senhorita Maria

Saudações

A franqueza e a lealdade são qualidades que me presso de possuir; mentiria pois se ocultasse a verdade, se quizesse por mais tempo esconder a pureza do meu amor que em minha alma se rompeu.

Rogo-vos ao lêrdes esta carta perdoar a minha ousadia; fatigado de guardar commigo o segredo do meu coração trahindo-me cada momento, eu venho offerecer-vos o que tenho n'alma; o meu amor; Assim poderia a V.E. que me permitisse nestas linhas de formular o pedido do vosso amor para um dia serdes minha esposa; e a minha companheira pela lucta da vida; e eu seria o mais feliz dos homens; poderia-mos se assim o quizesseis ser-mos um dia felizes a face de Deus e da sociedade, e ponho nas vossas delicadas mãos, que respeitosa-mente beijo, todo o meu futuro.

Rogo-vos a responder-me, e tenho a honra e vosso admirador e apaixonado escravo

Ângelo De Nardi

Tarcísio faleceram pequeninos e Conceição reside na Capital.

(*) João Bresciani é jornalista e radialista

O dinheiro no tempo e nas coleções

Fotos - Acervo: Fundação Pró-Memória



O colecionador Alexandre Zevzikovas durante a entrevista

Desde há muito, filósofos, moralistas e o próprio povo apregoam maldições proverbiais e chistes irônicos sobre o poder do dinheiro.

Dizem, por exemplo: que o apego ao dinheiro é a raiz de todos os males, causa de assassinatos, roubos, subornos, corrupção, chantagem etc., ou seja, onde há crime, há dinheiro envolvido; que o mais célebre crime da história da humanidade, a traição de Jesus por Judas Iscariotis, teve como causa a ambição e, como paga, a quantia de *trinta dinheiros de prata*¹; que as guerras e o dinheiro sempre andaram de mãos dadas; que o desejo doentio de juntar muito dinheiro leva o ser humano a cometer um dos sete pecados capitais, a avareza, a qual, por sua vez, pode torná-lo um usurário; que o dinheiro não traz felicidade, mas ajuda; que dinheiro na mão é vendaval; que quem gasta muito é pródigo e quem evita pagar é sovina, *pão duro* e por aí afora. Enfim, todos os exemplos, e muito mais, tornaram-se ditados da sabedoria popular para condenar o di-

nheiro como *vil* metal. A verdade é que todos precisamos e corremos atrás desse *mal necessário* sem o qual – mesmo que seja *dinheiro de plástico* – a vida moderna não anda, não sobrevive.

Por outro lado, fisicamente, as moedas metálicas têm uma evolução histórica muito interessante. Ultrapassada a fase do escambo, a era das trocas em que se pagava a compra de uma mercadoria com outra², tivemos a fase dos primeiros tipos de moeda: peças enormes, de pedra circular, e todas as suas variantes, em outros materiais, usadas para pagamento, até o aparecimento dos metais, quando se pensou no seu uso também para a cunhagem de moedas, desde a primeira, até as de níquel que hoje conhecemos, passando pelos anos dourados, época de opulência, em que se cunhavam moedas em ouro ou em prata³, depois em cobre, bronze, alumínio e em outras ligas de metais menos nobres.

Da mesma forma, o papel moeda tem uma longa história e tradição até alcançar a atual sofisticação das cédulas de emissão das *casas da moeda*, uma atividade complexa que leva os governos a pre-

NOTAS -

- 1 - Tratava-se provavelmente de siclos de prata fenícios, da cidade de Tiro, a única moeda de prata conhecida e disponível na Palestina, no século I.
- 2 - Usavam-se como moeda de troca: barras de sal, tecidos de algodão, fumo em corda, libras de mel etc.
- 3 - Em Portugal, no tempo de D. João V (1706/1750), época da opulência do ouro brasileiro, havia vários tipos de moedas de metal nobre, inclusive o dobrão de ouro, com 53 gramas em ouro puro.



Arquivo - Alexandre Závilkovas

Foto da família, em pé: Tânia (irmã), Verônica (mãe), Alexandre e a sobrinha Nathalie

venir-se contra as falsificações, seguindo estágios de desenho, fabricação do papel, preparação de tintas e impressão feita em três processos distintos: prova do desenho de fundo, em litografia; entalho por meio de chapa, preparada por calcografia; e, finalmente, tipografia, com o acréscimo de segredos nunca revelados pelas autoridades, como o processo de embutir um fio metálico ou plástico, no papel, no momento de sua fabricação. Tudo isto torna a fabricação de cédulas uma atividade secreta por motivos óbvios. Entretanto, a ambição dos falsários não os deixa desanimar e eles se mantêm ativos, enfrentando os desafios e chegando mesmo a desprezar os riscos e as penalidades decorrentes desse crime, para esmerar-se na falsificação de cédulas.

É certo, pois, que o papel moeda, as cédulas ou notas, como as conhecemos, é o resultado de uma longa evolução, assim como as moedas, modernamente restritas a valores inferiores e cunhadas em ligas modernas, produzidas para suportar a alta rotatividade do numerário de troco.

COLECIONADORES – Deixando de lado as maldições do dinheiro e os processos técnicos para fabricar moedas e cédulas, vamos nos fixar na história e, de forma resumida, buscar entender como surgiram os colecionadores e a cultura das coleções.

Durante milênios a maioria da população do mundo não teve acesso à arte, ficando alijada da cultura por estar distante do ambiente artístico, da possibilidade de apreciação das obras de arte e do prazer de admirá-las. Nos séculos XV e XVI, as grandes viagens marítimas, a descoberta e a conquista de novas terras trouxeram também o desenvolvimento do comércio na fase do mercantilismo, que possibilitou a ascensão social dos mercadores. Enriquecidos, conquistaram melhor posição social, pois seu poder

econômico lhes permitia ter, também em suas casas, obras de arte. Tornou-se comum, entre eles, colecionar obras de arte, não só pelo gosto estético, mas também para ostentar riqueza e importância social a seus concorrentes. E, tendo dinheiro, podiam encomendar obras aos artistas, incluindo-se como *mecenas*, o que antes era prática somente de reis, nobres e destacados prelados da igreja. Mais tarde, governantes conscientes passaram a instalar obras de arte em locais públicos, favorecendo a apreciação da arte pelo povo que se valia delas e a elas se referia como forma de identidade e como pontos de referência ou memória local.

Importantes mudanças sociais surgiram no século XVIII e pessoas providas de grandes cabedais de recursos adquiriam ou recolhiam, durante suas viagens, objetos exóticos, esculturas, pinturas, lembranças de locais visitados, objetos raros e até documentos históricos e os exibiam em suas residências, como curiosidade. Estes já podiam ser considerados *coleccionadores*, pois mantinham um *gabinete dessas curiosidades* em suas próprias casas.

De outro lado, politicamente, a democratização européia ganhou espaços nesse século e conscientizou governos e governantes a gerirem e cuidarem das coleções de objetos de arte, acumulados no país, surgindo daí a criação dos museus. E, os responsáveis pelos museus sentiram a necessidade de exibir suas coleções de obras de arte, destinando, para tal fim, espaços expositivos à visitação pública.

O progresso crescente e as grandes inovações dos séculos XIX e XX provocaram uma enorme circulação de riquezas e, com ela, a possibilidade de grandes negócios e bons empregos. Disseminaram-se, então, paulatinamente, entre as camadas menos favorecidas da população, o gosto e a possibilidade de manter, também, coleções particulares de objetos, artísticos ou não.

Associada a isso, a criatividade pessoal de cada um fez nascer grande número de pas-satempos culturais, como colecionar pequenas obras de arte sacra, selos postais, moedas, cédulas do dinheiro circulante nos diversos países, cartões postais, chaveiros e uma infinidade de outros objetos.

COLECIONADOR ESPECIAL - Conhecemos, em São Caetano, um amador de coleções. Dedicou-se à filatelia, à numismática, à cartofilia, à correspondência internacional (Pen Friends Club), promove palestras culturais para escolas e outras instituições sobre os temas de suas coleções, que cuida nas raras horas de lazer. Colecciona selos postais, peças da antiguidade egípcia, cartões postais de todo o mundo, cartões de telefone, moedas antigas e uma bem organizada coleção numismática, ou seja, de moedas e cédulas (papel moeda) antigas e correntes, do Brasil e de diversos países de todos os continentes.

Interessados, particularmente nas *notas antigas* (o papel moeda) do Brasil e do exterior, decidimos entrevistar essa figura singular de colecionador. Ele é o assistente administrativo e contábil de uma empresa paulistana de jóias e pedras preciosas, chama-se Alexandre Zevzikovas, é brasileiro, mas de origem lituana. Reside em São Caetano do Sul, há cerca de dois anos, no Bairro Santa Paula. É de família simples, mas muito simpática e acolhedora.

ORIGEM - O pai de Alexandre, Jakinus Zevzikovas, falecido em 1992, era imigrante europeu, nascido em Kaúnas, importante cidade da Lituânia, em 1927, e veio para o Brasil com apenas 12 anos, em 1939, com os pais e quatro irmãos. Desembarcaram em Santa Catarina, onde permaneceram por algum tempo, seguindo, depois, para Itapeva, interior paulista e, em seguida, para Vila Alpina, bairro da Capital paulista que abriga a colônia litua-

na.

Em Itapeva, nasceu, em 1940, a sra. Fevronha Eliin (Verônica), mãe do nosso entrevistado. Ela é filha de mãe lituana e pai russo. Posteriormente, veio, com sete anos de idade, com a família, também para a colônia lituana da Vila Alpina que, com a Vila Zelina e Vila Bela, formam o reduto das colônias eslavas (dos ucranianos, poloneses, lituanos e outros). Embora morasse em São Paulo, Verônica estudou no Grupo Escolar Senador Fláquer, de São Caetano, no final dos anos 40 e início da década de 1950, tendo completado aí a quarta série do antigo curso primário.

Em 1963, Verônica e Jakinos casaram-se, permanecendo na Vila Alpina, onde Alexandre, nosso entrevistado, nasceu, cresceu e estudou vindo, recentemente, com sua família, residir no Bairro Santa Paula. Hoje ele vive com a mãe, a irmã Tânia e uma sobrinha, Nathalie, na Rua Tiradentes, 290, Casa 1, Vila Paula, em São Caetano do Sul.

INICIAÇÃO – Segundo o próprio Alexandre, na sua adolescência ele já conhecia, simpatizava com São Caetano e por aqui andava. No início, foi desenvolvendo sua simpatia e o gosto por coleções de selos e numismática, freqüentando pequenas feiras e fazendo amigos e bons conhecimentos com colecionadores locais. Há cerca de 15 anos, decidiu expandir seus contatos com diversos colecionadores de todo o Brasil, com os quais se corresponde regularmente e realiza trocas e aquisições importantes para suas coleções. É ele que nos diz:

Aos 16 anos fui me interessando por coleções. Primeiramente de selos postais, a mais comum entre nós. Embora morasse em São Paulo, na Vila Alpina, sempre gostei de passear por São Caetano. Por essa época também me iniciei como cor-



Arquivo: Fundação Pró-Memória

Folha de catálogo de numismática (cédulas)



Livros e catálogos relativos a filatelia e numismática

Arquivo: Fundação Pro-Memória

respondente estrangeiro, ingressando, anos depois, no Pen Club, onde fiz muitos amigos que mais tarde me auxiliaram nas coleções e na busca de peças de interesse de terceiros, que também fiquei conhecendo por aqui.

Meus primeiros estudos foram mesmo na Vila Alpina, depois ingressei na Faculdade Metodista, para fazer Administração de Empresas. Em certa ocasião ganhei uma coleção de uma amiga que não desejava continuar. Isso motivou-me porque desde menino gostava de fazer coleções de marcas de cigarro, caixas de fósforo e outros temas.

Fui aprendendo muito com as pessoas com quem fiz contato. Como correspondente, passei à cartofilia, que são as coleções de cartões postais e de outros cartões, como os de telefone. Também passei a frequentar as pequenas feiras de colecionadores que existiam, não só em São Caetano, mas também em São Paulo. Certa vez, quando estudava na Metodista, uma amiga disse-me que iria expor seus trabalhos numa feirinha de São Caetano. E eu, vendo como a coisa funcionava, achei que também poderia expor meus selos. E fazendo-o, vi que dava certo, pois sempre apareciam interessados em trocas e compra. Assim, fiz novas amizades. E também soube que os colecionadores faziam encontros, uma vez por mês, em outros estados.

Na época em que colecionava apenas selos do correio, observei que os que nos

abordavam em pequenas feiras, também procuravam moedas e cédulas (papel moeda), o que me pareceu uma oportunidade, um desafio para, se encontrasse o que queriam, poder negociar com eles, trocar ou vender o que conseguisse. Assim acabei ampliando o que colecionava.

Já na faculdade, no quarto ano de Administração na Metodista, uma aluna fez uma entrevista comigo, publicando-a no jornalzinho da faculdade. Isto foi uma propaganda e tanto. Ampliou-se o número de pessoas que me procuravam para conhecer minhas coleções, buscar informações, peças para troca e interesse em comprar o que procuravam. Para isso, fui correr atrás das encomendas, porque o jornal divulgava o material por todo o ABC. Passei a ter então clientes de cinco a 90 anos em todos os cantos do ABC. Foi uma loucura.

NUMISMÁTICA – O interesse de Alexandre pelas moedas e cédulas vem de uns 12 anos para cá, por ter frequentado reuniões da Sociedade de Numismática e também pelas visitas às casas comerciais do gênero. Por vezes, ele comprava duas ou três cédulas iguais, guardando uma para si e negociando o restante em trocas ou vendas. Outras vezes ganhava cédulas de parentes e amigos, o que o ajudou a ampliar sua própria coleção.

Sabe, disse-nos Alexandre, nestas coleções existem três tipos de cédulas: a “flor de estampa”, que são cédulas, como saem da Casa da Moeda, sem nenhuma dobra, absolutamente novas, antes de circularem. O segundo tipo é a “soberba”, que mostra apenas uma dobra central, feita na carteira do portador. E o terceiro tipo, denominado “muito bem conservada”, é de cédulas correntes no mercado, mas não amassadas ou rasgadas, ou seja, ainda em muito bom estado. Com minha coleção posso exibir cédulas do Brasil de 1940 até hoje, das quais creio possuir cerca de 200 exemplares diferentes. De

outros países, tenho cerca de 400 exemplares, de muitos países. Esta coleção começou apenas com o que eu podia conseguir, já que em alguns países as cédulas são muito caras, ou seja, busquei primeiro as de aquisição com baixo custo. Inicialmente adquirei o que podia, mas hoje, mais exigente, procuro sempre as cédulas em flor de estampa, as que saem do Banco Central e vêm para as mãos de colecionadores, antes de circular. Aliás, os catálogos de numismática fazem exatamente a indicação dos preços de mercado para cada uma das três categorias, além de dar características como cores, tipo de papel, marcas d'água, filigranas, imagens etc., para identificar a peça para os colecionadores.

Alexandre nos confirma que colecionar o enriqueceu muito interiormente. Ganhou amizades surpreendentes, inesperadas mesmo, de crianças e adultos até idosos de mais de 90 anos. Teve oportunidade de estudar geografia, história, de aprender a escrever em outros idiomas além do português e de registrar em sua vida momentos de muita emoção, como a amizade com o sr. Victor, um ancião de São Caetano que, na época, contava 90 anos e hoje já é falecido.

Levava minha coleção de selos para a casa dele, almoçava com ele; ele criou vida nova com isso. Cuidava muito bem da coleção para mostrar-me. Isto era muito emocionante para mim, ver que era para mim que ele desejava mostrar seu capricho, seu interesse, os arranjos e classificadores que preparava para classificar e guardar os selos. O carinho com que cuidava daquele nobre passatempo. Isso despertou em mim um respeito muito grande por aquele novo amigo. Aprendi muito com suas observações e o seu capricho.

Por outro lado, Alexandre nos afirma que, com essa coleção, também é grande o enriquecimento cultural, pois muitas



Arquivo: Fundação Pró-Memória

trazem um pouco da história do país, os costumes do povo, o folclore, a dança, a alimentação, a fauna e a flora. O Brasil, de 1970 para cá, vem produzindo suas próprias cédulas, na Casa da Moeda, trabalhando esta instituição também para outros países sul-americanos na produção de suas cédulas.

Muita coisa se pode aprender ao analisar uma cédula do papel moeda. Com as cédulas brasileiras, vemos nossa história, os vultos e personalidades de interesse histórico e cultural ou científico, a fauna e flora de que somos muito ricos, monumentos, esportes, tribos indígenas, frases e até partes de sonetos literários consagrados. Do exterior, os costumes, as vestimentas locais, a fauna e a flora, personalidades históricas, produtos mais exportados, os rios do país e muitas outras coisas.

Recebendo uma cédula de país desconhecido, eu buscava informações, pesquisava nos catálogos, nas reuniões da sociedade numismática, nas casas que comeciam o material até ficar sabendo a que país pertencia, onde se situava geograficamente, qual era a moeda corrente local, em que ano foi estampada aquela cédula. Também havia desafios de colecionadores que encomendavam certas cédulas de tal ou qual país, com tal ou qual efígie de pessoa importante, consi-

Exemplares de álbuns filatélicos de Alexandre



Arquivo: Fundação Pro-Memória

Exemplares de cédulas (papel moeda) dos países: Cook Islands, Costa Rica, Canadá e Guiana Inglesa

derada histórica naquele país. E esses desafios nos fazem crescer culturalmente e ganhar autoconfiança. Assim, Alexandre Zevzikovas aprendeu muito, fez amigos, viajou, registrou experiências comoventes e contatos agradáveis.

CATÁLOGOS - Existe um Catálogo Brasileiro, além de outros, estrangeiros. Este, editado pelos próprios interessados, no caso a Sociedade Numismática Brasileira, recentemente. O catálogo traz as efígies das cédulas do Brasil desde 1833,

quando surgiu a nossa primeira cédula de papel moeda, até 2005. Alexandre nos conta que a moeda da coroação de D. Pedro I, cu-nhada em ouro, tem o valor facial de 6.400 réis. Valiosíssima, foi uma emissão histórica, distribuída na solenidade da coroação do nosso primeiro imperador a autoridades do mundo, presentes. Por isto mesmo, houve um número reduzido de emissões. O Banco Itaú comprou uma delas, num leilão, por 230 mil dólares, há apenas cinco anos. A raridade acha-se exposta em um local de exposição especial do banco.

Aliás, a obra *Dinheiro*, da Editora Globo, informa ainda que *o próprio imperador, D. Pedro I, determinou a suspensão da cunhagem daquelas moedas. Alegou-se, posteriormente, que o busto nu e laureado da efígie da famosa moeda teria desagradado o imperador, uma vez que as moedas posteriores passaram a apresentá-lo da forma como se trajava, ou seja, uniformizado.*

Por outro lado, existe também um catálogo norte-americano, que traz imagens tanto de cédulas como de moedas, com todas as suas características e seu valor como peça de coleção. As cotações são expressas em dólares. Esse catálogo

hoje tem três volumes. Tal publicação é semelhante ao Catálogo Yvert, francês, editado em Paris, para os selos postais de todo o mundo, sendo suas cotações em francos franceses. É interessante lembrar que o Brasil foi o segundo país do mundo a emitir selos postais, com a série denominada *Olho de boi*, em agosto de 1843, por ordem de D. Pedro II, imperador muito culto. O primeiro selo postal do mundo foi emitido pela Inglaterra. Trata-se do famoso *penny black*.

SOCIEDADES - Entre nós, existe a Sociedade Brasileira de Numismática, além de várias sociedades regionais, em cada estado, onde há reuniões periódicas, aos sábados à tarde, para os sócios e interessados. Nessa ocasião há palestras orientadoras, cursos sobre a matéria, há leilões de conjuntos de peças comuns e importantes ou raridades. Usa-se uma mesa em forma de T, fazendo o lote de notas ou a peça rara circular diante dos interessados, que registram os dados de seu interesse. Em seguida, o leiloeiro apresenta as peças e estabelece o lance mínimo, abrindo o leilão. Quem der o maior lance, pago na hora, leva o material arrematado. Sempre haverá a oportunidade para os participantes travarem novos conhecimentos, trocarem peças, adquirirem moedas e cédulas para suas coleções e enriquecerem seus conhecimentos, fazendo amizades importantes.

Essa sociedade é responsável pela edição do Catálogo Brasileiro de Numismática. Através de um conselho especializado, são feitos estudos de cada peça, a época de seu lançamento no mercado, a época eventual de seu recolhimento, sua tiragem e suas características e o uso de critérios científicos para aferir o valor de coleção de cada peça, dependendo igualmente do estado de cada uma. Os associados pagam uma anuidade simbólica, em torno de R\$ 60,00, que lhes facultam participar de todas as atividades da

associação. São franqueadas aos sócios todas as informações para que desenvolvam pesquisas a respeito de certas particularidades da matéria ou sobre uma determinada peça histórica.

Vale ainda registrar que os catálogos brasileiros destacam que, durante a *Revolução Constitucionalista de 1932*, São Paulo emitiu cédulas de papel moeda que trazem a frase “*Pró Constituição*”. Essas e outras peças são raridades de valor histórico, por vezes inestimável. Aliás, é certo que São Paulo emitiu, igualmente, séries de selos postais, *Pró Constituição*, em 1932, de alto valor para colecionadores.

PALESTRAS – Alexandre nos diz ainda: - *Nesta atividade tenho sido procurado por alunos que buscam informações ou que pedem palestras para apresentar um trabalho solicitado pelos professores em seus cursos. Então dou orientações, faço palestras nas escolas, gravo informações em fita cassete, e os alunos aproveitam as informações para desenvolver seus trabalhos escolares. Sempre foi uma coisa agradável e gratificante, para mim, oferecer essas orientações, fazer palestras e os contatos com os alunos, assim como satisfazer curiosidades sobre o tamanho e o peso de cédulas antigas, como as criadas na China.*

Ainda hoje, para atender a colecionadores conhecidos, continuo negociando algumas peças, embora não seja essa minha atividade principal e profissional. As coleções continuam como passatempo cultural. Há uma solidariedade muito grande entre os aficionados dessas coleções de moedas, cédulas e selos postais e outras. Meus correspondentes fazem contato solicitando algo, eu saio atrás e lhes mando ou lhes peço algo que sei que terão facilidade em conseguir e assim prosseguimos nossos contatos por correspondência. Além das coleções, o intercâmbio é muito gratificante, como as

visitas a reuniões em outros estados ou mesmo às exposições da Praça da República, em São Paulo.

Por outro lado, já fiz exposições de minhas coleções na Varig, em São Paulo, numa época em que lá trabalhei. Também desenvolvi uma exposição semelhante para a mesma empresa, em Porto Alegre. Fiz exposições em escolas, como na que minha sobrinha, Nathalie, estuda, permanecendo lá para oferecer os esclarecimentos e as orientações necessárias a professores, alunos e pais, além de outros interessados como funcionários dos Correios, que não têm conhecimento mais profundo da matéria e que me procuram. Faço-os assistir às palestras, mesmo nas escolas. Esses conhecimentos são importantes para o seu próprio trabalho. Além do pessoal dos Correios, dei palestra para grupos de escoteiros. Aliás, estou em vias de dar uma palestra para a E. Estadual Dom Benedito Paulo Alves de Souza, de ensino fundamental. Talvez ela tenha lugar no domingo. As crianças virão com seus pais, uma vez que a escola fica aberta aos domingos para atividades desse gênero.

Finalmente, mantenho contato com uma área específica do Banco Central, em São Paulo. Uma área destinada a exposições. Eles montaram “banners” sobre a história do dinheiro brasileiro e os cedem mediante pedido escrito, oficial, de entidades como a Fundação Pró-Memória, para que em tal ou qual exposição futura a entidade possa contar com aqueles painéis. Mostram raridades como a cédula com a efígie de uma baiana, que circulou apenas alguns dias e foi recolhida. Quase ninguém viu tal cédula e hoje ela tem um custo muito superior, maior do que o valor facial da cédula.

Acervo: Fundação Pró-Memória



Exemplares de cédulas (papel moeda) da Inglaterra, Comores e Negara Brunei Darussalan



Arquivo: Fundação Pró-Memória

Exemplares de cédulas (papel moeda) do Brasil do valor de um mil réis (ano de 1942) e cédulas de cem e duzentos cruzeiros

COLEÇÕES TEMÁTICAS—

Alexandre prossegue, dizendo que há colecionadores específicos, para selos postais de flores, esportes, personalidades históricas. Outros colecionam selos ou cédulas de países desconhecidos. Quando são crianças, a família dá seus palpites e os influencia para seguirem um desejo que é só dos pais. Por vezes o interessado se encanta com uma peça rara, mais vistosa, e só se interessa por tais tipos de material. As coleções muito abrangentes são muito

trabalhosas e o colecionador pode terminar sendo um profissional, com uma casa filatélica.

COLEÇÕES EXÓTICAS – Alexandre diz que há colecionadores de tudo. De repente, um deles se apaixona pela figura da girafa, por exemplo. Então ele coleciona tudo o que se refere a esse animal africano, não só cédulas ou selos postais, mas também bonecos, cartões postais, chaveiros, tudo que lembre a girafa. Há quem coleccione moedas, cartões postais, marcas de cigarro, caixas de fósforo, tampinhas de garrafa, latas de cerveja, rótulos de vinho, chaveiros, anúncios de propaganda, souvenirs de hotéis, como pequenas peças e tudo o mais que impressiona a mente humana. Outros colecionam de forma induzida, por imitação: ao ver uma coleção vistosa, ele se põe a guardar e a buscar tudo o que o encanta,

de uma determinada categoria, e depois procura os que organizam essas coleções e passa a ser um colecionador como tantos outros. Enfim, os colecionadores são considerados por muitos como maníacos. Colecionam chapéus, cachimbos, sapatos, peixes coloridos, troféus de caça, lápis de propaganda e tantas coisas que a sua criatividade lhes sugere.

Já tarde da noite, antes de nos despedirmos, dona Verônica, mãe de Alexandre, brindou-nos com um excelente *strudel* de maçã em pequenos pastéis fritos, uma especialidade da culinária lituana, acompanhada de um delicioso suco de maracujá, para preparar o sono de todos nós. Com esse carinhoso acolhimento, encerramos nossa entrevista com o já amigo Alexandre Zevzikovas.

FONTES -

Coleção da Revista *Raízes* da FPM
Nereide Schilaro Santa Rosa e Neusa Schilaro Scaléa
– *Arte-educação para professores* – Ed. Pinakothke, 2006
500 anos de Dinheiro no Brasil– Edição Banco Central do Brasil *Dinheiro* – Editora Globo.

(*) *Celso de Almeida Cini é advogado, professor, pesquisador e assessor cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Família Inodelicato, em 1927. Da esquerda para a direita: Olga (madrasta), Adelina (irmã), Rafael (irmão), Francisco, Alcio (irmão), Albina (irmã) e Rafael (tio)

Recordações: 1927, 1928 e década de 1930

Não vou contar a história de São Caetano do Sul nem falar a respeito do nome das famílias que aqui residiam, quando em 1927, juntamente com meus irmãos e meus pais, vim morar nessa linda cidade, de que tenho tantas recordações e orgulho.

Direi que eram grandes famílias, com grandes chefes honestos, trabalhadores, solidários, exemplo e orgulho de toda uma região.

Perdoem-me por não citar nomes, pois todas as famílias eram uma dádiva de Deus.

Eu estava com apenas cinco anos de idade. Só posso relatar o que saudosamente ficou em minha memória. Estou hoje com 82 anos.

Como foi embora meu tempo de menino ... Nunca mais voltará, só ficaram as lembranças...

A música que em seus versos diz: *Na noite de São João, o céu fica todo estrelado, todo iluminado, pintadinho de balões*. Assim era o céu de São Caetano, mesmo sem os *intrusos* balões, todo iluminado, pois lá em cima as estrelas brilhavam no silêncio da noite. Era um espetáculo que enchia os olhos. Parecia que elas se comunicavam...

Eu tentava contá-las, mas eram elas tantas que eu acabava desistindo. E, então, voltava meus olhos para algo maior, mais brilhante e mais próximo da terra: a Lua, a rainha de todo aquele espaço.

Na minha infância diziam-me a Lua ser



Francisco Inodelicato em 1948

morada de Deus e seus discípulos e que de lá eles vigiavam as estrelas, as quais eu acreditava serem nossos entes queridos que Deus já havia levado.

Sabe, Chiquinho, lá em cima elas nos observam, nos protegem, livrando-nos de maldades. Mas na cidade de São Caetano não havia maldade: era só amizade, honestidade, bondade, famílias todas dedicadas ao trabalho e à religião.

Certa manhã, logo após fraca chuva, (*lágrimas do céu*, como era chamada por muitos a chuva), eu estava brincando no gramado ainda molhado pelas águas que tinham caído. *O Rei Sol* começava a aparecer, como que querendo secar todo aquele verde, e os pingos das folhas das árvores pareciam uma sinfonia quando tocavam no gramado. De olhos arregalados, vi uma faixa toda colorida que cruzava o céu de ponta a ponta. Perguntei a um menino maior do que eu, apontando para cima: *Essa faixa linda, o que é?* E o menino respondeu: *Você não sabe? É o arco-íris!*

Arco-íris?, perguntei novamente. O garoto explicou: *Sim, arco-íris. Olhe, é o crocodilo que sai do leito de um rio e vai pousar em outro rio longe daqui. Essa faixa é o rastro que ele deixa.*

Até hoje não sei se ele estava me enganando ou se realmente acreditava naquilo que havia me dito. Eu, na inocência dos meus cinco anos de idade, acreditei, e hoje, após tantos anos, olho para o céu, procurando-o. Faz tempo que não o vejo... O que terá acontecido?

Talvez o cinza dos prédios, que substituiu o verde das árvores, o tenha assustado.

As águas do rio e o leito do crocodilo, como me disse o menino, nunca mais os vi. O rio que separa São Caetano de São Paulo era limpo. Os meninos nadavam e pescavam nele. Havia até muitos peixes. Mas, com o passar dos anos, a impureza atingiu essas águas e os peixes sumiram.

As árvores! Quantas aqui havia! Muitas delas por vezes carregadas de frutas e apinhadas de pássaros que, sobre os galhos, cantavam.

O pássaro de que nunca me esqueço é o

bem-te-vi, que, voando e gritando alto, parecia o maestro de toda aquela orquestra emplumada.

Nessas árvores, nessa vegetação, nesses campos e pastos ficavam, além dos pássaros, também os animais domésticos.

Quase todas as casas da cidade possuíam quintal grande, em geral cultivado com flores e frutas. Parreiras mil! Quanta uva! Bem que poderíamos ter chamado São Caetano de Cidade das Uvas!

Enfim, com todo aquele verde, a cidade era um pomar ... Mas um pomar que começava a se industrializar com a chegada de algumas fábricas.

As de que me recordo bem: General Motors, Matarazzo, Fábrica de Louças Adalina, Cerâmica São Caetano, Fábrica de Botões Aliberti e algumas outras que no momento me fogem da memória.

Aqui já existiam as fabricantes de tijolos, chamadas de olarias, que exigiam muito sacrifício físico das famílias nelas empregadas. Apenas amanhecia e lá estava toda a família, desde os adolescentes até os vovôs, com mangas arregaçadas, enfrentando às vezes frio, com dedicação e orgulho.

Além da Estrada de Ferro SRP, pela qual passava a *Maria Fumaça*, cujo percurso era de Santos até Jundiaí, havia os trilhos por onde corria o trenzinho da Cerâmica. Ele vinha da Cerâmica, sempre apitando, passava por minha casa, na Rua José do Patrocínio, continuava na Rua Pernambuco, na Rua Serafim Constantino e, por fim, entrava no pátio da estrada de ferro, onde descarregava seus produtos.

Parece que ainda estou vendo o sorriso do maquinista, apitando quando passava por nós, que ficávamos olhando até que ele desaparecesse, acenando para nós, como se estivesse se despedindo.

O povo de São Caetano era muito religioso. Quase que totalmente católico. Nos fins de semana, as pessoas vestiam a roupa reservada para os domingos e dias especiais e rumavam para a igreja do Bairro da Fundação, a qual eu freqüentava quando fiz a primeira comunhão.

Com que respeito entravam no Templo de Deus! Ouviam o sermão do padre, rezavam com os olhos brilhando de felicidade e, com a voz embargada pela emoção, cantavam os hinos sacros.

Já no pátio, quando terminava a missa, ficavam por horas perto do templo conversando alegres. Haviam cumprido o dever e o desejo de freqüentar a casa de Deus.

Foi na igreja do Bairro da Fundação, onde fiz minha primeira comunhão, que aconteceu a passagem de minha infância que mais ficou na minha memória. Antes de contá-la, devo enfatizar que nela destacaram-se a coragem, a dedicação e o poder de fé de um homem: padre Alexandre Grigolli, respeitadamente apelidado como *padre gordo!*

Quando estava com oito para nove anos de idade, eu freqüentava o catecismo e aprendia sobre a vida de Jesus e de seus discípulos e tudo o mais a respeito da religião católica.

Por diversas vezes, durante o catecismo, eu desmaiava.

No dia da primeira comunhão, ele me chamou e disse: *Chiquinho, você vai comungar separado. Você pode desmaiar e assustar as pessoas presentes!* Então eu disse: *Mas padre Alexandre, eu gostaria de comungar junto com os outros!*

Ele, compreendendo meu desejo, disse: *Então vamos fazer o seguinte: você fica sentado neste banco, perto da porta lateral da igreja, enquanto eu fico do lado de fora observando.*

E assim foi feito. Durante a missa, lá estava ele, apreensivo, me olhando. Eu ainda hoje me lembro dos versos que estávamos cantando: *Hoje é meu dia, hoje vem a minha alma, pela primeira vez...* Tudo começou a escurecer e senti muita tontura. Aí ele me pegou nos braços e, sem que notassem, fomos para o lado de fora da igreja. Ele me levou para a sacristia, e, eu já acordado, notei que ele estava com as pontas dos dedos molhados e que respingava água do meu rosto. Ele estava me benzendo. Daquele instante em diante nunca mais desmaiei. Essa é a fé de um homem que acredita em sua religião e seu poder.

Assim era o saudoso padre Alexandre. Conhecia a todos e todos o conheciam. Respeitava a todos e todos o respeitavam. Sua dedicação a São Caetano levou-o a ter coragem para construir a Igreja Matriz da Praça Cardeal Arcoverde, onde até de servente de pedreiro chegou a trabalhar..

Agora gostaria de lhes contar outra história. Muitos devem conhecer a marginal que separa São Caetano de São Paulo, cujo nome é Guido Aliberti. Aliberti era proprietário de uma fábrica de botões e, além disso, projetista e piloto de planadores (aviões sem motor). Mas não é apenas sobre ele que quero falar. Quero também lhes contar que um antigo funcionário da fábrica de botões ajudou a puxar o estilingue usado para impulsionar o planador e fazê-lo voar. Entusiasmados com um primeiro teste, no qual o estilingue fora puxado moderadamente, piloto (Guido Aliberti) e ajudante (funcionário encarregado de puxar o estilingue) resolveram retesar ao máximo a peça que dava impulso ao planador. Quando o estilingue foi solto, o avião ganhou muita altura, porém, descontrolado, desabou. Tamanho foi o impacto com o chão que o piloto não resistiu e morreu.

Assim eram as histórias e os particulares de São Caetano, a *cidade-pomar* de minha infância. Todos se sentiam parte de uma grande família.

São Caetano tornou-se, depois, uma cidade industrial; hoje, aos poucos, vai se tornando uma cidade-dormitório. Atualmente, vou para o centro de São Caetano, cruzo com homens e mulheres, não os cumprimento nem sou cumprimentado. Não os conheço.

Já não se ouve o gorjeio dos pássaros. Já não há árvores sobre as quais eles possam pousar e entoar seus cantos.

Já não vemos animais domésticos pastando; já não há campos nem pastos. Já não escutamos as sirenes das fábricas, chamando os funcionários, pois as empresas estão se mudando.

Assim é São Caetano hoje. Quanta saudade dos meus tempos de criança...

(*) *Francisco Inodelicato é memorialista*



Francisco e esposa Maria R. Inodelicato em 1973

A volta ... *Il ritorno*



Vista aérea de Santi e Casaline. Uma volta a um lugar em que nunca estive antes, mas que estava todo em minha memória

E

ste não será o relato de uma viagem de turismo, mesmo sendo para Roma!

É a descrição da viagem, uma volta a um lugar em que nunca estive, mas que estava todo em minha memória.

Quero dedicá-lo especialmente às pessoas que ainda se lembram das vozes embargadas, dos olhos úmidos de lágrimas, quando os *nonnos* e *nonnas* falavam das suas pequeninas aldeias lá da Itália...

Quando escrevi ao prefeito de Preturo-L'Aquila buscando uma cópia do registro de nascimento do meu pai, contei-lhe a respeito das recordações dele, meu pai, quando menino, na aldeia de Casaline.

Esta carta, por causa do sobrenome, foi parar nas mãos do sr. Paolo Giuseppe Verticchio, que por brincadeira do destino me confirmou que nossos bisavôs eram irmãos... E com a troca de cartas, de informações familiares, nasceu uma bela amizade.

No dia dois de agosto de 2004, depois

de um ano de muita indecisão, não pude recusar um presente da irmã de Paolo Giuseppe.

Maria e o sr. Benedetto, seu marido, me presentearam com uma viagem à Itália, via Roma, e me hospedariam por 21 dias em Casaline, nas montanhas, na Província de L'Aquila.

Uma viagem à Itália ... Conhecer Roma! Por 50 anos esse sonho teimava viver em meu coração... E 50 mil vezes eu tinha sentido ele morrer...

Quando minhas sobrinhas Maria Izilda e Larissa me deixaram no aeroporto, (ficaram o tempo possível) eu comecei a sentir as primeiras emoções... Mas estava longe de imaginar o que me esperava...

Depois do *sobe e desce* dos elevadores, eu me senti sozinha em meio a 300 pessoas!

Pessoas que conversavam, riam, comentavam, e eu ali sozinha, como se ninguém me visse... Eu não tinha

ninguém para contar a aventura que eu estava começando. Iria conhecer a aldeia de Casaline de Preturo, onde nasceram meus tataravô, bisavô, avô e pai...

Uma longa história de vidas, de muita coragem, muita luta e, mais que tudo, uma grande união familiar.

Parecia, como eu disse acima, que eu retornava para um lugar conhecido, porque as recordações de meu pai menino eram alegres, bonitas, engraçadas! Ele nos fez herdeiros do seu amor pelo *paese*, pela sua terra natal, à qual nunca pôde voltar.

De repente, as pessoas foram andando para outro salão. Achei que era para tomar o avião. Comecei a rezar de olhos fechados... *Meu Deus, reforça minha coragem*, implorava eu... Quando abri os olhos, diante de mim estava uma parede de vidro que, por causa de tantas pessoas, eu não tinha visto!

Além, depois da parede de vidro, um grande pátio e ali, de frente para mim, como me olhando, o grande, o belo pássaro branco que me levaria até Roma - direto, sem parar. E eu sozinha! Sem ninguém da família com quem extravasar minha alegria e emoção.

Um juramento (entre tantos) já estava cumprido: o grande desejo de conhecer a Itália pelas asas da Alitalia!

Que emoção! Logo cumpriria outro juramento: abrir a bandeira brasileira, guardada exatamente há 30 anos, na Praça di San Pietro...

Enquanto o rapaz pegava minhas bagagens de mão eu não conseguia tirar os olhos do avião, ali me esperando, parecia que só faltava eu... para partir...

As janelas da cabine de comando me pareciam olhos, perguntando-me: *Onde você vai? E sozinha? Não teve tempo antes? Agora quase sem poder andar? Só vai dar trabalho aos parentes de lá... E preocupação aos parentes daqui...*

Não eram as janelas na forma de olhos que me diziam isso... Era eu mesma que

cansava de me perguntar o mesmo...

Ao sair do lugar para entrar no túnel que me levaria à porta do avião, num último olhar vi e li umas palavras um pouco abaixo da cabine: *Madonna di Campiglia*. Nada mais me importava: iria nas asas da Alitalia e estava nos braços da Mãe de Jesus!!!

Dia cinco de agosto – manhã. Quando acordei, nem sabia se tinha realmente dormido. As emoções haviam sido tantas, e tão fortes, nesses dois dias, que não sei como meu coração pôde suportá-las.

Sentia uma aflição como se tivesse levado um susto, um susto que não passava, mas a alegria era maior que tudo...

Mesmo sabendo onde estava, vendo os primeiros raios de sol que passavam pela persiana, eu me perguntava se era verdade que eu estava em Roma!

Ah! Que vontade de gritar minha alegria guardada, quase sem esperança, por 50 anos! E por mil vezes eu me repetia que se tratava de um sonho impossível...

Meu coração parecia explodir. Eram tantos sentimentos ... Precisava falar o que estava sentindo, mas era muito cedo!

Tive de me calar. Chorava de felicidade, mas baixinho, porque se meus primos acordassem por certo pensariam que eu estava meio doída... Ou doída mesmo...

Às dez horas já estávamos partindo de Roma para viajar 140 quilômetros, com destino a Casaline.

Então deu para ver melhor o bairro onde moram meus primos.

Monteverde é o nome. Trata-se de um grande grupo de prédios de seis andares, todos na cor terracota e com ruas largas bem arborizadas, num estilo clássico, elegante e bonito, como devem ser seus moradores, começando pelos meus parentes.



Igreja de San Donato, a mesma onde casaram meus bisavós, há 166 anos...



Era ali naquele belo sobrado que eu passaria 21 dias...

A manhã estava linda: um sol morno gostoso de se sentir, o céu muito azul, com nuvens leves, esgarçadas.

Eu falava do que via, tentando disfarçar a emoção de tão perto estar de Casalino, onde haviam nascido meus antigos.

Seria refazer o caminho que eles tinham feito, mas ao contrário, como que voltando 102 anos no tempo... De tantos da família, só

meus avós, com meu pai e irmãozinhos, deixaram a Itália, há mais de cem anos...

Desde a saída de Roma, a ótima auto-estrada pareceu entrar num bosque!

Dos dois lados da pista bem larga existem árvores altas, de troncos grossos, que acompanham a estrada por quilômetros...

A estrada é tão reta que, olhando-se para o horizonte, os ramos das árvores parecem se alongar, tocando-se no alto e formando um arco verde sobre a larga pista, enfeitando a linda paisagem...

Embaixo, dos lados da pista, apenas campos verdinhos, plantas baixas a se perder de vista...

Não há cidades próximas da estrada. Só de vez em quando surge uma cidadezinha, quase escondida num vale...

Outras, mas poucas, em altas colinas, parecem presépios...

Passamos por um longo túnel, e eu me encantava cada vez mais...

Deixamos a auto-estrada das árvores e mergulhamos num imenso mar verde...

Eu sentia que estava vivendo uma viagem de volta... Voltava a um lugar desconhecido para meus olhos, mas na

minha mente eu já o conhecia...

A felicidade que me invadia logo virava angústia, ansiedade, aflição. Como seria ver com meus olhos o que eu ouvira por tantos anos de meu pai: as suas lembranças de menino vividas na aldeia em que nasceu, as brincadeiras com os primos na neve, as montanhas onde pastavam suas ovelhas...

De repente, a paisagem mudou. O carro parecia rodar em círculos... Um caracol... Subindo, subindo...

Surpresa e comovida, eu via colinas distantes que logo cresciam, cresciam, chegando à beira da pista, bem como montes que se afastavam para mostrar montanhas que se entrelaçavam e outras colinas que se ligavam a outros montes - como tranças.

Um mar verde, de vários tons. Eu tive a impressão de que estávamos em sítio bem elevado, pois de outro modo teria sido impossível visão tão impressionante.

Eu chorava por não estar comigo uma das minhas irmãs ou um irmão. Eles também reconheceriam aquela paisagem mesmo sem nunca terem estado ali.

Não se via nenhuma cidade. Não se via nenhuma aldeia. Cidades e aldeias deviam estar nos vales, escondidas pelas colinas, pelas montanhas...

Quanta saudade meus irmãos sentiriam depois daquela paisagem...

Minha prima e o marido não deviam estar entendendo meu quase desespero nem o que eu falava comigo mesma. Chamou-me ela, muito séria, para avisar que não iríamos para a cidade de L'Aquila. Um pouco antes, o carro tomaria outra estrada para Casalino.

Minutos depois surge a grande L'Aquila (A Águia), estendida ao sol da tarde, clara, rasada, seus altos palacetes e muito verde abraçando a cidade toda.

A estrada era tão boa como a auto-estrada. Começava com uma subida... Depois de poucos minutos, vi pequena

placa com um nome: Colle. Era a primeira aldeia.

Eram tantos os sentimentos quando iniciamos a parte mais difícil da viagem. Mais forte era uma dor que me dava a certeza de não ser eu quem chegava a Casaline.

O carro ia subindo e minha ansiedade também subia, a ponto de me impedir de respirar. Não era a altura que me tirava o fôlego, mas a emoção.

Das aldeias só se viam as placas ... Três ou quatro ficavam nos vales.

Mas a cidadezinha chamada Santi não ficava num vale. Possuía sobradinhos clarinhos, enfeitados nas janelas, sacadas e portões com muitas flores! Já estava preparada para as festas do santo padroeiro e *para a visita dos filhos da terra que vêm de longe*, disse minha prima Maria.

O carro parou enquanto eu ainda admirava a simpática Santi (que para nós seria Santos). Uma mão apontou-me então o outro lado da estrada. Uma rua que descia, um pátio simples, uma igreja parecendo estar encostada na montanha. Na montanha!

A paisagem me fez perder a respiração e me deu a certeza de que eu não iria resistir! E ainda nem tinha visto nada de Casaline...

Era a Igreja de San Donato, a mesma onde casaram meus bisavós há 166 anos e em que recebeu meu pai, há 118, seu batismo!

A montanha, toda verde, altíssima, que parecia proteger a igreja, ia se estendendo soberana. Tinha um imenso vale verde como tapete aos seus pés...

Essa visão maravilhosa seguir-nos-ia, ao lado esquerdo do carro, até Casaline, que nos esperava no alto de outra montanha.

Eu não tinha nenhuma condição emocional para comentar o que via nem para pedir que se fizesse mais rapidamente ou

mais lentamente a viagem. Só me lembro de que sentia medo de mais emoção...

Mais alguns minutos e, sem que me avisassem, o carro deixou a estrada, entrou numa rua curta, fez uma curva e passou diante de uma plaquinha branca com letrinhas vermelhas que pareciam gritar para mim: *Casalineeeee!*

Meu Deus, que emoção! Meu coração pulsava tão forte, tão forte, que parecia subir-me à garganta para ver o que eu mal via entre lágrimas...

Mesmo chorando, consegui ver os primeiros sobradinhos, clarinhos, com flores nas janelas, nas sacadas, de uma *rui-nha* estreita que subia.

Meus primos não falavam nada. O carro subia lentamente. Temiam talvez que eu sofresse um infarto...

Casaline estava em silêncio. Nenhuma pessoa pelas ruas, ninguém nas praças, tudo parecia dormir a convite do sol morno das duas horas.

Tantos sentimentos, tantos pensamentos que pareciam não caber nem em meu peito nem em minha mente...

A última pracinha ... A rua de poucos metros ... E o carro parou em frente a um grande sobrado branco.

Era ali naquele belo sobrado que eu passaria 21 dias e viveria a alegria que meu pai deveria ter revivido voltando para lá ao menos uma vez.

Que pena! Casaline, com seus sobradinhos juntinhos, suas pracinhas... A imensidão do vale... As montanhas... Continuavam elas tão jovens, tão novas como nas lembranças nunca envelhecidas que os relatos de meu pai incutiram-me na mente.

Emocionante foi ver que o pouco que eu tinha visto não mudara em um século!

Eu tentava resgatar quase 80 anos de saudades alegres, sempre ligadas às montanhas, às suas ovelhas e cabras. As brincadeiras com os primos na neve, as festas, especialmente a noite de Natal, depois da

Missa do Galo, quando os homens, os rapazes e os meninos saíam cantando, tocando, visitando todos os amigos, todas as casas, para desejar *Buon Natale*.

E também de saudades tristes: a separação dos parentes, a partida sem saber para onde iriam, a chegada a um mundo desconhecido.

Era um menino, mas entendia a pobreza, toda a dificuldade daquela vida árida. Já trabalhava na terra, ajudando. Mas por que sair dali?

Era uma pergunta sem resposta, pois aqui, no Brasil, por 35 anos foi colono, trabalhou na terra. Só deixou essa atividade quando viemos para São Caetano, uma pequena cidade que acolheu todos os imigrantes.

Vendo-me sem condições de falar ou de sair do carro, meus primos saíram, levando a bagagem. Subiram as escadas e me deixaram ali perdida em meus pensamentos, de frente para o vale imenso que começava a poucos metros do carro.

Encantada, comovida, não sei quanto tempo fiquei contemplando a paisagem. A montanha que nos seguira desde Santi continuava ali e dali avançava, estendendo-se adiante, talvez para se ligar a outras colinas.

O sol ainda estava forte e alto. As plantas do vale, agitadas por um leve vento que lhes balançava as folhas, exalavam um gostoso cheiro de mata, espalhado e conduzido por esse mesmo vento.

Estava eu no terraço mais alto, e mesmo assim a paisagem esplendorosa não cabia nos meus olhos.

Muito surpresa descobri uma aldeia no meio do vale, antes da base da montanha. Era a pequenina Menzano, que a distância parecia um presépio.

Fascinada pelo vale e pelo céu muito azul, estava eu a mil metros do nível do mar, e por isso parecia estar mais perto do céu. O sol fez-me então uma surpresa: pôs-se justo do lado em que nasce para

nós no Brasil.

Encantada com tudo, dava para ver um pouco da pracinha e dos sobradinhos do *paese*. Mas eu estava mesmo era ansiosa para ver alguma pessoa do lugar.

Porém são poucos os moradores de lá. Apenas alguns casais já aposentados...

No entanto, toda a aldeia pertence aos que nasceram ali, que conservam, cuidam e para lá voltam várias vezes no ano, especialmente durante as festas religiosas e na Páscoa. Isso já me havia dito por carta a prima Maria.

Finalmente, vi um par de tênis correndo da pracinha para a rua do sobrado! Não dava para ver o rosto de quem o calçava, pois algumas árvores da rua me atrapalhavam a visão.

Pensei que fosse um jovem. Logo parou, olhou para cima e gritou meu nome! Eu respondi e ele pôs-se de novo a correr. Nino sobe a escadaria! Foi um encontro muito alegre. Eu fiquei feliz demais em conhecer pessoalmente o primo Nino, que já me havia mandado cartas e belíssimas fotos de paisagens próximas.

Ele é muito simpático, agradável, alegre e jovial, mesmo não sendo jovem.

Vinte e duas horas do mesmo dia cinco de agosto de 2006. Nem parecia ter eu saído hoje cedo de Roma!

Eu tinha vivido um dia de mil horas, horas de mil sentimentos mudados a cada minuto.

Sentira emoções que jamais se repetirão, alma e coração vivendo sentimentos que palavras não podem expressar nem explicar...

Os sonhos envelhecem. Desvanecem com o passar dos tempos. Este meu, que se realizou depois de 50 anos e que até então parecia impossível, também deveria envelhecer. Mas cá estou eu vendo que nada mudou, nada envelheceu, nada perdeu as cores.

Milagre? Talvez... Mas certamente não

pela carta do prefeito de Preturo.

Foi tudo obra da alma poética de Paolo Giuseppe, que se sentiu tocada pelas recordações de meu pai quando menino, seus poucos anos vividos naquela aldeia.

Só a sensibilidade de um poeta que amava Casaline poderia entender as saudades de um menino que nunca se esqueceu das aventuras ao pé das montanhas de Montecalvo e Montecastelo nem do grande sobrado do bisavô. Mas que para Casaline nunca mais pôde voltar.

Quase dia seis. Tinha sido um dia maravilhoso, mas incompleto. Não pudera eu dar meu abraço mais agradecido no primo Paolo Giuseppe. Ele não havia podido nos esperar.

Agora, mais do que nunca, eu penso que somos bonecos, marionetes, presos por uma cordinha, um barbante, ligados

ao que talvez se chame destino. Destino que não esperou nada para levar Paolo.

E na sua ausência, tão sentida, eu tento lhe oferecer estas palavras...

A todos, parentes ou amigos, que me acolheram com tanto carinho, meu obrigada mais afetuosamente!

A te Paolo

*Dall'anima poetica di Paolo
è nata questa frase:
"La vita non hai vissuto in vano
se dai posteri sarai ricordato"*

*Paolo, non hai vissuto in vano,
perchè hai saputo capire la gioia della vera amicizia...*

*Amico Poeta... Non hai vissuto in vano perchè hai creato con le
più semplici parole... Le belle poesie che toccano con tenerezza i
nostri cuori...*

*Caro, non ti potremo veder più in Piazza o sotto la nuceta... Ma...
Nemmeno riusciamo ad immaginarti nel chiuso del cimitero...*

*Noi... Noi immaginiamo che la tua anima liberata è qui! Nella tua
Casaline, nella brezza fresca della sera... Nelle montagne tra gli
alberi... insieme a suoi cari come sempre tu sei stato...*

*Anche Paolo ti immaginiamo nel sole che nasce, nel tramonto che lo
nasconde... Nella notte calma que porta il silenzio e la pace a tutti
Che ti amano ...*

*Tu, Paolo, mai sarà scordato
Perchè hai lasciato una infinita... Una dolce nostalgia, nel cuore
dei tuoi parenti e dei tuoi amici... (sic)*

A ti, Paolo

Da alma poética de Paolo nasceu esta frase:
*A vida não viveste em vão
se por teus descendentes fores lembrado*

Paolo, não viveste em vão,
pois soubeste compreender a alegria da verdadeira amizade

Amigo Poeta, não viveste em vão porque criaste com as mais simples palavras ... As belas poesias que tocam com ternura o nosso coração ...

Querido, já não poderemos ver-te na Praça, debaixo do nogueiral ... Porém ... Tampouco conseguimos imaginar-te no claustro do cemitério ...

Nós ... Nós imaginamos que a tua alma liberta esteja aqui! Na tua Casaline, na brisa fresca do entardecer ... Nas montanhas entre as árvores ... junto dos teus como sempre estiveste ...

Também te imaginamos, Paolo, no sol que nasce, no ocaso que o esconde ... Na noite calma que traz o silêncio e a paz a todos que te amam ...

Tu, Paolo, jamais serás esquecido
Porque deixaste uma infinita ... Uma doce saudade no coração dos teus familiares e dos teus amigos ...)

(*) *Leonilda Verticchio é memorialista*

Ma mi o sintu la campanea

Era sete de agosto, início da década de 1950, manhã bonita em São Caetano do Sul e data comemorativa do santo que dá nome à cidade. Nessa época, os festejos pelo dia de São Caetano eram mais importantes do que as comemorações do dia 28 de julho. Por isso, uma comissão de festas, formada pelos principais nomes, ou melhor, pelos mais conhecidos sobrenomes da cidade, fora encarregada de organizar a festança. Como essa comemoração era concentrada totalmente no Bairro da Fundação, quando falamos em sobrenomes é porque lá estavam as famílias dos fundadores da cidade. Dentre as várias festividades programadas pela comissão, destaque especial para a missa celebrada na então matriz de São Caetano, ou, como seria chamada mais tarde, Matriz Velha. A essa missa ia todo o bairro, sem exceção; lá estavam os católicos, os não muito católicos e até os católicos anônimos. Essa última categoria se referia aos que iam à missa, mas, propositalmente, ficavam do lado de fora da igreja e se reuniam, após a celebração, no bar para tomar o aperitivo antes do almoço.

Nesse sete de agosto, o ponto alto da festa ocorreria ao final da missa, por volta das dez horas da manhã, quando o povo, saindo da igreja, ocuparia toda a área frontal e observaria a sensacional queima de fogos que a comissão havia preparado. Esclareça-se que a grandiosidade, naquele tempo, dependia da quantidade e da potência dos fogos, já que não eram tão comuns os fogos artísticos de hoje em dia. Na ocasião, o que valia mesmo, numa queima de fogos, não era o visual, mas o *barulhal*.

Assim, a comissão contratou o que de

melhor havia na época, e tudo foi preparado para que, quando o povo saísse da missa, uma longa e tremenda saraivada de foguetes tomasse conta da praça. A fim de que a organização fosse perfeita, escolheu-se, entre os festeiros da comissão, um cuja primordial função seria a de dar o sinal, ao fogueteiro, para o início da apoteótica queima de fogos. O fogueteiro precisava dessa preciosa informação por pelo menos duas boas razões: em primeiro lugar, teria de ficar distante da saída da igreja; em segundo lugar, deveria ser avisado sobre o fim da missa, pois, membro que era do grupo dos católicos anônimos, não tinha lá muita intimidade com esse tipo de celebração. Mas não haveria problema nenhum, pois, afinal de contas, já estava escalado o *avisador-oficial*, um velho e experiente festeiro italiano que ficaria na porta da igreja e, assim que a missa terminasse, daria ao fogueteiro o sinal verde.

Esse importante personagem da festa, o responsável pela ordem de *fogo*, consciente de sua obrigação, não teve dúvidas quanto à necessidade de se assegurar de que nada poderia dar errado. Ele, da categoria dos não muito católicos, procurou, antes da missa, outros festeiros da comissão, entre os católicos praticantes, para saber qual o melhor sinal para definir o final da missa. Ficou estabelecido que, mesmo não sendo uma prática comum, ao encerrar-se a celebração, para facilitar a vida do *avisador-oficial*, o coroinha tocaria a campainha logo após a bênção final.

Igreja lotada, fogueteiro em seu lugar, *avisador* diante da porta principal mas do lado de fora da igreja, equilibrado na

ponta dos pés, tentando ver e ouvir o sinal da campainha.

Finalmente, o esforço da incômoda posição do *avisador* chega ao fim com o sonoro toque da campainha. Então ele corre e dá a esperada ordem. O fogueteiro cumpre o seu papel e a praça da Matriz Velha mergulha num memorável foguetório. Imaginem, para a época, falar em dez minutos de todo o tipo de estouros, culminando com aquele tremendo *morteirão* de fazer tremer o bairro!

O que aconteceu durante aqueles intermináveis dez minutos de ensurdecedor barulho?

O coroinha aos poucos foi ficando branco!

O padre suava cada vez mais e ia ficando vermelho!

O povo, dentro da igreja, procurava explicação!

O fogueteiro queria saber por que motivo o povo demorava tanto para sair?

O *avisador* só queria entender onde foi

que ele havia errado!

O sinal da campainha, que desencadeou o foguetório, não tinha sido o do final da missa, mas apenas o toque que o coroinha dá para anunciar o início da consagração.

Ao som dos fogos, a missa ficou paralisada por infindáveis dez minutos, ao término dos quais ela foi, de forma desconcentrada e arrastada, levada até seu melancólico desfecho; evidentemente, sem o esperado sinal da campainha.

Os comentários, ao final da missa, tomavam a igreja, a praça, as ruas, o bairro, e todos, sem exceção, lamentavam a imperdoável falha. Ninguém estava disposto a desculpar, na linguagem da época, tamanho fiasco.

Uma figura, solitária, amargurada, inconformada, procurava justificar, para cada pessoa com quem cruzava, a causa de todo aquele mal-entendido: *Ma mi o sintu la campanea!* Era o *avisador-oficial*, que em seu dialeto tentava se explicar: *Mas eu [juro que]ouvi a campainha!*

Clube Comercial Orquestra Copacabana

Morando em São Caetano ou apenas freqüentando; não gostando de bailes ou sendo um *pé-de-valsas*; quem não se lembra, na década de 1950, do Clube Comercial e da Orquestra Copacabana ?

Para muitos, temos certeza, só esta simples evocação já é motivo de muitas saudades e inesquecíveis recordações. Para alguns, é parte importante da própria vida, pois resgata na memória o encontro com a *cara-metade* e a história particular que daí em diante se escreveu.

Mas a intenção desta crônica não é falar de nostalgia nem de lombalgia, que são coisas de velho. O nosso intuito é recordar uma simples passagem, ainda na

memória de muitos e assíduos freqüentadores dos bailes do Comercial.

Noite de sábado, garotas à vontade, devidamente sentadinhas, esperando o início do baile; marmanjos em grupos, logicamente de pé no bar; salão cheio e a cabeça, de um dos moçoilos, também cheia, só que de *fogo paulista*. O ilustre, a quem estamos nos referindo, já estava *pra lá de Casablanca* (na época era mais conhecida essa expressão, por causa do filme do Humphrey Bogart e também porque até então não se conhecia a expressão *pra lá de Marrakech*) e é bom lembrar que ainda se aguardavam os primeiros acordes da Orquestra

Copacabana.

O maestro Afonso atacou a abertura ao som de Glenn Miller enquanto falava ao microfone (imenso e pesado): ... *a orquestra Copacabana, com este prefixo musical, deseja a todos boa noite e espera lhes proporcionar um ótimo divertimento* (aí, crescia o som da orquestra, no melhor estilo das *big bands* daquele tempo).

O sujeito, aquele do *fogo paulista*, a essas alturas etílicas, se posicionara próximo ao palco e, daí em diante, durante todo o baile, a *figuração* passou a azucrinar a paciência do maestro Afonso e dos músicos. Eram atitudes típicas do bêbado chato: ora falando com algum músico, enquanto este tocava, ora imitando gestos para gozar o maestro.

O certo é que, graças à tolerância do Afonso e da orquestra, por um lado, e, por outro lado, pelo fato de o dito cujo ter se mantido, a duras penas, em sua posição, sem perturbar o baile e os bailarinos, a coisa rolou assim até o final da festa.

Todos já se preparavam para fechar a noitada, e os que haviam presenciado mais de perto a lambança do bêbado estavam sem dúvida dispostos a contar aos demais essa história, reconhecendo e enaltecendo a paciência do maestro Afonso, quando aconteceu o inesperado.

A orquestra tocava a sua tradicional música de encerramento do baile, os apaixonados no meio do salão suspiravam

e curtiam os últimos momentos, as garotas decepcionadas já tinham se retirado, os rapazes que não haviam arrumado nada sorviam frustrados os últimos goles de *cuba libree* o maestro Afonso ao microfone se despedia: ... *E, com este prefixo musical, a Orquestra Copacabana encerra mais este baile desejando a todos um excelente fim de semana. Muito obrigado a todos e até a próxima!*

O bêbado, a plenos pulmões, retrucou: *Que prefixo musical, seu burro! Se é encerramento, é sufixo!*

Ato contínuo, o maestro Afonso partiu para cima do bêbado, armado com o microfone, extravasando toda a ira armazenada. Alguns outros rapazes, já de fogo também, resolveram defender o bêbado, e os músicos já se preparavam para entrar na briga. Como sempre, nessas horas, quanto mais parece que a batalha será generalizada e brutal, mais surgem os anônimos membros da turma do *deixadisso* que, felizmente, existem, são muitos e somente aparecem na hora certa.

E com este *prefixo* ou *sufixo*, como acharem melhor os queridos leitores, encerramos a nossa crônica.

Não foi dessa vez que o Clube Comercial, a Orquestra Copacabana e o maestro Afonso tiveram a sua imagem arranhada ou difamada. (*João Tarcísio Mariani*)

Tourada fajuta

Em 1952, certa empresa locou as dependências do campo de futebol do São Caetano EC, à época localizado na Rua Paraíba, para a realização de uma tourada. Marcada a data para a realização do evento, iniciou-se o chamamento do povo, por

meio de faixas, sistema de alto-falantes - muito em moda na época - e distribuição de panfletos. No dia marcado, o estádio ficou literalmente tomado por uma platéia entusiasmada e ávida por assistir a algo que somente conhecia por ouvir falar. A

famosa tourada.

No centro do campo criou-se um cercado coberto, onde o touro haveria de permanecer até o momento de entrar em cena. Os responsáveis também contrataram uma cantora espanhola, de nome Rozita Del Campo, para animar a platéia antes do início da tourada e nos intervalos. Durante os primeiros 30 minutos, os presentes apreciaram a jovem cantora. No entanto, o tempo foi passando, ela continuava cantando, e a tourada propriamente dita não começava. As primeiras vaias se fizeram ouvir e foram se intensificando com o passar dos minutos, porque a tourada não começava. Hora e meia depois ninguém mais agüentava ouvir a bela Rozita. E a tourada não começava. As vaias aumentavam e a agitação nervosa ia se tornando insuportável. Tudo porque a tourada não começava.

Num certo momento, um assistente espanhol percebeu a presença de um pequeno cavalo amarrado próximo ao cercado. Não teve dúvidas: pulou o alambrado de madeira, montou no animal e começou a cavalgar, gritando, ferozmente, em bom castelhano. *Seus irresponsáveis. Nós viemos aqui para ver o touro, não a vaca*, obviamente se referindo de maneira desdenhosa à bela Rozita. A partir daí, os ânimos se acirraram ainda mais, para desespero do bom Gastão, saudoso administrador do campo. Resumo da ópera. Não houve rodeio. Não havia nenhum touro no local. Segundo o sr. Ângelo Savassa, uma das testemunhas da tourada fajuta e hoje residente na Avenida Goiás, perto do Clube da General Motors, a polícia teve muita dificuldade para conter a multidão.

Café do céu

No dia 28 de julho de 1956, um dos eventos em comemoração ao aniversário de São Caetano do Sul estava marcado para o antigo campo de futebol do CA Tamoyo, localizado no atual Bairro Olímpico, não muito distante do Estádio Municipal Anacleto Campanella. Naquela fria tarde de domingo, a empresa responsável pelo Café Jambo homenagearia o aniversário da cidade promovendo uma chuva de pequenos pacotes de café, cerca de cem gramas, amarrados cuidadosamente em pequenos pára-quadras.

Algumas centenas de pessoas atenderam ao convite feito ao longo da semana e se fizeram presentes ao local. Na hora anunciada, um pequeno avião começou a sobrevoar a área e a soltar os pára-quadras.

É fácil imaginar o tumulto que sobreveio. Todos queriam pegar pelo menos um pacotinho de café. Houve pisoteio, empurrões e mais empurrões. Felizmente nenhum caso mais grave de ferimento ocorreu. Mas a data tornou-se inesquecível.

Esta pequena história foi lembrada pelo sr. Álvaro Rossini, que também lutou pelo cafezinho e hoje, com 60 anos de idade, reside no Bairro Barcelona. Rossini aproveitou para recordar, também, o lamentável acidente ocorrido em 1946, quando um pequeno avião caiu na Avenida Goiás, sobre as árvores do Clube da General Motors, matando um casal de ocupantes. O avião incendiou-se antes de cair. Muito triste. *(João Bresciani)*

Paixão no teatro

Representações da Paixão ainda existem em muitos cantos, bem mais sofisticadas do que no meu tempo de criança. Qualquer grupo amador tem hoje muito mais recursos técnicos para representar o sofrimento e a morte de Cristo na cruz. E de maneira tão elaborada que o sacrifício do Salvador perde todo seu sentido no mar de luzes que nega, no luxo, a identificação de Jesus com os pobres. É o jeito mais fácil de perder a fé. A crucificação-espetáculo banaliza a salvação e faz dela uma diversão como outra qualquer.

Naquelas eras, sempre havia um circo num dos terrenos baldios do centro de São Caetano, em que a Paixão era representada. São Caetano ainda era o subúrbio operário, o cenário dominado pelas chaminés das fábricas. Ou o circo ficava no terreno à beira da linha do trem e da fábrica de velas, onde é hoje a Rodoviária, ou se apresentava no imenso quarteirão vazio em que foi depois o Cine Vitória. A molecada preferia a inevitável e repetida exibição de um velho filme, *O Rei dos Reis*, no Cine Max. Íamos ao cinema como se fôssemos à Igreja, em que o padre Ézio dava às cerimônias da Semana Santa uma solenidade tão profunda e tocante que, para mim, até hoje o paradigma do solene é a memória que tenho da celebração da Sexta-feira Santa.

Havia no lugar um grupo amador que se apresentava com o drama da Paixão em salões ou no circo. Esse grupo era sempre convidado pelo circo visitante para representar a Paixão, já sabida de cor e salteado. Uma lavadeira, vizinha da nossa casa, e boa amiga, fazia a Verônica. O marido, um operário, era soldado romano, se não me engano. O Cristo era o *seu* Tegão, o mais conhecido alfaiate do lugar. Fez o

primeiro *tailleur* de minha mãe, a pedido de minha avó portuguesa, mãe de meu pai. Lembro dele lá no fundo da alfaiataria, comprido e magro, sempre com um cigarro na boca, cortando pano. Os mais velhos dizem que *seu* Tegão não parava de fumar nem nos segundos anteriores à abertura da cortina para a encenação final, a da crucificação.

Conta Henry Veronesi que, numa das vezes, circo cheíssimo, *seu* Tegão, cigarro na boca, era fingidamente pregado à cruz, amarrado, vestido apenas com uma fralda branca. Cruz levantada, tudo pronto, cada ator no seu lugar, as cortinas começaram a ser abertas. *Seu* Tegão, imobilizado, que se distraía com o cigarro, cuspiu-o depressa e fez aquela cara de sofredor diante da multidão emocionada. Acontece que o cigarro, em vez de cair no chão, caiu na barra da fralda e entrou-lhe por dentro, entre o cós e a pele. E começou a queimar o púbis do artista. Tegão se retorcia de dor, suave desesperado, gemia um gemido de agonia, as palavras saíam entrecortadas, com dificuldade, das profundezas da garganta, com dificuldade: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*. Contorcia-se, olhava para cima, o branco agônico dos olhos revirados causando enorme pena nos expectadores. A multidão delirava, emocionada. Muitos choravam diante de tão realista sofrimento. Os outros atores se espantavam, tocados pelo talento do alfaiate. Fechadas as cortinas, Tegão foi aplaudido de pé, pela platéia comovida. Muitos queriam abraçá-lo. Nunca, jamais, em tempo algum, um ator desempenhara o papel de Cristo na cruz com tanta convicção e realismo. (*José de Souza Martins*)

Ladrões de galinha

Segundo informações, soube-se que ladrões audaciosos andam soltos pela cidade, invadindo residências e quintais, surrupiando tudo aquilo que estiver ao alcance de suas nojentas mãos.

Nestes últimos dias, o que está impressionando muita gente, principalmente os moradores das adjacências das Indústrias Pan, são os chamados ladrões de galinha.

Alguns galinheiros ficaram limpos, outros semivazios, mas houve um, que por mais incrível que pareça, ficou mais cheio ainda, fato curioso e digno de nota.

Foi assim: os *afanadores de penosas* já haviam *visitado* outros quintais e estavam com o recipiente repleto de galinhas, quando resolveram invadir mais um quintal e roubar, mas foram pressentidos pelo morador que acordou com o latido do cão de guarda e fez com que os larápios fugissem espavoridos.

Na fuga, os meliantes deixaram o saco com as galinhas que foram tiradas de outros quintais, e quando amanheceu o dia, aquela dona de casa viu-se, da noite para o dia, dona de uma verdadeira granja.

Mas não é sempre assim. Este foi um caso singular, que lembra um fato passado bem oposto a ele.

Certa vez, ladrões audaciosos pularam o muro de uma casa, roubaram todas as galinhas existentes no galinheiro e deixaram um bilhete no pescoço do galo com esta frase: *Estou sozinho desde a meia-noite...*

É bom que os sancaetanenses durmam com um olho aberto e não fechem o outro, pois poderão, ao acordar pela manhã, ser vítimas de uma desagradável surpresa. (*Vicente Russo – Jornal São Caetano de cinco de Agosto de 1953*)

Um *cruzado* do esporte

A história de Sérgio Luiz Lorenzini, futebolista de sucesso criado no Cruzada Esporte e grande incentivador dos esportes no município

Crédito: Fotos - Família Lorenzini

Faixas usadas por Sérgio Luiz Lorenzini quando garoto na Matriz de São Caetano do Sul



Sérgio Luiz Lorenzini nasceu em São Caetano do Sul, à Rua Roberto Simonsen, nº 96, ao lado da Rua Luiz Cavana, que leva o nome de seu bisavô materno, em 29 de março de 1930. Faleceu em dois de agosto de 1994. Era filho de Luiz Lorenzini e de Santa Cavana Lorenzini. Seu pai nascera em Hamburgo, Alemanha; sua mãe, em São Caetano do Sul. Filho único, casou-se em 15 de novembro de 1951 com Maria Thereza Rossi Lorenzini e teve dois filhos, Djalma e Cássia. Posteriormente, veio o neto André. Seu pai trabalhou por muito tempo no Frigorífico Ceratti e, depois, com irmão, tios e primos, sempre

no ramo da carne.

ADOLESCÊNCIA E MATURIDADE - Muito cedo começou a jogar futebol e estudar em bons colégios. Não tinha mais que dez ou 11 anos de idade e já jogava no Infantil Cruzada, clube fundado pelo saudoso padre Ézio Gislimberti, que exigia de todos os jogadores o ingresso na Congregação Cruzada Eucarística.

Foi campeão juvenil em 1945 pelo Cruzada Esporte. Tornou-se Congregado Mariano.

O Cruzada teve sua sede por vários anos nos fundos da casa onde moravam Sérgio Luiz e seus pais, situada à Rua Baraldi, até a compra de uma casa situada à Rua Manoel Coelho, pelo sr. Francisco Marinotti, que passou a ser a sede oficial



Juvenil Cruzada – Campo do São Caetano Esporte Clube, ano 1943. Da esquerda para a direita, em pé: Florindo, Sérgio, Lilo, Zinho, Antônio, Alexandre e Eurico Rossi. Agachados: Cerquinha, Guarato, Rieira, Balila, Valter e Pascoal



Infantil Cruzada – Campo do São Caetano Esporte Clube, ano 1941. Da esquerda para a direita, em pé: Rozinha e Rieira; agachado, Sérgio

do clube.

Eurico Rossi, seu cunhado, diretor por vários anos do Cruzada, inaugurou a nova sede com um retrato de Sérgio Lorenzini e seus pais. Quando o Cruzada deixou de existir, a sede foi doada para a Associação dos Vicentinos, que permanece lá até hoje.

FUTEBOL - O futebol foi tomando conta de sua vida, até que Sérgio Luiz foi jogar no infantil do Clube Atlético Ypiranga, onde se sagrou tricampeão. Tinha 17 anos quando defendeu a seleção paulista juvenil. Tornou-se campeão brasileiro em 28 de julho de 1947. Devido a isso tudo, largou os estudos no colegial (antigo científico).

Do Clube Atlético Ypiranga veio defender o São Caetano Esporte Clube, que disputava o campeonato do interior da Segunda Divisão de Profissionais. Queria muito que sua cidade, já naquela época, estivesse entre as de melhores clubes. Foi vice-campeão da série vermelha do interior no ano de 1948, perdendo o título na disputa em Limeira, contra o Rio Pardo

Futebol Clube, por 5 a 3.

Voltou, então, a jogar no Clube Atlético Ypiranga por vários anos, competindo contra Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Portuguesa, entre outros.

O Clube Atlético Ypiranga, por intermédio de seu olheiro e diretor Carlos Paeta, comparecia sempre aos jogos do São Caetano Esporte Clube e de clubes de várzea, a fim de descobrir novos talentos - assim descobriu Reinaldo Zamai, Sérgio Lorenzini, Valentino Chies, José Gonçalves, Elzo Lazzuri, Walter Marciano de Queiroz, Eugênio Bergamo, Antônio Chank, Antônio Brazi (Bobeira), Wilson (Ipiranguinha), José Riera.

Na seqüência, Sérgio Lorenzini jogou no Clube Atlético Juventus, na Ponte Preta, no São Bento de Sorocaba e no Paulista de Jundiaí.

Em 1989, foi homenageado pelo Clube Atlético Ypiranga com uma carteirinha permanente para usufruir livremente do clube.

OUTROS RUMOS - Quando parou de



Campeão juvenil brasileiro (27 de julho de 1947). Seleção paulista de novos, da esquerda para a direita, em pé: (?), Jaú, Nilo, Sérgio, Nejo, Cabeção e Renato. Agachados: Próspero, Fescina, Costa, Luizinho e Colombo



Ano de 1948 – Da esquerda para a direita, em pé: Biagio Cersosimo, Zinho, Escovinha, Sérgio, Neno, Mosca e Ninim, além do presidente Otávio Tegão. Agachados: Sulinho, Camargo, Ando, Wilson e Elzo

jogar se tornou o melhor vendedor da Cerâmica Assad S/A.

Mas o esporte estava em suas veias. Passou, então, a acompanhar os jogos regionais e os jogos abertos do interior, nos quais sua filha Cássia Lorenzini competia no tênis de campo.

A pedido de Antônio José dos Santos, (o Toninho dos Esportes), presidente da Comissão Municipal de Esportes, no ano de 1977 tornou-se diretor de tênis de campo feminino e masculino, nada recebendo por isso; ao contrário, com seus próprios recursos ajudou vários atletas.

Com sua visão e a competência da tenista Cássia, começaram a ser montadas equipes de base e equipes principais compostas dos melhores atletas de tênis do Brasil, equipes essas que por mais de duas décadas trouxeram inúmeros títulos importantes para a cidade.

Sua grande emoção nos Jogos Abertos de 1983 foi conseguir o tricampeonato feminino de tênis, título alcançado em campanha na qual sua filha Cássia Loren-

zini foi considerada a melhor de todas as tenistas inscritas.

Afonso Lucas, mais conhecido como Sulinho, era amigo inseparável de Sérgio Luiz e o considerava um lateral direito de muita personalidade, correto, amigo. Por exemplo, numa derrota do São Caetano Esporte Clube, em Rio Claro, contra o clube de mesmo nome, por 3 a 0, saiu de campo chorando, pois foi culpado pela perda do jogo, tendo sido consolado pelos outros jogadores.

Sua esposa e única namorada, Maria Theresa, a quem Sérgio Luiz chamava de *estrelinha*, acompanhava-o desde o namoro a todos os jogos do Cruzada Esporte e do São Caetano Esporte Clube.

Amou sua família, o futebol, o tênis e tudo que realizava até os últimos dias de sua vida.

(*) *Narciso Ferrari é empresário e memorialista de São Caetano do Sul*

Memórias do Nosso Futebol II

Fotos - Crédito: Paulinho da Villa



Foto da família da noiva. Da esquerda para a direita, em pé: Dirce, Nair, Eduardo, Odila, Mariquinha, Marisa e Clarice. Sentada a mãe Rosalina

Edessa vez, o resgate é um certo piquenique que aconteceu no Parque Pedroso, aí em Santo André, muito perto, onde hoje mora minha filha, a Paula Fabiana.

Dezenove de fevereiro: aniversário da minha sogra. Minha segunda mãe, que foi muitíssimo importante em toda a minha vida: D. Rosa Arroyo Ortega. Nesse dia, conseguimos reunir toda a família dela: o filho (o Eduardo) e todas as seis filhas: Dirce, Nair, Odila, Mariquinha, Marisa, Clarice e, sentada, Rosa (conhecida como Rosalina). E, evidentemente, também reu-

nimos todos os seus genros: o Gerson, o Ângelo, o Cristiano, o Olívio, o Haroldo e eu, o Paulinho da Vila. O churrasco, que foi *da hora*, aconteceu depois do jogo. Jogo que foi um verdadeiro desafio: nós, os “filhos” da dona Rosa, contra os netos dela e alguns amigos. O time dos “filhos” dela: o Edu (seu filho goleiro), o Ângelo, o Cristiano, o Haroldo e eu. Um timão. O time dos seus netos e amigos: o Mota (goleiro amigo), o Toninho, o Maurão (amigos do Eduardo Piva, neto de dona Rosa) e o Cidão. O Gerson nunca foi de jogar futebol, mas assistiu ao jogo. Importante não foi o resultado, de que nem me lembro, mas a festa, a homenagem que



Time de futebol do Parque das Nações. Olívio é o primeiro da esquerda para a direita, agachado



Olívio e Nair no dia do casamento

fizemos a nossa velha.

Foi aí, e somente aí, que vi os meus concunhados jogarem. Do Cristiano e do Zequinha já lhes falei, leitores, no número anterior. Do Gerson, de quem infelizmente não tenho nenhuma recordação futebolística, pouco posso falar. Dos outros dois, porém, tenho algo a dizer: do Olívio, não muito; do Ângelo, bastante coisa.

Começamos pelo Olívio. Praticamente um menino. Um menino índio. Aliás, em nossas brincadeiras de família, eu sempre dizia: - *É um aborígine!* Representa o nosso índio que, em virtude da sua beleza tropical, conquistou, não só o coração da Nair, (para nós, a Ni), mas também o coração de toda a família, inclusive o meu.

Sobre sua vida, muita coisa a dizer; sobre sua relação com o futebol, pouca. O malandro jogava de centroavante no EC Parque das Nações, aí em Santo André. Infelizmente, não tive oportunidade de conversar com ele sobre a sua carreira de jogador de futebol de várzea. Sei, através da minha cunhada, que o nariz dele, um pouco chato, foi resultado de cotovelada de zagueiro. Sei também que jogou no Corintinha de Santo André. Como futebolista, pouco; como meu concunhado, muito. Segundo a Ni, ele já não jogava

quando se conheceram. Era, na época, diretor social do EC Parque das Nações e responsável pela organização dos bailes do clube. Ela era cantora da Orquestra Copacabana. Assim, era ele que arrumava o microfone, que testava o som, para ela cantar. E, num desses bailes, depois que ela interpretou uma seleção de boleros, ele a convidou para dançar. Resultado: o casamento, realizado no dia 14 de dezembro de 1968. A menininha à esquerda da foto, Marisa, minha esposa, de vestido de bolinhas. Ao centro o casal: o índio de terno e gravata beijando a noiva Nair. Desse casamento, dois frutos: o Denílson e a Daniela, dois meninos incríveis. Pena que o espaço é pouco, pois, se fosse maior, eu teria muito a dizer sobre eles. Mas nosso assunto é futebol, e, por isso, agora é tempo de apresentar-lhes meu outro concunhado, o Ângelo Piva. Falaremos também do Gerson, *companheiro* do Piva e meu concunhado mais velho.

Falar do Gerson como jogador de futebol infelizmente não posso. Aliás, ele nunca ligou para isso. Embora torcedor do Corinthians, o futebol lhe era indiferente. Nunca o fascinou. Casou-se com a primeira filha da minha sogra: a Mariquinha. (Quinha para nós e dona Maria Ortega



À Time aspirante do tricolor num jogo entre o São Paulo e o Corinthians, em 1950. Da esquerda para a direita: (?), Rui, Fernando, Piva, Mesquita, Aníbal. Agachados: Lopes, (?), Simão, Sucuri e Bernardi

Pontes para o mundo.) Quando solteiro, morava na Rua Comendador Souza, em frente ao Estádio do Nacional AC, um dos mais tradicionais times de futebol da cidade de São Paulo. Era amicíssimo do Ângelo Piva, que viria a ser seu concunhado. Conheceram-se quando ele namorava a Quinha, pois, na mesma época, o Piva namorava a Odila (irmã mais nova da Quinha). Embora morasse em frente ao campo do Nacional AC, como já disse, o Gerson não gostava de futebol. Já o Piva não só gostava como jogava, naquele tempo, num dos mais tradicionais times de futebol da cidade: o Clube Atlético Ypiranga, agremiação que revelou inúmeros e verdadeiros astros no cenário futebolístico do país. Entre eles podemos citar Rubens, meia-direita que ficou famoso atuando, mais tarde, pelo Vasco da Gama e pela Seleção Brasileira. Outro meia famoso, oriundo do Ypiranga mas que começou no Cruzeiro, do Bairro Cerâmica, em São Caetano do Sul, foi o Valter. (O campo do Cruzeiro era perto do Tamoyo.) Depois ele passou pelo Santos FC, pelo Vasco da Gama e foi para a Espanha, onde morreu. Também não podemos nos esquecer de Homero, zagueiro que pertenceu ao Sport Clube Corinthians Paulista, campeão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Tive o prazer de ver Homero jogando no Anacleto Campanella, contra a extinta AA São Bento, por volta de 1955/56/57. Outro filho famoso do Ypiranga foi o meia Limi-

nha, que jogou na Sociedade Esportiva Palmeiras.

Mas uma coisa os unia: a pesca. Eram verdadeiros pescadores e, assim, um tanto mentirosos em relação *ao tamanho do peixe*. Só o futebol os separava, pois o Piva, como já disse, era amador no CA Ypiranga e só não foi profissional porque, como tantos outros naquela época, precisava trabalhar para ajudar a família. Só o vi jogar uma vez, naquela festa de aniversário da minha sogra, sobre a qual já me referi. Modéstia à parte, conheço um pouco de futebol. Nos poucos 20 ou 30 minutos que ele jogou, deu pra ver que devia ter sido um craque com a bola nos pés. Pena que a vida atribulada que levava, quando vivo, não me permitiu fustigá-lo, para que me contasse com detalhes a sua carreira de jogador de futebol. Abaixo, o que pude apurar dele e daqueles que o conheceram.

Começou a jogar no CA Ypiranga, entre as décadas de 40 e 50 do século passado. Do Ypiranga, clube do bairro em que morava, foi para o São Paulo FC. Ao seu lado esquerdo, o (terceiro) goleiro Fernandes, que mais tarde ficou famoso defendendo o gol do XV de Piracicaba (curiosamente a cidade em que, anos mais tarde, foi morar o Gerson), primeiro clube do interior a subir para a primeira divisão da FPF - Federação Paulista de Futebol.

Este encontro, na vida dele, foi importantíssimo em virtude de uma dividida



As festas sempre eram regadas de emoção e futebol

com um atacante do Timão aspirante. O Piva foi obrigado a encerrar a carreira. Na época, não havia a assistência médica de hoje. Quando ele se lembrava disso, não podia deixar de exteriorizar, não apenas sua revolta, mas também sua antipatia e seus preconceitos em relação ao Corinthians. Fumando seu cigarrão de palha, que ele mesmo preparava, desabafava: - *Foi naquele campo, um verdadeiro pasto na Marginal, que fui obrigado a encerrar minha carreira. Por isso, não posso nem ouvir falar naquele timinho que só tinha preto e "baiano"!*

Mas isso era só aparência. Eu, o Paulinho da Vila, seu concunhado, sou preto, "baiano" e corinthiano, mas, mesmo assim, ele me considerava como um irmão. Um dia, contudo, quando ele recordava o fato acima, o meu sangue preto e "baiano" (pernambucano, em realidade) não resistiu e lhe roguei um praga: - *Você, profetizei iradamente, ainda vai ter netos pretos e baianos!*

E não deu outra. Sua filha, um das minhas sobrinhas prediletas, a Ângela, casou-se com o Cidão, mulato pernambucano conhecido pelos torcedores do Gise-la, clube famoso de São Caetano do Sul, como Chupeta. Dessa união vieram os netos pretinhos: a Danila e o Daniel. O Piva, quando vivo, amou os dois de pai-

xão, tanto que causava ciúmes aos outros dois netos que também conheceu em vida, a Ellen e o Duzinho, branquinhos, filhos do Eduardo, seu filho mais velho - e ruim de bola, pois não puxou ao pai -, e da Janoca (para mim), a Jane para a família. Embora goste de todos os meus sobrinhos, por parte da Marisa, esse é o meu casal predileto.

E, para terminar, prestem atenção na foto acima: em destaque, o Piva, ao lado direito, com seu cigarrão de palha; ao esquerdo, sua esposa, minha cunhada, a Odila. Ao lado dela, meu único cunhado, o Eduardo, irmão dela. De costas, num primeiro plano, a Ângela, sua filha. Também de costas, de camisa quadriculada, o Gerson, seu maior amigo na família e inesquecível concunhado para nós dois: eu e o Piva.

Perceberam, então, leitores, que estou resgatando, através do futebol, nesses escritos, as emoções, que são muitas, das minhas relações de afeto com as pessoas da família da minha esposa: a Marisa.

(*) *Paulinho da Villa é professor aposentado da rede municipal e estadual de São Paulo*

Reunião da Delegacia do CIESP (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), no final da década de 1950. Da esquerda para a direita: Jorge Straus, Pedro Sukadolnik, Carmine Walter Barile, Sebastião Sampaio de Assis, Antônio Caparrós Guevara, João Safrany e Jordano P.S. Vincenzi. Ao fundo, da esquerda para a direita: Urames Pires dos Santos e Nelson Sotto Maior



Acervo: Afonso Lucas (Sulinho)



Em 1948, um grupo de jogadores de São Caetano foi jogar na cidade de Pinhal contra o Pinhalense. O jogo foi realizado no Ginásio Pinhalense, e a recepção foi com caroco de manga. Resultado: 2x0 para o Pinhalense. Da esquerda para a direita, em pé: Loris, Alcides (ex-presidente do Clube Ipiranguinha), ?, ?, ?, José Fux (diretor de Esporte de São Caetano), Antônio Mosca, ?, ? e Gastão (administrador). Agachados: Hélio Ribeiro (Ribeirão), Escovinha, Neno, Ando, André (motorista), Sulinho, ?,?

Acervo: Milza Maria Garcia



Ano de 1948. Vista das casas da Rua Maranhão, 1436, cujos proprietários eram Paulo Alves Martins da Cunha e Atílio Nunhes. As crianças no portão são Milza e Mirley



Padaria Marialva, propriedade da família Roque. O estabelecimento situava-se na esquina das ruas Taipas e Maceió, no Bairro Barcelona. Da esquerda para a direita: Antônio Roque, Antônio Carlos Roque, Maria Clara Roque e Armindo Capelas Roque. Ano de 1952

Acevo: Antônio Carlos Roque



Quando nasceu o filho de Sérgio Luiz Lorenzini, ele estava jogando no Pacaembu. Era dia 14 de janeiro de 1953. O Ypiranga jogava com a Portuguesa de Desportos, e na Portuguesa jogava Djalma Santos, o grande jogador daquela época. Como o nome do filho do Sérgio seria Djalma, Jayme da Costa Patrão (de quem os pais de Sérgio, Santa e Luiz, haviam sido padrinhos de casamento) presenteou Sérgio com um jogo de xícaras e pratinhos para crianças, desenhado e pintado pelo próprio Jayme, com o nome de Djalma Santos, pensando que assim se chamaria o filho de Sérgio, e não Djalma Luiz. Também na hora do batizado padre Ézio Gislimberti olhou para o Sérgio e perguntou se esse era mesmo o nome que ele queria, Djalma. Sérgio explicou que Djalma era uma homenagem a um amigo querido e não ao jogador, que ele aliás admirava. Ao lado as peças pintadas por Jayme Patrão, que estão guardadas até hoje pela esposa de Sérgio, Maria Thereza R. Lorenzini

Praça Primeiro de Maio, em 1956. À esquerda, Ingo Egerland; ao fundo, o casario da Rua Manoel Coelho



Os irmãos Sigurd e Edgar Egerland, na Rua Monte Alegre, em 1946. Aparecem com o uniforme da Escola Paroquial São José (atual Instituto de Ensino Sagrada Família)



Fotos - Acervo: Rita Carlovich



Rua Monte Alegre, na década de 1940. Da esquerda para a direita: Kátia, Carlos e Helena Flekner



Professores e alunos da turma de quarto ano da Escola Paroquial São José, em frente à Igreja Matriz Sagrada Família, em 1946. Sentados, da esquerda para a direita: Bernadete Pereira, Bruna Cassetari Ricci, padre Arthur Virgillis, dr. Roberto Gomes Caldas Filho (paraninfo da turma), Verino Segundo Ferrari (diretor) e Olga Montanari de Mello. Em pé, aparecem também os professores Giacomo Benedetti e Carmelita da Silva



Mercadinho Central da Cerâmica, (fundado em 1924 por Francisco Massei), em suas novas instalações na Avenida Senador Roberto Simonsen, nº 1799

Parque Infantil Irineu da Silva (atual EMEI Irineu da Silva), em 1970. Primeiro parque infantil modelo de São Caetano. Funcionava durante a semana como escola, abrindo aos domingos ao público. Possuía brinquedos semelhantes aos da Cidade das Crianças. Da esquerda para a direita, as professoras Maria José Mazzutti, Maria Luíza Sant'Ana, Neves dos Ramos e Maria Roseli Conti Rodrigues



Fotos - Acervo: Maria José Mazzutti Colonhezzi

Armazém que se localizava na esquina das ruas Monte Alegre e Rio Grande do Sul. Identificou-se apenas Carlos Fedatto, o segundo da esquerda para a direita. Ano de 1945



Exposições



Fotografias - Oswaldo Hernandez e Glauco França

Aberta no dia 18 de janeiro, a exposição *Fotografias* reuniu 59 trabalhos dos fotógrafos Oswaldo Hernandez e Glauco França.

Espaços urbanos, principalmente locais de São Caetano, foram captados pelas lentes dos profissionais, que escolheram o filme preto e branco para representar as sensações e emoções das linhas e formas de cada paisagem.

Oswaldo Hernandez apresentou imagens de espaços urbanos, de São Paulo e de São Caetano, pessoas e objetos. O fotógrafo trouxe ainda a série *Padrões* e quatro fotos da série *Paisagem doméstica*, apresentada em 2003 no Conjunto Cultural da Caixa, em São Paulo. Glauco França apresentou fotografias realizadas em 1990, no Bairro Cerâmica. Foram 25 imagens que retrataram as ruínas da antiga Cerâmica São Caetano. A exposição *Fotografias* ficou em cartaz na Pinacoteca até o dia 24 de fevereiro.

“Não me leve a mal... hoje é Carnaval”

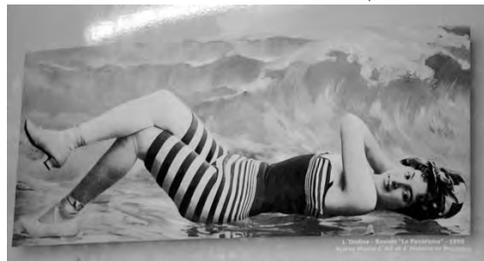
Um trecho da famosa música *Máscara Negra*, de Zé Kéti e Pereira Matos, deu nome à exposição “*Não me leve a mal...hoje é Carnaval*”, que ficou em cartaz no Salão de Exposições II de três de fevereiro a 31 de março.

As 27 imagens da mostra apresentaram flagrantes de velhos carnavais da cidade, com suas principais figuras e personagens, bem como imagens de uma das escolas de samba do atual carnaval sul-sancaetanense.



Complementaram a exposição trechos de antigas músicas de carnaval, como *Ô Abre Alas*, de 1899.

A Moda Praia de Todos os Tempos



O Museu Histórico Municipal mostrou a evolução da *moda praia* na exposição *A Moda Praia de Todos os Tempos*, promovida de nove de fevereiro a sete de abril.

Através de 138 imagens, do final do século XIX ao início do século XXI, (algumas cedidas pela Secretaria do Estado da Cultura, outras provenientes ou do próprio Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória ou de empréstimo de moradores da cidade), foi possível conhecer a relação entre a cultura do banho de mar e a evolução da *moda praia*.

Além das fotografias, 43 peças, como maiôs, biquínis, toalhas e calções de banho masculinos, espalhadas pelo espaço expositivo, complementaram a mostra, ao lado de anúncios publicitários desse tipo de vestuário datados dos anos 20, 30 e 50 do século passado.

Vermelha

O tempo, os ciclos da vida, as memórias femininas e a condição humana, transportados para obras de arte, construíram o ambiente de *Vermelha*, exposição da

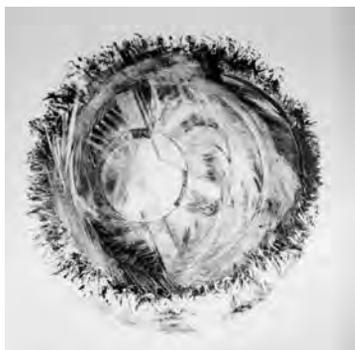


artista plástica Alzira Fragoso que teve curadoria da crítica de arte Kátia Canton e ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal de 16 de março a 28 de abril.

A exposição apresentou 17 obras de Alzira, entre esculturas, painéis e móveis. O suporte principal foi o mármore, onde a artista trabalhou figuras cravadas com ponta de diamante e bastão oleoso. Rendas e tecidos, como organza, linho e algodão, também foram utilizados nos trabalhos, além do acrílico.

Alzira Fragoso trabalha com artes plásticas há 12 anos e já expôs no Brasil e no exterior. Já a curadora Kátia Canton, além de crítica de arte, é docente e atual coordenadora da divisão de Educação do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

Novas aquisições



No mesmo período, uma parte do espaço expositivo da Pinacoteca foi dedicada à mostra *Novas Aquisições*, que trouxe as novidades do acervo da instituição. Em 2005, a Pinacoteca adquiriu nove obras e recebeu a doação de outras seis. Esses 15 trabalhos foram apresentados ao público.

As doações, feitas pelo mestre-impressor Roberto Gyarfi, incluem obras de Ciro Cozolino, Aldemir Martins, Ubirajara Ribeiro e Neboja Lazic. Os trabalhos adquiridos são dos artistas Setuko, Dumas, João Tessarini, Antônio Peticov, Maria Bonomi, Aldemir Martins e Neboja Lazic.

Trafegando pela memória - Um passeio pela evolução dos transportes em São Caetano



Com o objetivo de resgatar a evolução dos transportes em São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória apresentou a exposição *Trafegando pela memória - Um passeio pela evolução dos transportes em São Caetano*, de primeiro de abril a 31 de maio, no Salão de Exposições II.

Com imagens que retrataram os diversos veículos que circularam na cidade, em diferentes períodos, a exposição apresentou ainda imagem de uma carta de habilitação de cocheiro e outra de uma caderneta de passageiro da primeira classe dos trens de subúrbio da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (antiga São Paulo Railway).

Gregos – Cotidiano e Cultura



De 27 de abril a 14 de junho, o Museu Histórico Municipal, trouxe um pouco da Grécia para a cidade e promoveu a exposição *Gregos – Cotidiano e Cultura*, uma pequena mostra da presença dos imigrantes gregos e seus descendentes em São Caetano e na região do ABC.

Composta de objetos como réplicas de esculturas, peças decorativas, de enxoval, bonecos caracterizados, cartões postais, livros, painéis ilustrativos, fotografias e documentos, a mostra aproximou o visitante da cultura e dos costumes do povo grego. As peças foram

emprestadas por famílias gregas da região e pelo Consulado Geral da Grécia.

Exposição simultânea de Colette Pujol e Márcia Kikuchi



Trabalhos de duas artistas, de estilos e épocas diferentes. A exposição simultânea de Colette Pujol e Márcia Kikuchi entrou em cartaz, na Pinacoteca Municipal, em 11 de maio, e permanecerá aberta ao público até 24 de julho.

O trabalho de Colette aparece em 27 obras figurativas, sendo 22 em pastel sobre papel, três em óleo sobre tela e um esboço em carvão, que têm como tema principal a *natureza morta*, em telas muito coloridas. Já os 16 trabalhos em acrílico de Márcia, que expôs pela primeira vez no ABC, são contemporâneos e também utilizam muita cor.

Entre as obras de Colette, 23 são do acervo da Pinacoteca. Foram doadas à instituição em 2005, por um grupo formado por ex-alunos, familiares e amigos da artista. Os trabalhos estão sendo expostos pela primeira vez.

As artistas

Colette Pujol - Iniciou seus estudos artísticos na Escola Superior de Belas Artes de Paris. Foi professora da



Escola de Belas Artes de São Paulo e do Liceu Pasteur. Suas obras estão em acervos importantes como os da Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Museu de Arte Brasileira da FAAP, do Museu do Café de Ribeirão Preto, do acervo do Palácio dos Bandeirantes e, agora, da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul.

Márcia Kikuchi formou-se em Artes Plásticas pelo Centro Universitário Belas Artes. No Brasil, já expôs no Espaço Cultural V Centenário da Assembléia Legislativa de São Paulo, na Fundação Nacional de Arte (Funarte) e no Espaço Cultural Superior Tribunal de Justiça, em Brasília. No exterior, seus trabalhos já foram vistos na França, na Itália e nos Estados Unidos.

Lançamentos

Livro Cantos e Recantos



No dia 11 de maio, a Fundação Pró-Memória lançou o livro *Cantos e Recantos*. Com 164 páginas, a décima oitava publicação da instituição apresenta uma coletânea de contos, de 31 escritores da região, que resgata o imaginário e a identidade cultural de São Caetano.

Professores, jornalistas, memorialistas, historiadores e membros da Academia de Letras da Grande São Paulo, moradores da cidade ou identificados com ela, escolheram temas relacionados a São Caetano e a suas vivências. Ruas, praças, igrejas, monumentos, símbolos, rios e árvores tornam-se emoções e sentimentos nas páginas do livro.

Eventos

Dia Internacional da Mulher

A Fundação Pró-Memória participou, no dia 11 de



março, do evento Saúde Mulher, organizado pela Diretoria de Saúde e que contou com a participação de diversos departamentos da Prefeitura e instituições da cidade.

Para homenagear a mulher, a Pró-Memória preparou uma exposição com 27 imagens de mulheres da cidade, do final do século XIX até a década de 1960. Além disso, marcadores de livro foram distribuídos aos participantes do evento.

Projetos



Manhã Profissional

O Museu Histórico Municipal lançou, no dia 11 de março, o projeto Manhã Profissional, que tem o objetivo de tornar a instituição mais conhecida, ampliar seu público e divulgar suas atividades entre os diversos segmentos profissionais. O projeto já contemplou os médicos e os dentistas da cidade.

Durante os encontros, os convidados conhecem as instalações do museu e ainda participam de uma pequena palestra sobre a história da cidade. Além disso, inteiram-se da programação da instituição, podendo, assim, divulgá-la entre amigos, familiares e clientes.

Os encontros são bimestrais e a intenção é atingir todos os segmentos profissionais.

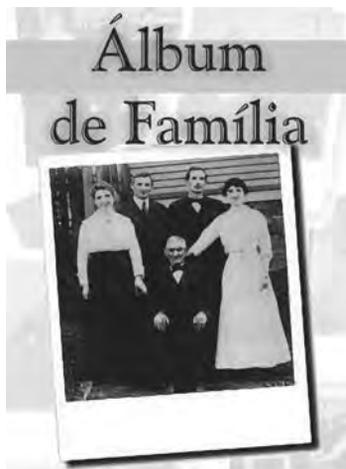
Era uma vez...

No dia 27 de março, a Fundação Pró-Memória, em parceria com a Diretoria de Educação, lançou o projeto Era uma vez... com o objetivo de resgatar a trajetória da educação infantil municipal.

Através de folhetos e de exposições fotográficas, montadas no quiosque principal do Espaço Verde Chico Mendes, todas as 40 instituições responsáveis pelo ensino infantil da cidade estão sendo retratadas.

Imagens do acervo da escola e do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória formam as exposições. Para cada escola também é produzido folheto com pequeno histórico da instituição de ensino. Funcionários, professoras, diretoras, pais e alunos recebem o material. As primeiras escolas municipais de educação infantil abordadas foram a Primeiro de Maio e a João Barile.

Álbum de Família



No dia primeiro de abril, a Fundação Pró-Memória lançou o projeto Álbum de Família, como parte integrante do programa São Caetano Bairro a Bairro, desenvolvido pela Prefeitura Municipal.

O projeto consiste em fotografar famílias

moradoras da cidade, para que estas imagens passem a fazer parte dos registros do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória.

Além de estimular a participação das pessoas nas atividades e na preservação da história das famílias, Álbum de Família pretende colaborar para a ampliação e atualização do acervo fotográfico da instituição.

Uma cópia da fotografia é arquivada no Centro de Documentação da Fundação Pró-Memória.

(*) *Paula Fiorotti é jornalista*



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul



SEDE ADMINISTRATIVA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
PINACOTECA MUNICIPAL
Avenida Dr. Augusto de Toledo. 255
Telefones: 4221-9008 ou 4221-7420



MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini. 122
Tel: 4229-1988



SALÃO DE EXPOSIÇÕES I
Avenida Goiás. 600 - térreo



SALÃO DE EXPOSIÇÕES II
Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen. 566



VOCÊ PODE CONHECER
NOSSO SITE!

www.fpm.org.br



PUBLICAÇÕES
Livros e Revistas
História da cidade. história dos bairros.
pontos históricos. fotografias. mapas.
programação de exposições. eventos.
notícias e muito mais!

ISSN 1415-3173

